



**Fundação Casa de Rui Barbosa**  
Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos  
Mestrado Profissional em Memória e Acervos

Ananda Borges Paranhos

**Construindo gêneros discursivos na rede: uma proposta de reformulação  
da linguagem verbal escrita das páginas *web* do Arquivo-Museu de  
Literatura Brasileira**

Rio de Janeiro

2019



Ananda Borges Paranhos

**Construindo gêneros discursivos na rede: uma proposta de reformulação da linguagem verbal escrita das páginas *web* do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Área de Concentração: Patrimônio documental: representação, gerenciamento e preservação de espaços de memória.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Vasconcellos

Coorientadora: Profa. Dra. Soraia Farias Reolon

Rio de Janeiro

2019



**CATALOGAÇÃO NA FONTE**  
**FCRB**

**P223**      **Paranhos, Ananda Borges**  
              **Construindo gêneros discursivos na rede: uma proposta de**  
              **reformulação da linguagem verbal escrita das páginas *web* do Arquivo-**  
              **Museu de Literatura Brasileira/ Ananda Borges Paranhos. – Rio de**  
              **Janeiro, 2019.**  
              **103 f. : il.**  
  
              **Orientadora: Profa. Dra. Eliane Vasconcellos.**  
              **Coorientadora: Profa. Dra. Soraia Farias Reolon.**  
              **Dissertação (Mestrado em memória e acervos) – Programa de pós-**  
              **graduação em memória e acervos, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2019.**  
  
              **1. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo-Museu de Literatura**  
**Brasileira.**  
              **2. Sistemas hipertexto. 3. Linguagem e internet. I. Vasconcellos, Eliane. II.**  
              **Reolon, Soraia Farias. III. Título.**

**CDD: 068.8153**

***Responsável pela catalogação:***  
***Bibliotecária – Carolina Carvalho Sena CRB 6329***

**Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
dissertação.**

---

**Assinatura**

**Data**



Ananda Borges Paranhos

**Construindo gêneros discursivos na rede: uma proposta de reformulação da linguagem verbal escrita das páginas *web* do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Área de Concentração: Patrimônio documental: representação, gerenciamento e preservação de espaços de memória.

Aprovada em 6 agosto de 2019.

Orientadores

---

Profa. Dra. Eliane Vasconcellos (Orientadora)  
FCRB

---

Profa. Dra. Soraia Farias Reolon (Coorientadora)  
FCRB

Banca examinadora

---

Profa. Dra. Ana Ligia Medeiros  
FCRB

---

Prof. Dr. Tiago Cavalcante  
Colégio Pedro II – CPII

Rio de Janeiro

2019



## DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Edmur (*in memoriam*) e Sueli, e ao meu companheiro Luis Henrique.



## AGRADECIMENTOS

À minha família pelo amor, compreensão e carinho durante a trajetória desta pesquisa.

À Rosely Curi Rondinelli minha gratidão pela amizade, incentivo e olhar atencioso na construção do presente trabalho.

Aos amigos Antonia Sousa, Jorge Phelipe Lira de Abreu, Madalena Schmid, Marci Rodrigues Innecco, Marta Magalhães Clemente pelo estímulo e companheirismo; e especialmente a Camila Teixeira pelo aporte e apoio durante a minha jornada.

As Professoras Dra(s). Eliane Vasconcellos e Soraia Faria Reolon pela orientação, respeito e confiança, e por se colocarem à disposição durante todo o processo de desenvolvimento desta pesquisa.

Aos Professores Dr(s). Ana Ligia Medeiros e Tiago Cavalcante por aceitarem fazer parte desta banca. Em particular a Tiago pelo aporte teórico fundamental para a construção desta dissertação.

Ao corpo docente e discente do Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa, em especial a professora Laura do Carmo e ao colega Marcos Vilela pela parceria e pela força na superação de obstáculos surgidos ao final do curso.

À Rosângela Florido Rangel, chefe do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, pelo apoio e confiança depositada.

À equipe do Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa pela disponibilidade e dedicação na busca de fontes primárias indispensáveis para o processo da minha pesquisa.

Por fim, a todos que colaboraram para que eu chegasse até aqui meu muito obrigada.



Para não arrefecerdes, imaginai que podeis vir a saber tudo; para não presumirdes, refleti que, por muito que souberdes, mui pouco tereis chegado a saber.

Rui Barbosa,  
*Discurso no Colégio Anchieta, 1903.*



## RESUMO

PARANHOS, Ananda Borges. *Construindo gêneros discursivos na rede: uma proposta de reformulação da linguagem verbal escrita das páginas web do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira*. 2019. 103 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Memória e Acervos) – Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2019.

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa sobre a importância da linguagem verbal escrita no processo de construção de páginas *web* para a comunicação precisa na rede. Por meio de uma abordagem teórica e empírica, critica a supervalorização da tecnologia digital em detrimento de uma linguagem verbal em consonância com os padrões da área da Linguística. Sua fundamentação se dá a partir da limitação dos padrões da *web* no que se refere à elaboração de textos na rede. Com base nessa análise, recorreremos ao conceito de linguagem verbal abordado pelo Círculo de Bakhtin sobre gêneros do discurso. Como produto, apresentamos um protótipo de navegação de conteúdos escritos aplicados à estrutura hipertextual da *web* para as páginas do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, escorado na teoria dos gêneros discursivos. Esse protótipo visa a estabelecer uma comunicação verbal concisa, precisa e eficiente entre essas páginas e seus usuários, inserida dentro de uma cadeia de gêneros discursivos identificáveis.

Palavras-chave: Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. *Sites* da *web*. Sistemas hipertexto.

Linguagem e internet.



## ABSTRACT

PARANHOS, Ananda Borges. *Constructing discursive genres in the network: a proposal for reformulation of verbal language written on the web pages of the Arquivo-Museu de Literatura Brasileira*. 2019. 103 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Memória e Acervos) – Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2019.

The present work is the result of a research on the importance of verbal language written in the process of building web pages for accurate communication in the network. Through a theoretical and empirical approach, he criticizes the overvaluation of digital technology in detriment of a verbal language in accordance with the standards of the area of Linguistics. Its rationale is based on the limitation of the web standards regarding the elaboration of texts in the network. Based on this analysis, we turn to the concept of verbal language addressed by the Bakhtin Circle on discourse genres. As a product, we present a navigation prototype of written content applied to the hypertextual web structure for the pages of the Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, based on discursive genres theory. This prototype aims to establish a concise, precise and efficient verbal communication between these pages and their users, materialized within an identifiable chain of discursive genres.

Keywords: Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Sites web. Hypertext System. Internet and language.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	A trajetória do AMLB na FCRB .....	28
Figura 2	Ficha índice do Arquivo Peregrino Júnior n. 85 .....	35
Figura 3	Quadro de arranjo do Arquivo Thiers Martins Moreira .....	35
Figura 4	Extrato de arranjo do Arquivo Jorge de Lima .....	37
Figura 5	Série Inventário do Arquivo .....	38
Figura 6	Página principal da primeira interface do <i>website</i> da FCRB, 1998.....	45
Figura 7	Layout da arquitetura atual do <i>site</i> da FCRB.....	46
Figura 8	Barra de identidade do Governo Federal. ....	47
Figura 9	Nova barra de identidade do Governo Federal. ....	48
Figura 10	Extrato da página VISITE O ARQUIVO GONZAGA DUQUE, 2001. ....	49
Figura 11	Primeira página do AMLB no <i>website</i> da FCRB, 2003. ....	51
Figura 12	Extrato da página individual do titular Ribeiro Couto, 2003.....	52
Figura 13	Menu suspenso do <i>website</i> da FCRB, 2018.....	53
Figura 14	Página ARQUIVOS LITERÁRIOS, 2018.....	54
Figura 15	Página CONSULTA AOS ARQUIVOS LITERÁRIOS, 2018.....	55
Figura 16	Conteúdo da página ARQUIVOS E COLEÇÕES A-L.....	57
Figura 17	Conteúdo da página ARQUIVOS E COLEÇÕES M-W .....	58
Figura 18	Protótipo da página principal APRESENTAÇÃO .....	82
Figura 19	Protótipo da página secundária INVENTÁRIOS.....	84
Figura 20	Protótipo da página secundária DOCUMENTOS DIGITALIZADOS.....	86



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
AES	Acervo de Escritores Sulinos
AML	Arquivo-Museu de Literatura
AMLB	Arquivo-Museu de Literatura Brasileira
AN	Arquivo Nacional (Brasil)
Arpanet	Advanced Research Projects Agency Network
Bitnet	Because It's Time to Network ou Because It's There Network
BN	Biblioteca Nacional (Brasil)
BnF	Biblioteca Nacional da França
CEDAE	Centro de Documentação Alexandre Eulálio
CEMM	Centro de Estudos Murilo Mendes
CERN	European Organization for Nuclear Research
CLB	Centro de Literatura Brasileira (Fundação Casa de Rui Barbosa)
CMI	Centro de Memória e Informação (Fundação Casa de Rui Barbosa)
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COC	Casa de Oswaldo Cruz
Codearq	Código de Entidades Custodiadoras de Acervos Arquivísticos (Brasil)
Conarq	Conselho Nacional de Arquivos (Brasil)
CP	Centro de Pesquisa (Fundação Casa de Rui Barbosa)
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
Dphan	Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
e-gov	Governo Eletrônico
e-PWG	Padrões <i>Web</i> em Governo Eletrônico
Faperj	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
FCJA	Fundação Casa de Jorge Amado
FCRB	Fundação Casa de Rui Barbosa
FFHC	Fundação Fernando Henrique Cardoso



FGV	Fundação Getúlio Vargas
FNpM	Fundação Nacional Pró-Memória (Brasil)
GIF	Graphics Interchange Format (Formato para intercâmbio de gráficos)
HTML	Hypertext Markup Language (Linguagem de Marcação de Hipertexto)
HTTP	Hypertext Transfer Protocol (Protocolo de Transferência de Hipertexto)
IBM	International Business Machines
IEB	Instituto de Estudos Brasileiros
IMN	Inspetoria de Monumentos Nacionais
IMS	Instituto Moreira Salles
Iphan	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MAMM	Museu de Artes Murilo Mendes
MAST	Museu de Astronomia e Ciências Afins
MHN	Museu Histórico Nacional
NSF	National Science Foundation
Nobrade	Norma brasileira de descrição arquivística
PDF	Portable Document File (Formato de documento portátil)
Pibic	Programa Institucional de Bolsista de Iniciação Científica
PIPC	Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área da Cultura
PUC/RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RNP	Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (Brasil)
Rubi	Repositório Rui Barbosa de Informações Culturais
Sphan	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
URI	Uniform Resource Identifier (Identificador Uniformizado de Recursos)
URL	Uniform Resource Locator (Localizador Uniformizado de Recursos)



USP      Universidade de São Paulo  
W3C      World Wide Web Consortium  
WWW      World Wide Web (Rede Mundial de Computadores)



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1 O ARQUIVO-MUSEU DE LITERATURA BRASILEIRA</b> .....	21
1.1 Da idealização à institucionalização do “arquivo-museu menino” .....	23
1.2 O lugar do AMLB na FCRB .....	26
1.3 Formação e organização dos acervos do AMLB .....	31
1.4 Informatização dos inventários dos acervos arquivísticos .....	38
<b>2 O ARQUIVO-MUSEU NA INTERNET</b> .....	40
2.1 O processo de construção de <i>websites</i> governamentais .....	41
2.2 A evolução do <i>website</i> da FCRB .....	43
2.2.1 A criação do <i>website</i> da Fundação Casa de Rui Barbosa .....	44
2.2.2 A mudança de status de <i>website</i> para portal .....	45
2.3 O espaço do AMLB no <i>site</i> da FCRB .....	48
<b>3 AS PRÁTICAS DISCURSIVAS NA WEB</b> .....	60
3.1 Breve histórico da <i>web</i> .....	62
3.2 As novas práticas discursivas pós- <i>web</i> .....	66
3.3 Hipertexto: ler e escrever na atualidade .....	68
3.4 O papel da linguagem verbal escrita na <i>web</i> .....	71
<b>4 PROPOSTA DE MODELO DE APLICAÇÃO DE GÊNEROS HIPERTEXTUAIS PARA OS CONTEÚDOS DAS PÁGINAS DO AMLB</b> .....	74
4.1 Análise dos conteúdos textuais das páginas do AMLB .....	74
4.2 Protótipo .....	80
4.2.1 Página principal: APRESENTAÇÃO .....	81
4.2.2 Página secundária: INVENTÁRIOS .....	84
4.2.3 Página secundária: DOCUMENTOS DIGITALIZADOS .....	85
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	88
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	90
<b>APÊNDICE A - LISTAGEM COLEÇÃO AML</b> .....	97

## INTRODUÇÃO

O final do século XX é marcado pelo aparecimento de um novo veículo de comunicação: a internet. Esse veículo, originário de uma tecnologia digital, popularizou-se com a invenção da *World Wide Web*, conhecida por *web*. Esses novos recursos tecnológicos trouxeram mudanças significativas para a sociedade contemporânea no que diz respeito à comunicação, às práticas de escrita e leitura, bem como à noção de tempo/espaço. A *web* não só criou uma linguagem própria, como permitiu a mesclagem das linguagens verbal e não verbal, dando origem ao chamado fenômeno multimodal.

Nesse contexto, instituições públicas e privadas passaram a utilizar a *web* para divulgação de seus serviços e venda de seus produtos. Assim é que, no ano de 1997, a Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) desenvolveu seu primeiro *website*,<sup>1</sup> que elevou o potencial de difusão dos acervos sob sua custódia, entre os quais os do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB). Isto porque a inserção de informações na rede possibilitou o acesso remoto a alguns instrumentos de pesquisa,<sup>2</sup> agilizando o trabalho dos pesquisadores que, agora, não precisavam mais ir à Fundação para consultá-los.

Ocorre, porém, que essa nova realidade interacional não apresenta apenas aspectos positivos. Na verdade, a facilidade de comunicação permitida pela rede pode levar a uma linguagem verbal não precisa, o que acaba mais por confundir do que ajudar os usuários. É o que nos diz Uchôa (2019, p. 43), ao esclarecer que: “[...] aquele que não se faz entender por se valer de expressão verbal a que falte clareza ou adequação a uma situação concreta, fica prejudicado em seu intento de transmitir algo a alguém.”

De acordo com os especialistas em usabilidade,<sup>3</sup> Krug (2008), Nielsen e Loranjer (2007), ao entrar em contato com uma página *web*, os usuários fazem uma varredura visual e quando encontram um conteúdo mal escrito, interrompem sua leitura. Em relação a essa observação dos autores, esta não se dá no contexto linguístico, mas sim no tecnológico. Para eles, o importante na comunicação das páginas *web* é a execução de tarefas que levem os usuários às informações desejadas, não importando a linguagem em que estão inseridas.

---

<sup>1</sup> Para fins desta pesquisa, trabalharemos com as palavras *website*, *site* e *sítio* como sinônimos para a indicação da localização de um endereço eletrônico.

<sup>2</sup> “Meio que permite a identificação, localização ou consulta a documentos ou a informações neles contidas.” (ARQUIVO NACIONAL, 2005).

<sup>3</sup> “[...] atributo de qualidade relacionado à facilidade do uso de algo. Mais especificamente, refere-se à rapidez com que os usuários podem aprender a usar alguma coisa, a eficiência deles ao usá-la, o quanto lembram daquilo, seu grau de propensão a erros e o quanto gostam de utilizá-la. Se as pessoas não puderem ou não utilizarem um recurso, ele pode muito bem não existir.” (NIELSEN; LORANJER, 2007, p. XVI)

Na verdade, os especialistas em *websites* em geral consideram que para redigir textos que constituirão o elemento da página *web* denominado conteúdo,<sup>4</sup> basta ser alfabetizado e estar atualizado com o acordo ortográfico. Eles recomendam apenas que seus redatores se utilizem de uma linguagem simples, clara e objetiva (NIELSEN; LORANJER, 2007). Dá-se, pois, que esses especialistas não consideram a linguagem verbal na sua essência, ou seja, em toda sua complexidade.

E o que seria essa linguagem? No âmbito linguístico, e com base em Bakhtin, seria o fenômeno social que se efetua sob a “[...] forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana.” (BAKHTIN, 2016, p. 11). Tais enunciados são concretizados em gêneros discursivos utilizados no nosso dia a dia, como cartas, relatórios, processos, dissertações, apresentações etc. De acordo com Rojo e Barbosa (2014, p. 17): “Nós os conhecemos e utilizamos sem nos dar conta. Mas, geralmente, se sabemos utilizá-los, conseguimos nomeá-los.”

Numa realidade digital, os gêneros discursivos não são considerados pelos desenvolvedores de *websites*, o que acaba por prejudicar a linguagem verbal escrita das páginas, cuja estrutura hipertextual confunde ainda mais o usuário. É importante observar que, dependendo do objetivo do *site*, a linguagem não verbal pode se sobrepor à linguagem verbal. Assim, num *website* comercial, as imagens serão predominantes. Já num *site* governamental, o domínio será da linguagem verbal escrita. É o caso da FCRB, em que 73,53% da linguagem utilizada é a verbal (INTERNET ARCHIVE, 2014).

Nesse contexto, entendemos que o conteúdo atual das páginas *web* do AMLB compromete sua ação comunicativa, uma vez que sua elaboração não leva em conta a questão dos gêneros discursivos. Assim, o presente trabalho constitui-se numa proposta de construção de conteúdos textuais para as páginas do Arquivo-Museu de maneira a estabelecer uma comunicação verbal precisa com os usuários. Para tanto, nos fundamentaremos na teoria bakhtiniana, a qual entende a linguagem verbal como ação sociocomunicativa, materializada por meio dos gêneros do discurso. Nesse sentido, nos propomos a inserir as ideias de Bakhtin no contexto da realidade digital, mais especificamente na estrutura hipertextual da *web*, a qual, por meio de *links*, permite a navegação entre páginas e conteúdos, sendo que estes últimos se traduzem em gêneros do discurso não percebidos por seus autores. Esses autores,

---

<sup>4</sup> “Entende-se por conteúdo toda a informação contida no sítio: conteúdos escritos, notícias, documentos, multimídia, gráficos (fotos e imagens).” (BRASIL, 2012, p. 35). Na construção de páginas *web*, o que se chama de “conteúdo” corresponde a um espaço ocupado na página para inserção de informações materializadas por meio de uma linguagem verbal (escritos) e/ou de uma linguagem não verbal (imagens). Para fins desta pesquisa, trabalharemos com o termo “conteúdo” nesse sentido.

por não serem profissionais da linguagem, normalmente não têm consciência de estarem produzindo um texto que pertence a um determinado gênero discursivo. Essa não percepção leva à construção de textos que, na verdade, não cumprem com a proposta sociocomunicativa bakhtiniana.

O interesse pela temática desta pesquisa surgiu a partir de questionamentos levantados durante a participação em projetos de pesquisa desenvolvidos pela FCRB, voltados para organização e disseminação dos arquivos literários na rede. Tais questionamentos envolviam a qualidade do acesso aos instrumentos de pesquisa disponíveis nas páginas *web* do AMLB. A ideia era saber se o usuário conseguia acessar facilmente os instrumentos de pesquisa na rede sem a ajuda de um instrutor. A linguagem utilizada nas páginas seria adequada? Seria possível identificar os gêneros do discurso ali existentes? Em nossa avaliação, enquanto bolsista de vários projetos e usuária das páginas do AMLB, a resposta é “não” para todas as perguntas. De posse dessa constatação, partimos para a busca de uma solução, com um olhar inovador.

A importância da presente pesquisa se justifica pela possibilidade de pensar a construção de conteúdos textuais para as páginas *web* do AMLB não só na perspectiva da tecnologia digital, mas também pelo olhar da linguística, mais precisamente da teoria de Bakhtin. Tal percepção se deve às formações e experiências nas áreas de Arquivologia e Ciência da Computação, esta última mais especificamente nas disciplinas: processamento de dados, análise de sistemas e *web designer*. Assim, enquanto detentora de conhecimentos adquiridos nessas áreas, no que se refere à identificação de gêneros textuais, organicidade,<sup>5</sup> construção de páginas *web* e desenvolvimento de *softwares*, detectamos que os conteúdos das páginas do AMLB apresentam uma organização ineficiente, o que resulta em redundâncias de informações, quando não, em suas ausências. A partir dessas questões, passamos a indagar sobre o processo de construção de conteúdos textuais na *web*. Ao buscar respostas nos manuais de padrões *web*, percebemos que estes abordavam o tema com uma visão intuitiva do que vinha a ser um texto, ou seja, não considerava o aspecto linguístico, se atendo apenas aos recursos tecnológicos. Na verdade, percebemos que esse seria o caminho teórico a ser seguido, visto que um dos problemas das páginas estava contido na comunicabilidade de seus textos com os usuários. Ao constatar essa carência de estudos sobre textos no processo de criação de páginas *web*, nos debruçamos sobre a área da Linguística a fim de compreendermos como são produzidos os textos e logo chegamos à linguagem verbal. Assim,

---

<sup>5</sup> “Relação natural entre documentos de um arquivo em decorrência das atividades da entidade produtora.” (ARQUIVO NACIONAL, 2005).

o presente trabalho apresenta ineditismo ao propor esse novo olhar sobre o desenvolvimento de páginas *web*.

Nesse contexto, o objetivo geral de nossa dissertação é analisar os conteúdos das páginas *web* relativas ao AMLB no *site* da FCRB e propor uma reformulação desses conteúdos pela construção de um protótipo. Para se chegar a esta reformulação, destacamos a importância da linguagem verbal escrita na comunicação em rede, utilizando para isso a teoria dos gêneros discursivos de Bakhtin aplicada a uma estrutura hipertextual.

Nossos objetivos específicos são:

- Contextualizar historicamente o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira;
- Analisar o processo evolutivo da *web*, bem como sua estrutura hipertextual e as linguagens nela inseridas;
- Pensar os conteúdos das páginas *web*, levando em conta conceitos linguísticos sobre texto e discurso e não puramente conceitos específicos da tecnologia digital;
- Apresentar um protótipo de navegação de conteúdos hipertextuais para as páginas do AMLB.

Para cumprir os objetivos desta pesquisa, recorreremos a vários conceitos e teóricos. Inicialmente, nos valem das reflexões teóricas voltadas para o contexto histórico-cultural do país no qual nascia o Arquivo-Museu. Para a discussão sobre patrimônio cultural, utilizamos Fonseca (2009). O AMLB é criado na FCRB, no ano de 1972, com o objetivo de preservar a memória literária contida na documentação (arquivística, bibliográfica e museológica) pertencente aos arquivos pessoais dos grandes escritores brasileiros. Atualmente, esses arquivos inserem-se dentro dos padrões de patrimônio cultural. Em princípio, tais padrões se destinavam, em sua maioria, a bens arquitetônicos dos séculos XVI ao XVIII. Conforme o passar dos anos, sentiu-se a necessidade da ampliação desses padrões, que passaram a englobar todos os tipos de manifestações artístico-culturais, isto é, obras de artes, documentos, formas de expressão etc. À época da criação do AMLB, documentos em geral não eram ainda considerados como bens culturais. Tal ampliação só se deu no final da década de 1980, anos após o surgimento do Arquivo-Museu.

Quanto ao surgimento de centros de documentação de viés literário, usamos as reflexões de Marques (2015), Guimarães (2002) e Vasconcellos (2016 *apud* FERRANDO, 2018).<sup>6</sup> Marques salienta que, apesar dos acervos custodiados pelo setor serem considerados bens culturais de interesse público, sua fundação só foi possível graças ao movimento de

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida a Ellen Marianne Röpke Ferrando no ano de 2016.

preservação da memória literária que surgia nas instituições universitárias. De acordo com Guimarães (2002) e Vasconcellos (2016 *apud* FERRANDO, 2018), outro fator que também contribuiu para a preservação dos arquivos literários foi a crítica genética, disciplina que surgia na França no final da década de 1960 e tinha por objetivo compreender como se dava o processo de criação de obras literárias.

Recorremos a Homero Senna (1985), para tratar do Sabadoyle. Conforme dito acima, o AMLB tornou-se oficial graças ao movimento em prol da memória literária brasileira, mas há de se esclarecer que sua idealização aflorou numa determinada reunião que acontecia na residência de um de seus fundadores, Plínio Doyle, durante a década de 1960, denominada Sabadoyle. E já nessa reunião, ocorreram as primeiras doações que hoje fazem parte dos acervos custodiados pelo setor.

A doação desses acervos não teria critérios em relação às suas características, podendo estas serem arquivísticas, bibliográficas ou museológicas. O certo é que estes acervos apenas saíam do seu ambiente doméstico para o espaço público que iria abrigá-los. E é nesse contexto, que junto à documentação arquivística uniam-se os documentos museológicos e bibliográficos (MARQUES, 2005). De posse dos arquivos literários, restava ao AMLB a função de preservá-los, divulgá-los e torná-los acessíveis a consulta. Para as discussões que envolvem a temática “arquivos pessoais”, utilizamos Artieres (1998), Marques (2003, 2015), Oliveira (2012), Camargo (2015) e Abreu (2017).

Assim é que, nas décadas de 1980 a 1990, com a evolução da tecnologia digital que revolucionaria a consulta aos documentos por intermédio da elaboração de sistemas informatizados e da comunicação em rede, as instituições custodiadoras de acervos iniciam o processo de disseminação e acesso aos seus instrumentos de pesquisa e, mais tarde, aos próprios documentos. Nesse cenário, o AMLB, dentro do *site* da FCRB, passa a utilizar essas tecnologias a fim de disponibilizar a consulta remota dos seus acervos. É importante apontar que o *website* da Fundação surge de um movimento de adesão das instituições governamentais à internet como uma extensão do órgão.

Diante desse movimento, viu-se a necessidade de o governo brasileiro, por intermédio do Governo eletrônico (e-gov), formular diretrizes de padrões na *web*, isto é, regulamentos que visam a indicar aos desenvolvedores de *websites* as melhores técnicas utilizadas para elaboração de *sites* baseadas em testes de usabilidade. Consultamos as cartilhas de padrões *web* (BRASIL, 2010a, 2010b, 2010c, 2012, 2014a) e, com base nesses padrões, percebemos a restrição destes no que se refere à linguagem verbal escrita de uma página *web*. Tal percepção nos levou a explorar essa temática do ponto de vista linguístico, mais precisamente da

linguagem verbal abordada pelo Círculo de Bakhtin, nas primeiras décadas do século XX, que a observará para além das questões formais, considerando também o contexto sociocultural e sociointerativo que a envolvia. Nesse momento, utilizamos Bakhtin (2002, 2016).

Assim sendo, apresentamos essa teoria de modo a contextualizá-la no momento em que vivemos hoje com a sociedade em rede. Embora a teoria do Círculo tenha sido levantada numa realidade não digital, de acordo com Faraco (2006), serve de base e se encaixa perfeitamente à realidade digital da comunicação multimodal. Nesse caso, recorreremos às discussões de Faraco (2006, 2009).

Nesse contexto, citamos os estudiosos dessa nova comunicação, tais como: Rojo e Barbosa (2015), Shepherd e Saliés (2013), Marcushi e Xavier (2010), Galli (2010), Santaella (2008), Patriota e Pimenta (2008), Recuero (2014) e Castells (2016), que desenvolveram estudos referentes às práticas discursivas resultantes de uma nova noção de tempo/espço, dos processos interativos e não lineares da escrita e da leitura, a criação de uma linguagem própria e a mesclagem das linguagens verbais e não verbais na rede.

Entretanto, não podemos ignorar que tais linguagens estão inseridas dentro de uma tecnologia digital. Os estudos apresentados até então pelos profissionais da tecnologia digital são importantes para todo o desenvolvimento tecnológico que proporcionou esse fenômeno da comunicabilidade multimodal na rede. Cabe ressaltar a importância da formação de laços interdisciplinares durante o processo de desenvolvimento desta pesquisa. Logo, para expor as questões relacionadas às novas práticas discursivas, foi preciso trazer para essa discussão o trabalho inovador de Berners-Lee ao recuperar o conceito de hipertexto de Nelson (ISAACSON, 2014), bem como os estudos sobre a linguagem verbal escrita na internet sob a perspectiva dos especialistas Krug (2008), Nielsen e Loranjer (2007).

A metodologia utilizada para a concretização dos objetivos propostos caracteriza-se por uma abordagem teórica, com traços históricos, e empírica. Em relação à primeira, tomamos por base a teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin mencionada anteriormente. Quanto à parte empírica, esta se configura na apresentação do protótipo elencado nos objetivos específicos. Esse protótipo será desenvolvido no *software* Axure RP Pro, versão 9.

Vale registrar que a construção do quadro teórico da presente pesquisa se deu a partir de consultas a fontes primárias obtidas no setor Arquivo Histórico e Institucional da FCRB, bem como por meio de consultas a material bibliográfico levantado em bibliotecas tradicionais e *websites*.

A metodologia adotada pode ser melhor percebida por meio da descrição dos capítulos abaixo.

O primeiro capítulo contempla o contexto histórico no qual o AMLB foi idealizado e institucionalizado, as metodologias de arranjo e descrição de seus acervos arquivísticos e as iniciativas de divulgação dos instrumentos de pesquisa.

O segundo capítulo refere-se à evolução da tecnologia digital que possibilitou a informatização e a consulta *on-line* dos acervos (arquivístico, museológico e bibliográfico), à construção do *website* da FCRB e seu processo evolutivo (de *site* a portal) e ao espaço que foi destinado ao Arquivo-Museu (no período entre 12 de dezembro de 1998 a 24 de fevereiro de 2018). Por se tratar de um *site* governamental, trouxemos o *website* às discussões relacionadas aos padrões da *web* propostos pelo e-gov, bem como o cenário no qual foi desenvolvido.

O terceiro capítulo corresponde à fundamentação teórica das áreas da Linguística e da Ciência da Computação, isto é, aos conceitos trabalhados para a construção do nosso produto. Nele são apresentadas e analisadas as questões que envolvem as práticas discursivas numa estrutura hipertextual própria da *web*.

O último capítulo se constitui na parte empírica do nosso trabalho. Nele apresentamos um protótipo de navegação de conteúdos hipertextuais para as páginas do AMLB a partir dos estudos de Bakhtin sobre gêneros discursivos e da análise dos conteúdos das páginas do Arquivo-Museu. Esse protótipo materializa nossa proposta de construção de conteúdos escritos para uma página *web* que leve em conta a abordagem linguística e não somente a tecnológica. Por essa abordagem, a identificação dos gêneros do discurso se dá já no momento de criação das páginas *web*. Com isso pretende-se mostrar que o processo comunicativo das páginas ocorre também por meio dos textos e não somente por sua interface, isto é, por sua comunicação gráfica, como preconiza a tecnologia digital.

Esperamos que a presente dissertação contribua para demonstrar a importância da linguagem verbal escrita no processo de criação de páginas *web*, bem como para a melhoria da comunicação na rede do AMLB com seus usuários.

## 1 O ARQUIVO-MUSEU DE LITERATURA BRASILEIRA

A primeira iniciativa de preservação do patrimônio histórico e artístico do Brasil surgiu com a Inspetoria de Monumentos Nacionais (IMN), criada como um departamento do Museu Histórico Nacional (MHN) a partir do seu novo regulamento aprovado pelo decreto nº 24.735 de 14 de julho de 1934. Segundo Magalhães (2015),

Caberiam ao novo departamento do Museu Histórico as funções de inspeção das edificações de valor histórico e artístico e o controle do comércio de objetos de arte e antiguidades, [...] A IMN também ficaria encarregada de entrar em entendimento com os governos dos estados para uniformizar a legislação sobre a proteção e conservação dos Monumentos Nacionais, bem como a guarda e fiscalização dos objetos histórico-artísticos. Desta feita, cada estado se responsabilizaria pelos encargos dessa atividade em seus territórios, a exemplo do que já vinha sendo feito na Bahia com a Inspetoria Estadual dos Monumentos Nacionais, criada em 1927, e em Pernambuco com instituição congênere fundada em 1928, sendo que, a partir de então, seriam orquestradas e supervisionadas pelo órgão sediado no MHN.

No final da década de 1930, a IMN foi substituída pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), criado pela lei nº 378 de 13 de janeiro de 1937, “[...] com a finalidade de promover, em todo o país e de modo permanente, o tombamento, a conservação, o enriquecimento e o conhecimento do patrimônio histórico e artístico nacional.” (BRASIL, 1937). Na época o que se compreendia por patrimônio eram os monumentos históricos, artísticos e naturais (paisagens).<sup>7</sup>

O ano de 1946 registra nova alteração na denominação do órgão que, pelo decreto-lei nº 8.534, de 2 de janeiro, passou a se chamar Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Dphan). Finalmente, em 1970, a Dphan assume, pelo decreto nº 66.967 de 27 de julho, o título que se mantém até os dias atuais: Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Há de se registrar que as “[...] grandes mudanças políticas no modelo de desenvolvimento brasileiro [...]” ocorridas nas décadas de 1950 e 1960 levantaram questionamentos sobre a política de preservação do órgão que passou a ter como objetivo “[...] demonstrar a relação de valor cultural e valor econômico, e não apenas procurar convencer as autoridades e a sociedade do interesse público de preservar valores culturais, como ocorrera nas décadas anteriores.” (FONSECA, 2009, p. 141-142).

---

<sup>7</sup> A Constituição Federal de 1934 já previa a proteção dos objetos de interesse histórico e artístico do país.

Até meados de 1960, o Iphan se caracterizava pela conservação dos “[...] bens concretos com ênfase nas edificações, os chamados bens de *pedra e cal*.” (OLIVEIRA, 2007, p. 45). A partir da década de 1970, em conformidade com os novos objetivos, o Instituto assume uma política administrativa que consistia na “[...] ampliação dos conceitos e de administração dos patrimônios.” (WILLIANS, 1997, p. 376). Nesse contexto, verifica-se a expansão do entendimento de patrimônio, antes visto “[...] a partir de uma perspectiva predominantemente estética.” (FONSECA, 2009, p. 114), que englobava em sua maioria bens arquitetônicos (religiosos, civis, militares) dos séculos XVI, XVII e XVIII para uma ressemantização das noções de patrimônio.

Essa ressemantização tinha por objetivo a ampliação e atualização da representação da cultura brasileira, enfatizando a “[...] noção de ‘dinamização da memória nacional’ [...]” (FONSECA, 2009, p. 157) bem como a “[...] integração entre o ato de preservar e de utilizar o bem cultural [...]” (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2016).<sup>8</sup>

Mesmo diante de toda essa atuação do Iphan, as questões relativas à preservação de arquivos privados pessoais, identificados como de interesse público e social, não foram contempladas na época. Tal lacuna levou as instituições universitárias e as de pesquisas, públicas e privadas, a criarem centros de documentação,<sup>9</sup> principalmente no âmbito das ciências humanas (MARQUES, 2015).

É, pois, nesse cenário que surge o primeiro centro de documentação destinado a salvaguardar a memória literária brasileira, o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo (USP), criado em 1962, por iniciativa do historiador Sérgio Buarque de Holanda (GUIMARÃES, 2002).

Segundo a pesquisadora e doutora em Letras Eliane Vasconcellos (2016 *apud* FERRANDO, 2018), outro fator que pode ter contribuído para a criação de centros de documentação com viés literário foi o surgimento da crítica genética<sup>10</sup> no estudo de

---

<sup>8</sup> Note-se que a noção de patrimônio cultural brasileiro que perdura até os dias atuais, baseada na nova política de administração do Iphan, só foi sacramentada na Constituição Federal de 1988: “Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais incluem: I- as formas de expressão; II- os modos de criar, fazer e viver; III- as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV- as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais”.

<sup>9</sup> “Qualquer entidade que tenha como função principal a aquisição, tratamento, armazenamento e divulgação de livros, periódicos e/ou outros documentos” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

<sup>10</sup> A crítica genética teve origem na França, no ano de 1968, a partir da doação à Biblioteca Nacional da França (BnF), dos manuscritos do poeta alemão Heinrich Heine (1797-1856), cuja organização exigiu o estudo do processo criativo do mesmo (LIMA, 2014).

manuscritos literários. Em concordância com a pesquisadora, o poeta e doutor em Letras Júlio Castañon Guimarães afirma que o interesse por esses tipos de centros se deu com o desenvolvimento da crítica genética, cujo objetivo era a “[...] compreensão dos processos de produção do texto.” (GUIMARÃES, 2002, p. 30).

Além do IEB, foram criados outros centros de literatura a partir da década de 1970: o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), em 1972, da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB); o Acervo de Escritores Sulinos (AES), em 1982, que, no ano de 2007, passou a se chamar Delfos: espaço de documentação e memória cultural, do Centro de Memória Literária da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS); o Centro de Documentação Alexandre Eulálio, em 1984, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); a Fundação Casa de Jorge Amado (FCJA), em 1986, do Centro Histórico de Salvador e Largo do Pelourinho; o Acervo de Escritores Mineiros, em 1989, do Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (MARQUES, 2015); e, no ano de 1994, o Centro de Estudos Murilo Mendes (CEMM), atualmente Museu de Artes Murilo Mendes (MAMM), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e o Departamento de Literatura do Instituto Moreira Salles (IMS).<sup>11</sup>

No caso do AMLB, este transcende a questão custodial na medida em que se caracteriza também como um espaço “[...] destinado à [...] exposição de manuscritos e objetos que pertenceram a grandes vultos do mundo intelectual, recebidos diretamente dos mesmos, ou por doações e legados [...]” (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 1972, p. 9).

### **1.1 Da idealização à institucionalização do “arquivo-museu menino”**

No ano de 1972, no sobrado da velha mansão, mais precisamente, na Sala do Estado de Sítio,<sup>12</sup> do Museu Casa de Rui Barbosa, é criado o AMLB, com a missão de salvaguardar a memória literária do país refletida nos arquivos de eminentes escritores que seriam doados ao novo setor. Juntamente com os arquivos, o AMLB recolheria também objetos – uma vez que se configurava como um arquivo e museu ao mesmo tempo –, bem como documentos avulsos que constituiriam as coleções Arquivo-Museu de Literatura (AML).

---

<sup>11</sup> É importante registrar que, no que tange a iniciativas de preservação de documentos arquivísticos literários, o pioneirismo cabe à Academia Brasileira de Letras (ABL) e à Biblioteca Nacional (BN), as quais, muito antes dos centros de documentação mencionados, abrigavam, em suas dependências, setores destinados a essa função.

<sup>12</sup> Nome atribuído a um dos cômodos do sobrado do Museu Casa de Rui Barbosa. Cada cômodo apresenta um nome ligado a um determinado acontecimento da vida de Rui Barbosa (VASCONCELLOS, [2005]).

Ocorre, porém, que a idealização do AMLB começou bem antes de 1972. De acordo com Carlos Drummond de Andrade (1973), já nas reuniões do Sabadoyle falava-se na criação de um espaço literário aberto ao público. O Sabadoyle era um encontro literário informal que ocorria todo sábado, na parte da tarde, na residência do advogado e bibliófilo Plínio Doyle. Os encontros tiveram início em 1964, a partir de visitas do poeta Carlos Drummond de Andrade à biblioteca particular de Doyle, um espaço destinado à preservação e obtenção de obras raras, periódicos e manuscritos referentes à literatura brasileira (SENNA, 1985).

Na esteira de Drummond, outros escritores e apreciadores da literatura brasileira passaram a consultar a referida biblioteca, sobre o que Senna (1985, p. 1) considerou: “É natural que, sabendo os amigos de Plínio Doyle da existência desse tesouro bibliográfico, desde logo quisessem conhecê-lo de perto e beneficiar-se do acesso ao mesmo.” Assim é que os primeiros frequentadores da biblioteca Doyle foram: Drummond, Américo Jacobina Lacombe, Joaquim Inojosa, Peregrino Júnior, Raul Bopp, Afonso Arinos de Melo Franco, Mário da Silva Brito, Wilson Martins, Ciro dos Anjos, Luís Viana Filho e outros (DOYLE, 1999). Logo essas primeiras consultas se tornaram encontros semanais denominados Sabadoyle, um neologismo criado por Raul Bopp em 1974. Segundo Rangel (2008, p. 39), esses encontros “[...] transcorriam num clima amistoso e as conversas giravam em torno de temas do cotidiano, das novidades literárias e acadêmicas e do universo cultural e social dos participantes.”

O Sabadoyle perdurou por 34 anos. Em 1998, por motivo de problemas de saúde de seu anfitrião, na época com 92 anos de idade, os encontros chegaram ao fim.

Observa-se, pois, na trajetória do Sabadoyle, o que foi registrado por Senna ao afirmar: “O Sabadoyle tornou-se ponto de partida de uma instituição que cuida da perenidade do nosso acervo cultural, o Arquivo-Museu de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa.” (SENNA, 1985, p. 113)

A inauguração do Arquivo-Museu se deu em 28 de dezembro de 1972 e foi marcada por uma pequena “[...] exposição camoniana, comemorativa do 4º centenário dos Lusíadas.” (ANDRADE, 1973, p. 5), na Sala Constituição do Museu-casa (DOYLE, 1999). Sua institucionalização ocorreu por intermédio da Portaria nº 5, de 18 de outubro de 1972:

Art. 31 – A Fundação Casa de Rui Barbosa terá um Arquivo-Museu de Literatura destinado à conservação e exposição de manuscritos e objetos que pertenceram a grandes vultos do mundo intelectual, recebidos diretamente dos mesmos, ou por doações e legados. (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 1972, p. 9)

Os idealizadores do AMLB, Carlos Drummond de Andrade e Plínio Doyle, eram seus mais entusiasmados propagadores. Assim foi que por meio de crônicas e apelos incentivavam as doações ao recém-criado espaço de memória literária:

Colecionador ou não, que tenha em casa um retrato, uma carta, um poema, um documento de escritor, e pode com ele enulentar o arquivo-museu menino, dirigido pelo espírito público de Plínio Doyle na Casa de Rui Barbosa: faça um *beau geste*, mande isso para São Clemente, 134, e terá oferecido a si mesmo o prêmio de uma satisfação generosa. (ANDRADE, 1973, p. 5)

Há de se registrar que, antes de o Arquivo-Museu acomodar-se na Fundação Casa de Rui Barbosa, Plínio Doyle, por sugestão de Carlos Drummond de Andrade, começou a especular possíveis órgãos ou entidades que pudessem abrigar e conservar a memória literária brasileira. Primeiramente pensou-se na Livraria José Olympio Editora. Nesse caso o referido centro literário seria intitulado Fundação José Olympio. Entretanto, questões envolvendo a administração da José Olympio impediram a concretização dessa ideia. Nesse momento Plínio Doyle solicitou a ajuda de Américo Jacobina Lacombe, então presidente da FCRB, o qual, bastante entusiasmado com o projeto, ofereceu a instituição como um possível espaço para a instalação do referido centro (DOYLE, 1999).

No mesmo ano de inauguração do AMLB, o poeta Carlos Drummond de Andrade (1972, p. 5), em crônica ao *Jornal do Brasil*, manifestava seu desejo de criação de um museu destinado à literatura, num contexto de formação de diversas instituições museais:

Velha fantasia deste colunista [...] é a criação de um museu de literatura. [...] Temos museus de arte, história, ciências naturais, carpologia, caça e pesca, anatomia, patologia, imprensa, folclore, teatro, imagem e som, moedas, armas, índio, república... e de literatura não temos. [...] Alguns arquivos particulares, como os de Plínio Doyle e João Condé, encerram preciosidades no gênero. Mas falta o órgão especializado, o museu vivo que preserve a tradição escrita brasileira, constante não só de papéis como de objetos relacionados com a criação e a vida dos escritores.

Ao mencionar os arquivos particulares de Plínio Doyle e João Condé, Drummond referia-se à coleção de documentos de escritores brasileiros pertencentes a esses dois ilustres apaixonados pela literatura. Continuando o testemunho do poeta:

Meu sonho é ver reunido, em sala bem arrumada, o manuscrito de Iracema, o tintureiro de Alphonsus de Guimaraens, o caderno de exercícios de alemão de Machado de Assis, e uma lembrança de Euclides e outra lembrança de

Lima Barreto e mais isso e mais aquilo que nos restitua a presença, o esforço criador, a esquecida memória dos que, no Brasil, praticavam o ofício da palavra. (ANDRADE, 1972, p. 5)

Drummond considerava ainda

[...] uma alegria verificar que a iniciativa de um arquivo-museu de literatura vingou no Rio de Janeiro despojado oficialmente de sua condição de cidade-cabeça do país, mas ainda com disposição para lançar empreendimentos culturais como este. Ainda bem que, ao lado da demolição de velhos solares, da transformação de jardins em área de estacionamento, da construção de favelas verticais de concreto, da guerra contra o silêncio, e de outros males que tornam a vida urbana um perigo ou uma chatice, acontecem coisas aparentemente pequenas, mas cheias de sentido e alentadoras, ao jeito deste arquivo-museu organizado com tanto carinho e proficiência por Plínio Doyle, seu fundador e diretor “por amor à arte”, pois nada recebe pelos seus serviços, e é dos principais doadores do ser acervo. (ANDRADE, 1974, p. 5)

Antonio Carlos Villaça (1974, p. 8), ensaísta, crítico, memorialista, historiador e jornalista, por sua vez, considerava que o Arquivo-Museu era

[...] uma instituição viva, dinâmica, disposta a prestar serviço à comunidade. Não é uma torre de marfim, um *hortus conclusus*, um lugar fechado, uma capelinha esotérica, mas pelo contrário, um ponto de convergência, um lugar de convívio, uma casa voltada ao mesmo tempo para o passado e para o futuro, aberta, disposta a dar, e não só a receber.

Ao longo de sua trajetória, o AMLB se firmou como um *locus* de referência de fontes arquivísticas que subsidiam a pesquisa literária brasileira, recebendo pesquisadores do Brasil e do exterior. Na atualidade, o AMLB possui 147 acervos arquivísticos, a Coleção AML e mais de 1.200 objetos museológicos.<sup>13</sup> A Coleção AML contém aproximadamente 650 conjuntos de documentos esparsos, de diversas proveniências, agrupados no formato de pequenas coleções sobre escritores brasileiros.

## 1.2 O lugar do AMLB na FCRB

Ao longo dos seus 46 anos de existência, o AMLB assumiu características que variaram de acordo com os perfis profissionais dos seus gestores. Assim, o tratamento do

---

<sup>13</sup> No ano de 2012, o acervo museológico do AMLB foi contabilizado no livro *Guia do acervo* com cerca de 1.200 “peças de natureza diversa”, dentre elas: máquinas de escrever, móveis, quadros, medalhas, *souvenirs*, esculturas, caixas de música e outros (VASCONCELLOS; XAVIER, 2012, p. 14).

acervo arquivístico, que sempre preponderou, adotou metodologias que perpassaram as seguintes visões: a memorial, a de pesquisa literária e, finalmente, a desta associada à abordagem arquivística. Em relação à visão memorial, esta vigorou durante a gestão do bibliófilo Plínio Doyle e se caracterizou pelo entendimento do AMLB como local de guarda da memória literária. A partir dos anos de 1990, sob a liderança da pesquisadora Eliane Vasconcellos, a pesquisa literária passou a definir o setor. Por fim, de 2011 em diante, arquivistas assumiram o Arquivo-Museu. Desde então, o AMLB se configura como um centro de fontes arquivísticas que subsidiam a pesquisa na área de literatura.

As características do AMLB acima descritas se refletem na posição do setor dentro da estrutura organizacional da FCRB. Dessa maneira, enquanto visto como um centro de memória, o AMLB foi subordinado à Diretoria Executiva, uma vez que não era percebido nem como um centro de documentação, nem de pesquisa. Acrescentem-se a isso questões de natureza político-administrativa que extrapolam o escopo desta pesquisa. A partir do momento em que se estabelece como um *locus* de pesquisa literária, o AMLB desloca-se para Centro de Pesquisas (CP).

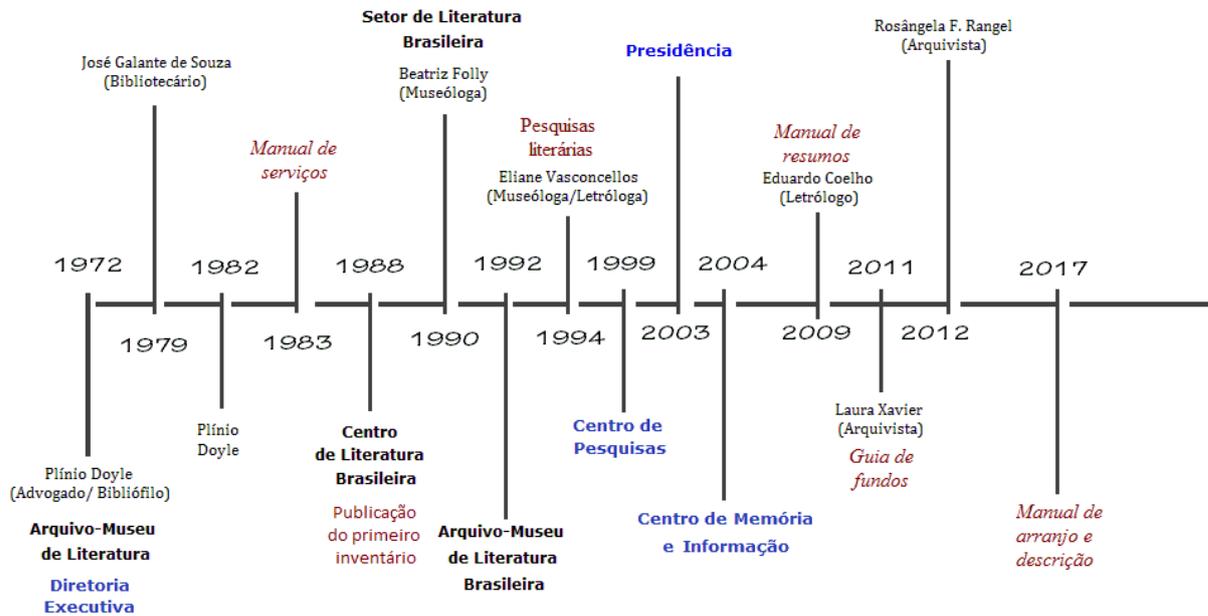
No ano de 2003, a FCRB passou por uma grande mudança institucional que visava à consolidação de sua missão e formalização de alguns serviços, como por exemplo os de informática e editoração. Essas mudanças ocasionaram a transferência do AMLB do CP para Presidência e, em 2004, para o Centro de Memória e Informação (CMI).<sup>14</sup>

A figura 1 representa a trajetória do AMLB ora descrita.

---

<sup>14</sup> Informações extraídas do Arquivo Histórico e Institucional da FCRB: Processo 1.1.3 – Estruturação; Processo 1.1/1990 – reforma e modernização administrativa 1990; Processo 1.1.3 – Reforma Administrativa Governo Fernando Henrique 1997-2002 e dossiê Relatório de gestão do exercício de 2015.

Figura 1 - A trajetória do AMLB na FCRB



Fonte: A autora (2019).

Observa-se, na figura 1, que Plínio Doyle, além de ser um dos fundadores do AMLB, à época denominado AML, foi seu primeiro diretor.

Plínio nasceu no Rio de Janeiro, em 1º de outubro de 1906. Destacou-se como pesquisador, colecionador, bibliófilo, arquivista provisionado e advogado especialista em direitos autorais de publicações literárias. Dirigiu o AMLB por 18 anos, oficial e extraoficialmente. Foi somente no ano de 1976 que o bibliófilo pôde ser nomeado diretor oficial do setor. Contudo, durante esses 18 anos, Plínio teve uma interrupção na gestão do Arquivo-Museu de aproximadamente três anos para dirigir a BN, nos anos de 1979 a 1982. (DOYLE, 1999). Durante esse afastamento, o bibliotecário e pesquisador de Machado de Assis, José Galante de Souza, assumiu a direção do setor.

Em 1982, Plínio Doyle retorna à direção do AMLB. Um ano depois foi produzido o primeiro manual do setor, o *Manual de Serviços*, que contemplava a metodologia da época para a organização dos arquivos pessoais e dos documentos avulsos.

No ano de 1988, o AML é denominado Centro de Literatura Brasileira (CLB) devido à heterogeneidade dos acervos recebidos pelo setor (arquivístico, bibliográfico e museológico). De acordo com Ferrando (2018), a criação do centro foi precedida por documento elaborado pela equipe técnica da Fundação Nacional Pró-Memória (FNpM), no ano de 1986, intitulado *Proposta de criação de um centro de documentação especializado em literatura brasileira*. A proposta baseava-se na organização dos acervos de acordo com suas características

específicas e também sugeria a formação de subsetores. No entanto, deficiências estruturais, como falta de equipe técnica e de espaços adequados, inviabilizaram o sucesso da proposta.

Como CLB, o AMLB inicia sua série de publicações impressas. Essas publicações se constituíam em inventários,<sup>15</sup> agora elaborados a partir de uma nova metodologia de arranjo<sup>16</sup> e descrição proposta pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC).<sup>17</sup>

Na década de 1990, em consequência da reforma administrativa implementada pelo governo Collor,<sup>18</sup> que implicou a redução de cargos comissionados no serviço público federal, o cargo de direção do AMLB é extinto, marcando a saída de Plínio Doyle. Nesse momento, o Arquivo-Museu perde seu *status* de diretoria, deixando de ser um Centro para se tornar um setor (Setor de Literatura Brasileira), mantendo, porém, sua subordinação à Diretoria Executiva. Tal condição hierárquica perdurou até o ano de 1999, quando o Arquivo-Museu passou a integrar o Centro de Pesquisas.

A primeira chefe do Setor de Literatura Brasileira foi a museóloga Beatriz Folly, que permaneceu no cargo até o ano de 1994. Em sua gestão, o setor passou a se chamar Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, nome que perdura até os dias atuais, sendo o mais próximo da denominação de origem.

Em 1994, Eliane Vasconcellos, museóloga, doutora em Letras e pesquisadora da FCRB, é nomeada chefe do AMLB. Durante sua gestão, Vasconcellos implementou os primeiros projetos na FCRB financiados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). Tais projetos eram voltados para a organização dos arquivos com enfoque na pesquisa literária.

Nos anos 2000, a FCRB passou a contar com duas fontes de recursos financeiros de fomento às suas pesquisas: o Programa Institucional de Bolsista de Iniciação Científica (Pibic), do CNPq, e o Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e

---

<sup>15</sup> “Instrumento de pesquisa que descreve, sumária ou analiticamente, as unidades de arquivamento de um fundo ou parte dele, cuja apresentação obedece a uma ordenação lógica que poderá refletir ou não a disposição física dos documentos.” (ARQUIVO NACIONAL, 2005)

<sup>16</sup> “Sequência de operações intelectuais e físicas que visam à organização dos documentos de um arquivo ou coleção, de acordo com um plano ou quadro previamente estabelecido.” (ARQUIVO NACIONAL, 2005)

<sup>17</sup> Instituição vinculada à Fundação Getúlio Vargas (FGV), considerada “[...] pioneira na adoção de uma metodologia própria para tratamento [...] de arquivos privados.” (CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL, 1998, p. 9)

<sup>18</sup> Trata-se do período histórico da política brasileira iniciado pela posse do presidente Fernando Collor de Mello, em 1990, e encerrado, em 1992, por sua renúncia.

Científico na Área da Cultura (PIPC), da própria FCRB, internamente conhecido como Pipoca.

Durante a gestão de Eliane Vasconcellos, deu-se início ao tratamento do acervo museológico do AMLB, que, até então, limitava-se ao simples registro no livro de tomo (FERRANDO, 2018). Cabe ainda ressaltar que, durante sua gestão, o atendimento aos pesquisadores, tanto internos quanto externos, foi uma de suas prioridades.<sup>19</sup>

No ano de 2009, com a decisão de Vasconcellos de deixar a chefia do AMLB, o professor Eduardo dos Santos Coelho, doutor em Literatura Brasileira, foi convidado a assumir o cargo. Uma das principais características de sua gestão consistiu na padronização dos resumos dos documentos do setor, o que muito contribuiu para agilização do trabalho de descrição arquivística. Essa padronização resultou no manual *Como fazer um resumo* e inspirou a realização de um curso anual oferecido pelo AMLB e ministrado pelo próprio professor.

Em 2011, com a saída de Eduardo Coelho para se tornar professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o AMLB passou a ser chefiado pela arquivista Laura Regina Xavier. Pela primeira vez, o setor tem à sua frente uma profissional com formação em Arquivologia. Destacam-se, na sua gestão, a elaboração do estado da arte dos acervos arquivísticos do AMLB e a publicação do *Guia do acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira*, “[...] instrumento de pesquisa que oferece informações gerais sobre fundos [...]” (ARQUIVO NACIONAL, 2005).

Quando, em 2012, a arquivista Rosângela Florido Rangel assume a direção do AMLB, em substituição à Laura Regina, que preferiu voltar às suas atividades técnicas, dá-se início ao trabalho de introdução de uma nova metodologia de arranjo e descrição dos acervos arquivísticos e à retomada do tratamento técnico do acervo museológico. Ambas iniciativas foram viabilizadas pelo Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área da Cultura, que possibilitou a contratação de bolsistas devidamente selecionados em seleção pública. Assim é que a nova metodologia de descrição contou com a participação dos arquivistas e bolsistas Ananda Borges Paranhos e Jorge Phelipe Lira de Abreu, sob a coordenação de Rosely Curi Rondinelli, funcionária do setor com formação em História e Arquivologia. Quanto às peças museais, o registro das mesmas foi finalizado pela

---

<sup>19</sup> Informações extraídas do Arquivo Histórico e Institucional da FCRB: dossiê Relatório de Atividades AMLB 2004-2009.

museóloga e bolsista Zenilda Ferreira Brasil, que, posteriormente procedeu à catalogação das medalhas existentes no acervo, sob a coordenação da chefe do setor, Rosângela Rangel.

Cabe ressaltar que, durante a implantação dessa nova metodologia, no ano de 2016, o AMLB realizou seu cadastro no Conarq, para obter seu registro no Código de Entidades Custodiadoras de Acervos Arquivísticos (Codearq), previsto na Norma Brasileira de Descrição Arquivística (Nobrade).

Atualmente, o AMLB segue com a sua vocação de preservação da memória literária e de desenvolvimento de pesquisas na área de letras.

### 1.3 Formação e organização dos acervos do AMLB

Os arquivos pessoais, quando doados a instituições, deslocam-se do seu ambiente doméstico para o público, uma vez que serão abertos à consulta. Durante esse percurso, são afetados por “[...] procedimentos técnicos por parte de saberes especializados [Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia] [...]” (MARQUES, 2015, p. 19) e por condições de custódia e de preservação.

Compreende-se por arquivo pessoal, nesse sentido, o conjunto de documentos

[...] (em qualquer forma ou meio) criados ou recebidos, acumulados e usados por um indivíduo durante o curso de sua vida diária, que foram preservados pelo seu valor contínuo. Em um arquivo pessoal é susceptível de conter muitos tipos de documentos diferentes e refletir todas as facetas da vida de um indivíduo, por exemplo, sua carreira, família ou vida pessoal, suas relações com os organismos oficiais, e os seus *hobbies* e interesses. (PARADIGM PROJECT, 2017 *apud* ABREU, 2017, p. 22)

No mesmo contexto, segundo Oliveira (2012, p. 33), arquivo pessoal é um “[...] conjunto de documentos produzidos, ou recebidos, e mantidos por uma pessoa física ao longo de sua vida em decorrência de suas atividades e função social.”, ou seja, um conjunto de documentos relativos à vida pessoal e profissional do titular, as suas redes de relacionamento e suas obras.

No que tange à concepção de arquivos literários, observa-se uma distinção no que venham a ser esses arquivos no contexto das Letras e da Arquivologia. Assim, segundo Marques (2015, p. 19), doutor em Literatura, no

[...] deslocamento do espaço privado para o público opera-se uma metamorfose por meio da qual o arquivo do escritor transforma-se em

arquivo literário. Com o conceito de ‘arquivo do escritor’ quero designar um arquivo pessoal, cuja localização se dá no âmbito privado de uma economia doméstica. Trata-se de arquivo formado por um escritor ou escritora relacionado a sua vida ou atividade profissional, cujos fundos documentais são reunidos segundo critérios e interesses particulares. Na medida em que reúne livros, coleções de objetos pessoais e obras de artes, documentos tanto pessoais quanto ligados ao seu trabalho criativo – rascunho e originais de seus textos, cartas com outros escritores e críticos, por exemplo –, seu arquivo mostra-se bastante heterogêneo, revela uma intencionalidade ordenadora, mas sem se submeter de modo geral a princípios organizacionais preconizados por saberes especializados.

Notamos que, no entendimento do referido doutor, o arquivo literário só é assim considerado quando se desloca do espaço doméstico para o institucional. Antes desse deslocamento, isto é, quando os documentos se encontram ainda na esfera privada pessoal, esse mesmo autor os denomina arquivo de escritor.

Ocorre, contudo, que, segundo abordagem arquivística, arquivos literários correspondem ao conceito de arquivo pessoal apresentado anteriormente acrescido da particularidade de que se constituem de documentos produzidos por escritores. Nesse contexto, cada arquivo pessoal seria qualificado de acordo com a atuação do titular. Assim teríamos: arquivos de cientistas, militares, políticos, dentre outros.

Apesar da ampla utilização desses qualificativos pelos profissionais de arquivo, Camargo (2015, p. 12) critica a transferência de atributos impostos pelas entidades custodiadoras de acervos ao nomear os arquivos pessoais “[...] de arquivos literários, feministas, sensíveis, operários, militares, científicos, repressivos e tantos outros.” Para a autora, os arquivos pessoais perdem, assim, sua essência, ou seja, seu “[...] elo de pertencimento ou derivação que mantêm para com a pessoa física ou jurídica que lhes deu origem.” Embora respeitemos o argumento de Camargo, julgamos que o uso de qualificativos para designação de arquivos auxilia a identificação dos mesmos, facilitando o trabalho dos pesquisadores.

Uma vez abordados os conceitos de arquivo pessoal e arquivo literário, passemos agora a explorar a questão de intencionalidade em arquivos pessoais.

O historiador francês Philippe Artières (1998) apresenta, nesse sentido, três aspectos relacionados à intencionalidade do indivíduo ao compor seu arquivo pessoal: a injunção social, a prática de arquivamento do eu e a intenção autobiográfica.

O primeiro aspecto está relacionado à função e ao valor social dos arquivos como um lugar onde os indivíduos arquivam suas vidas no “[...] cumprimento de um mandamento social [...]” (MARQUES, 2003, p. 146). “Para termos direitos sociais, um seguro social, é

preciso apresentarmos arquivos: uma conta de luz, de telefone, um comprovante de identidade bancária. Sem esses documentos, somos imediatamente excluídos.” (ARTIÈRES, 1998, p. 13), ou seja, o indivíduo não existe socialmente sem documentos. Além disso, não basta só o indivíduo ter essa documentação, é preciso organizá-la, classificá-la e arquivá-la de modo a estar apta, a qualquer momento, a apresentá-la.

Em relação ao segundo e ao terceiro aspectos, “As práticas de arquivamento do eu apresentam, ainda, uma intenção biográfica, evidenciando um movimento de subjetivação [...]” em que “[...] certos acontecimentos de uma vida são selecionados e organizados numa forma narrativa.” “Tal procedimento faz com que o sentido de nossas vidas resulte das operações de escolha, classificação e organização dos acontecimentos que a marcaram. Escrever um diário e guardar papéis equivale a escrever uma autobiografia.” (MARQUES, 2003, p. 147).

Ainda para Artières (1998, p. 14),

[...] essa exigência do arquivamento de si não tem somente uma função ocasional. O indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida. Devemos controlar as nossas vidas. Nada pode ser deixado ao acaso; devemos manter arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas sobretudo para existir no cotidiano.

Conforme apontado previamente, ao migrar do espaço privado para o público, o arquivo pessoal deve ser disponibilizado para consultas e pesquisas. Nessa medida, ao chegar ao AMLB, os documentos apresentam sinais de organização e desorganização por parte dos próprios produtores ou de seus curadores. No caso dos primeiros, os documentos “[...] nem sempre são acumulados de forma automática e contínua, ou dotados de organicidade.” (MARQUES, 2015). Já em relação aos curadores, muitas vezes estes, na tentativa de selecionar ou organizar a documentação antes da doação, acabam por desconstruir a organização proposta pelo produtor.

Com ou sem uma organização prévia, os arquivos pessoais doados ao AMLB são submetidos a um tratamento técnico com base nos princípios teórico-metodológicos da Arquivologia. Entre esses princípios, encontra-se o do respeito à ordem original, isto é, a manutenção da organização dada pelo titular sempre que possível.

Há que registrar, nesse mérito, que, no contexto do AMLB, os únicos arquivos que possuíam uma organização prévia ao serem doados foram os do poeta Carlos Drummond de Andrade, arranjado pelo mesmo em quase toda sua totalidade, e o do escritor Rodrigo Melo Franco de Andrade, organizado pelo próprio Drummond.

Os primeiros arquivos literários recebidos pelo AMLB foram os dos escritores Thiers Martins Moreira e Rodrigo Octávio Filho, doados, paulatinamente, no ano de 1972, por suas famílias; e os arquivos de Antonio Carlos Villaça, Carlos Drummond de Andrade, Lúcio Cardoso, Raul Lima e Joaquim Inojosa, doados, também aos poucos, pelos próprios titulares, na década de 1970.<sup>20</sup>

Quando um arquivo pessoal é doado ao AMLB, vem, em geral, acompanhado de documentos museológicos e bibliográficos. A partir daí, são encaminhados de acordo com suas especificidades, isto é, os documentos arquivísticos e museológicos permanecem no AMLB e os bibliográficos são enviados à Biblioteca São Clemente, da FCRB.

Os documentos museológicos são reunidos por titulares<sup>21</sup> e classificados com base no *Thesaurus para acervos museológicos* em onze categorias distintas, dentre as quais destacamos (com alguns exemplos): objetos pessoais (óculos, bengalas), equipamentos de comunicação escrita (máquina de escrever, canetas-tinteiro), mobiliário (mesas, poltronas), objetos pecuniários (moedas, cédulas), insígnias (condecorações, medalhas condecorativas) e objetos comemorativos (placas comemorativas, homenagens).<sup>22</sup> No ano de 2007, algumas dessas categorias foram digitalizadas e inseridas nos programas de banco de imagens FotoStation e FotoWeb.<sup>23</sup>

Já em relação à documentação arquivística, esta a princípio apresentou uma metodologia de tratamento que refletia uma abordagem menos comprometida com os padrões da Arquivologia, na qual os documentos eram identificados e registrados em um livro de tomo e descritos em fichas índice.

As fichas eram agrupadas pelos seguintes temas: correspondência do titular (passiva e ativa), correspondência de terceiros, trabalhos de autoria do titular, trabalhos de autoria de terceiros, documentos, miscelâneas e iconografia. E continham os seguintes descritores: autor, número de tomo, destinatário, técnica gráfica, espécie documental, número de documentos, data de produção e proveniência, conforme a figura 2. A recuperação da informação contida nos documentos se dava por meio de fichas dispostas em ordem alfabética por autor e por tema. Essa metodologia é consagrada no *Manual de serviços* de 1983. O AMLB ainda possui

---

<sup>20</sup> Informações extraídas do *Livro do Tombo I* do AMLB.

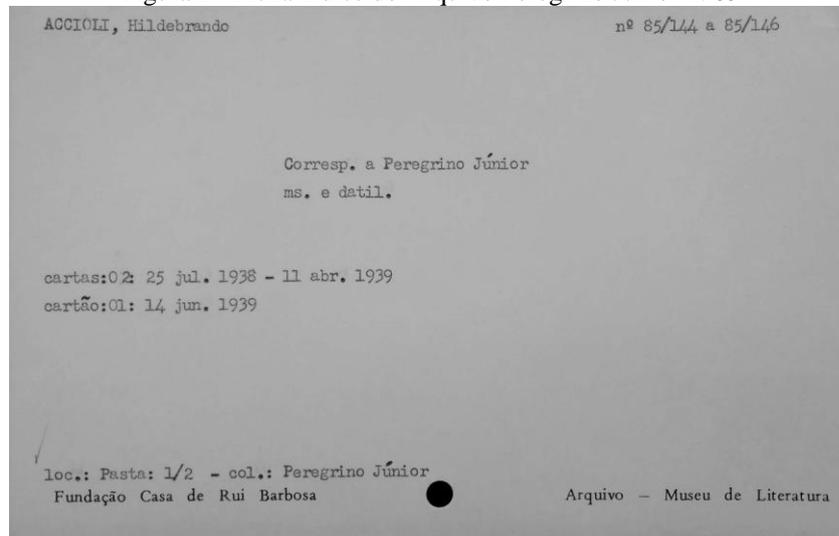
<sup>21</sup> Atualmente, o acervo museológico conta com 49 coleções de titulares.

<sup>22</sup> Informações extraídas do Arquivo Histórico e Institucional da FCRB: Processo 01550.000312/2016-25: Contratação de bolsista no âmbito do programa de incentivo à produção do conhecimento técnico e científico na área da cultura da FCRB – Edital n. 03/2016 – Zenilda Ferreira Brasil.

<sup>23</sup> Informações extraídas do Arquivo Histórico e Institucional da FCRB: Processo 01550.000214/2007-05 e Processo 01550.000192/2007-75, ambos referentes ao assunto Banco de imagens.

essa organização em alguns arquivos, tais como dos escritores Peregrino Júnior e Cyro dos Anjos.

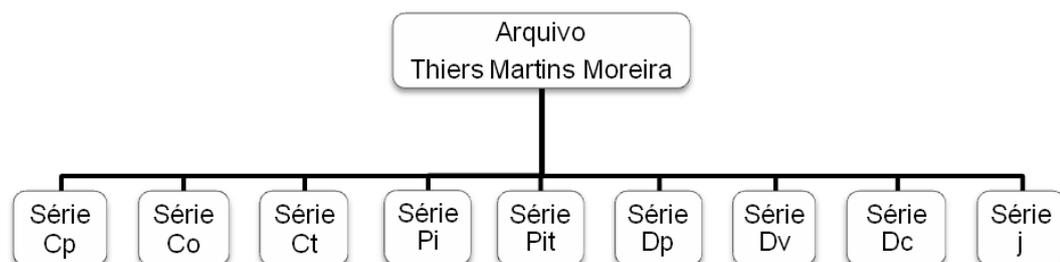
Figura 2 - Ficha índice do Arquivo Peregrino Júnior n. 85



Fonte: A autora (2019).

A segunda metodologia assumiu um caráter arquivístico, sendo adotada, em meados da década de 1980, apenas para os documentos textuais. Consistia em uma metodologia proposta pelo CPDOC, conforme mencionado anteriormente, com base na experiência da França e dos Estados Unidos. Por essa metodologia, os documentos eram arranjados por séries, isto é, conjuntos documentais “[...] que compõem uma unidade definida a partir dos critérios de conteúdo ou espécie de material.” (CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL, 1980, p. 3). Um exemplo dessa metodologia é apresentado em seguida com o Arquivo Thiers Martins Moreira (Figura 3), o primeiro arquivo pessoal estruturado segundo essa lógica, apresentando, porém, as particularidades de arquivo pessoal de um literato.

Figura 3 - Quadro de arranjo do Arquivo Thiers Martins Moreira



Fonte: A autora (2019).

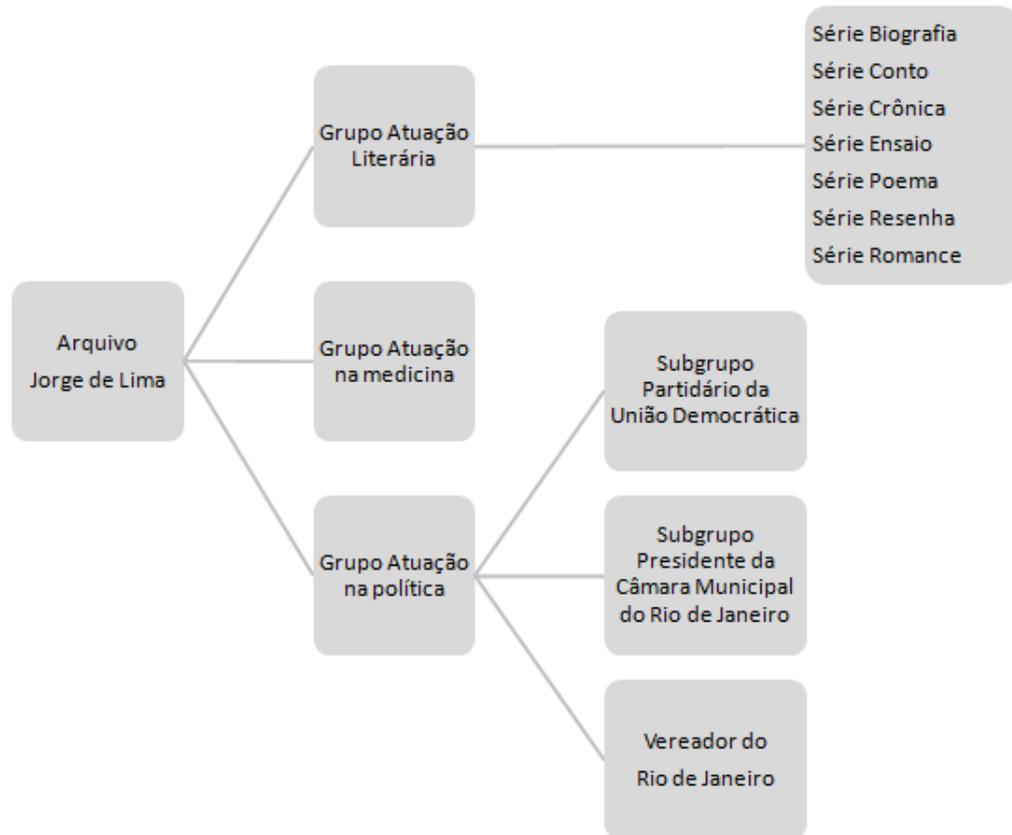
No diagrama ora apresentado, os documentos foram distribuídos em nove séries, as quais, da esquerda para direita, são: Correspondência pessoal (Cp), Correspondência oficial e comercial (Co), Correspondência de terceiros (Ct), Produção intelectual (Pi), Produção intelectual de terceiros (Pit), Documentos pessoais (Dp), Diversos (Dv), Documentos complementares (Dc) e Recortes (j).

A terceira metodologia foi adotada a partir do ano de 2015. Os novos procedimentos que a configuram surgem nos anos 2000, quando os profissionais de arquivo no Rio de Janeiro começaram a questionar a antiga metodologia, considerando-a inadequada, uma vez que o arranjo não refletia as atividades desenvolvidas pelo titular do acervo, limitando-se a uma separação documental por espécie e por temas pré-estabelecidos à semelhança das regras biblioteconômicas.

Assim é que, em 2015, dá-se início à atualização das práticas arquivísticas no AMLB. Essa atualização pautou-se nos princípios “[...] postulados sob a presunção de uma afinidade entre os documentos e seu produtor no qual o arranjo dos documentos atua como um tipo de espelho da entidade que os produziu.” (DOUGLAS; MACNEIL, 2009 *apud* ABREU, 2017, p. 88) e na adoção da Nobrade.

A nova metodologia tomou por base as experiências de arranjo em arquivos pessoais da Casa de Oswaldo Cruz (COC), do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), do Arquivo Nacional (AN), do CPDOC e da Fundação Fernando Henrique Cardoso (FFHC). Após um estudo profundo da nova proposta e de sua aplicabilidade aos acervos do AMLB, tomou-se a decisão de adotá-la e de sistematizá-la no *Manual de padronização dos procedimentos de arranjo e descrição dos documentos arquivísticos e das coleções do AMLB*. Essa nova proposta de arranjo se constitui numa estrutura multinível em que os conjuntos documentais são agrupados de acordo com as funções desempenhadas pelo titular do arquivo ao longo de sua vida. Tais grupos de documentos se desdobraram “[...] em outras frações agora com base nas espécies e tipos documentais existentes.” (RONDINELLI; PARANHOS; ABREU, 2017, p. 8). A figura 4 demonstra parte do resultado dessa operação.

Figura 4 - Extrato de arranjo do Arquivo Jorge de Lima



Fonte: Paranhos (2017).

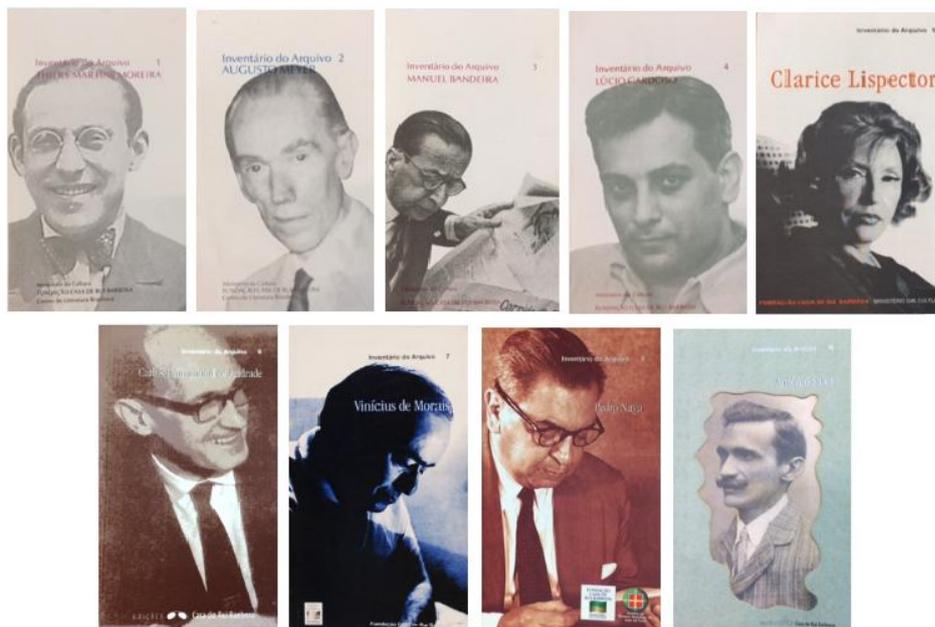
Há que considerar que os arquivos pessoais de escritores “[...] implicam em pesquisa criteriosa sobre a vida e a obra do titular.”, exigindo dos arquivistas que “[...] mergulhem no processo criativo do autor, procurando entender sua intencionalidade e mecanismos de produção de suas obras.” (PARANHOS, 2017, p. 10) Além disso, no caso específico do AMLB, registra-se uma peculiaridade dos seus acervos, a qual se traduz na heterogeneidade com que se apresentam no momento da doação, uma vez que se constituem não só de documentos textuais, mas também de livros, objetos pessoais como máquina de escrever, óculos e obras de artes.

Finalmente, ressaltamos que a finalidade do tratamento arquivístico é “[...] preservar os documentos de valor e torná-los acessíveis à consulta.” (SCHELLENBERG, 2006, p. 345). Somente por meio de uma metodologia consistente e harmonizada com o tipo de acervo que se pretende tratar (arquivístico, museológico ou bibliográfico), esse objetivo pode ser alcançado.

## 1.4 Informatização dos inventários dos acervos arquivísticos

Na década de 1980, conforme citado anteriormente, o AMLB inicia um processo de aprimoramento dos serviços de divulgação e acesso dos acervos sob sua custódia, produzindo e publicando a série *Inventário do Arquivo* (Figura 5). O primeiro inventário publicado foi o do arquivo de Thiers Martins Moreira, em 1988, por se tratar do primeiro arquivo doado ao AMLB.

Figura 5 - Série Inventário do Arquivo



Fonte: A autora (2019).

Na década de 1990, as instituições custodiadoras de acervos começaram a adotar a tecnologia digital para o processamento e divulgação dos mesmos. Foi o momento da explosão das bases de dados descritivas em todo o mundo. Assim é que no ano de 1994 o AMLB aderiu à nova tendência e passou a dispor de um sistema de automação dos seus inventários, que passaram a ser feitos em bases de dados. Com isso, facilitou-se o acesso dos pesquisadores aos acervos (VASCONCELLOS, 2014).

A primeira base de dados utilizada pelo AMLB foi o Micro-ISIS. Consistia em um programa computacional prático, flexível e gratuito voltado para o armazenamento, processamento e recuperação de dados, porém projetado especialmente para o contexto bibliográfico (MIKI, 1989).

Em 2001, a FCRB adquire o programa OrtoDocs<sup>24</sup> (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 2005), *software* proprietário, desenvolvido para descrição de documentos bibliográficos (CÔRTEZ, 1999), sendo que cada setor detentor de acervos possuía sua própria base de dados. Apesar dos esforços da Fundação em aderir à tecnologia digital, nesse momento o acesso aos documentos ainda não era remoto, sendo necessário que o pesquisador se deslocasse até a instituição. Tal situação modifica-se a partir de 2006 quando o *website* da FCRB passa a permitir o acesso à consulta *on-line* aos acervos por intermédio dos instrumentos de pesquisa. Essa medida modernizadora foi acompanhada da instalação de uma sala de consulta única, ou seja, um local devidamente construído para receber os pesquisadores interessados em todos os tipos de acervos da instituição (PESSOA, 2013).

Em 2013, sempre na esteira do processo de acompanhamento das mudanças tecnológicas, outra base de dados é adquirida pela Fundação, agora com a finalidade de compartilhar todos os acervos da mesma em uma única base de dados. Trata-se do programa SophiA, que, assim como o OrtoDocs, também se constitui num *software* proprietário voltado para o contexto bibliográfico. Atualmente, no que tange ao AMLB, encontram-se inseridos na nova base <sup>43</sup> inventários acessíveis nas páginas do Arquivo-Museu e em outras páginas do *site* da FCRB, por intermédio de *links*, direcionados para a plataforma *web* SophiA.

O presente capítulo se propôs a apresentar a trajetória do AMLB desde a sua idealização por Carlos Drummond de Andrade e Plínio Doyle, passando pela sua institucionalização dentro da FCRB, até a sua consagração como um *locus* de excelência para a pesquisa literária, ressaltando estudos sobre genética do texto, bem como para a pesquisa arquivística e museológica. Registrem-se ainda os esforços do AMLB no sentido de inserir-se na tecnologia digital para maior democratização do acesso aos seus acervos. Tal inserção será explorada no próximo capítulo.

---

<sup>24</sup> Informações extraídas do Arquivo Histórico e Institucional da FCRB: dossiê Relatório de Atividades AMLB 2004-2009.

## 2 O ARQUIVO-MUSEU NA INTERNET

A evolução da tecnologia digital a partir da década de 1990 possibilitou a informatização dos inventários dos acervos arquivísticos, bem como a consulta remota aos mesmos. Era o início de um processo de democratização do acesso à informação por intermédio da internet, potencializada pela criação da *World Wide Web* (WWW), popularmente conhecida por *web*.

Na verdade, a internet e a *web* são recursos distintos, sendo que, na prática, uma precisa da outra – “[...] a internet é o meio físico por onde trafega a *web*.” (GOMES, 2010, p. 9), já a *web* “[...] organiza o teor dos sítios da internet por informação e não localização, oferecendo aos usuários um sistema fácil de pesquisa para procurar as informações desejadas.” (CASTELLS, 2016, p. 105).

A internet tem sua origem a partir da criação, na década de 1960, da Advanced Research Projects Agency Network (Arpanet), tecnologia que permitia a comunicação em rede. Essa comunicação foi desenvolvida por cientistas de centros de pesquisas de universidades americanas em colaboração com o Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Não demorou para que esses pesquisadores passassem a usar a Arpanet para suas próprias comunicações entre si. Com isso, a partir de um determinado momento, ficou difícil separar as pesquisas de cunho militar das comunicações científicas e conversas pessoais. A solução foi dividir a Arpanet em duas novas redes: uma para fins científicos e outra para fins militares. Tal divisão se deu na década de 1980, que registou também o aparecimento de outra nova rede, agora com fins acadêmicos, a chamada *Because It's Time to Network* ou *Because It's There Network* (Bitnet). Esta nova rede foi criada pela National Science Foundation (NSF) em colaboração com a International Business Machines (IBM). Na mesma década de 1980, a NSF desenvolveu um sistema de redes regionais, dando os primeiros passos para o desenvolvimento de uma rede mundial, ou seja, a Internet. Essa rede mundial se intensificou a partir da década de 1990 com a criação de uma nova ferramenta, qual seja a *web*, que ampliou e transformou exponencialmente a capacidade de comunicação humana.

Assim é que a Arpanet se constituiu em ferramenta seminal do sistema comunicativo em rede e encerrou suas atividades no início da década de 1990 para dar lugar à Internet e a *web* (CASTELLS, 2016).

Em relação ao Brasil, o ano de 1989 marca o início do uso da internet no país a partir da fundação da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) pelo engenheiro da computação Tadao Takahashi.

A princípio, a RNP prestava serviços somente à comunidade acadêmica. Essa situação mudou a partir do uso de correio eletrônico e da *web* (TAKAHASHI, 2000).

É nesse cenário de adesão nacional à tecnologia digital que a FCRB desenvolve, no final da década de 1990, seu primeiro *site*<sup>25</sup> institucional na *web*, que incluía informações gerais sobre a Fundação, seus serviços, eventos e sobre seu patrono, Rui Barbosa. Entende-se por *site* institucional um lugar na rede “[...] que contém informações relativas a um órgão ou entidade específica, tanto informações institucionais como informações e serviços de sua competência.” (BRASIL, 2012, p. 8).

Para melhor compreensão, um *website* corresponde a uma localidade dentro da internet, que, por sua vez, corresponde a um grupo de páginas *web*. Uma página *web* é “[...] um documento, ou lote de informação, disponível na WWW [...]. Cada página pode conter texto, arquivos gráficos, arquivos de som etc.” (SAWAYA, 1999).

A iniciativa de criação de um *site* institucional pela FCRB se dá na esteira de um movimento das instituições governamentais brasileiras em geral de aderir a essa nova ferramenta tecnológica.

## 2.1 O processo de construção de *websites* governamentais

O processo de construção de um *site* governamental se deu inicialmente num contexto individual, isto é, cada instituição criava o seu *website* sem ter de seguir nenhuma orientação prévia.

Essa situação começou a mudar a partir do decreto s/n de 18 de outubro de 2000,<sup>26</sup> que criou o Comitê Executivo do Governo Eletrônico, cujo objetivo era “[...] formular políticas, estabelecer diretrizes, coordenar e articular as ações de implantação do Governo Eletrônico [e-gov], voltado para a prestação de serviços e informações ao cidadão.” Trata-se do nascimento de uma política de governo que pode ser entendida

[...] como um conjunto de ações modernizadoras vinculadas à administração pública, que começam a ganhar visibilidade no final da década de 1990. [...] não se restringe à simples automação dos processos e disponibilização de serviços públicos por meio de serviços *on-line* na internet [...], mas na mudança da maneira como o governo, [...] atinge os seus objetivos para o cumprimento do papel do Estado. (DINIZ *et al.*, 2009, p. 27)

---

<sup>25</sup> Conforme citado na introdução deste trabalho, utilizaremos os termos *website*, *site* e *sítio* como sinônimos ao longo desta dissertação.

<sup>26</sup> Revogado pelo decreto nº 8.638 de 2016.

Assim é que os dez primeiros anos do e-gov foram marcados por um conjunto de ações voltadas para o uso de assinaturas eletrônicas, certificação digital, interoperabilidade, acessibilidade de conteúdo *web* e outras. Mesmo com todos esses recursos tecnológicos, a construção de *websites* continuava sem diretrizes, ao sabor de cada instituição, ou seja, sem nenhuma orientação que a regulasse.

Entretanto, conforme mencionado anteriormente, é o próprio e-gov que vai corrigir essa situação por meio da implantação do chamado Padrões *Web* em Governo Eletrônico (e-PWG), a partir do ano de 2010, que contempla os seguintes documentos eletrônicos: *Cartilha de codificação*, *Guia de administração*, *Cartilha de usabilidade*, *Cartilha de redação web* e *Cartilha de desenho e arquitetura de conteúdo*.

Afinal, é de responsabilidade da administração pública oferecer ao cidadão a melhor experiência no que tange ao acesso às informações governamentais (BRASIL, 2010a, p. 8); logo, um *site* mal concebido ou mal desenvolvido implica custos para o governo, uma vez que incorre em desperdício do dinheiro público para sua “[...] concepção, manutenção, hospedagem, evolução e redesenho.” (BRASIL, 2012, p. 15).

Um *website* ou portal do governo “[...] não tem um objetivo por ele mesmo, [...] é uma extensão do órgão, de suas políticas, um meio de prestação de serviços e informações, um canal entre os cidadãos e o órgão.” (BRASIL, 2012, p. 37). Portanto, seu desenvolvimento, evolução e manutenção tem que estar em conformidade com os padrões e a legislação vigente. Uma vez bem estruturado, deve possuir as seguintes características: objetivo, carregamento rápido, acessibilidade, boa navegação e página de contato (BRASIL, 2012).

De acordo com Memória (2012), a metodologia para construção de um *website* comercial envolve pessoas de diferentes áreas e a descoberta da alma do produto. Seu objetivo implica a relação amigável entre os usuários e a interface *site*. Ao iniciar um projeto, há de se levar em consideração três perguntas: qual o público-alvo?; qual o objetivo do produto? e quais as principais tarefas a serem executadas no *site*?. Quanto mais informações o desenvolvedor do *website* reunir, mais fácil será para resolver seus problemas e desenvolver seu produto.

Compreende-se por interface o meio pelo qual o usuário intervém e dialoga com o seu objeto de interação, no nosso caso o *website* (BRASIL, 2010c). Uma boa interface deve ter um bom *design*, porque é ela que garantirá credibilidade ao usuário. “Um sítio legível e esteticamente agradável hierarquiza e facilita a decodificação das informações apresentadas,

influenciando seu nível de satisfação durante a interação [...]” com o usuário. “O desenho [do *site*] deve estar a serviço da informação.” (BRASIL, 2010c, p. 20-23).

Entretanto, os *sites* governamentais, diferentes dos comerciais, possuem “[...] objetivos e requisitos mais complexos.” e, por isso, “[...] devem ter uma gestão consistente, com estratégia, objetivos e público-alvo claros.” (BRASIL, 2012, p. 11-15), a fim de evitar a construção de *websites* mal projetados ou inacessíveis ao cidadão. Estamos, pois, nos referindo aos chamados Padrões *web*, que são recomendações de tecnologia definidas pelo *World Wide Web Consortium* (W3C)<sup>27</sup> e outros órgãos da área destinados a orientar os desenvolvedores de *sites* para o uso de boas práticas na *web* acessíveis a todos, incluindo os usuários portadores de deficiência (BRASIL, 2014a).

Os padrões *web* se constituem, na verdade, de recomendações que se traduzem em diretrizes, heurísticas, critérios ou cartilhas desenvolvidos por diversos especialistas. “Uma das mais famosas é a lista de heurísticas de Jacob Nielsen, podendo ser citados também os Princípios de Bruce Tognazzini e os Critérios Ergonômicos de Bastien e Scapin.” (BRASIL, 2010c, p. 12) e, no Brasil, as heurísticas desenvolvidas por Claudia Dias. Foi com base nas heurísticas de Dias que o e-gov desenvolveu as cartilhas mencionadas anteriormente.

É importante ressaltar que as cartilhas padrão *web* do governo brasileiro para a construção de *websites* se caracterizam por serem orientações apenas, ou seja, sua adoção não é obrigatória.

## 2.2 A evolução do *website* da FCRB

O primeiro *website* da FCRB data de 1997. Por intermédio do programa Wayback Machine disponível no *website* da Internet Archive, é possível rever, a partir de 1998, parte da evolução do *site* da Fundação.

A Internet Archive é uma organização sem fins lucrativos, de domínio público, fundada em 1996 pelo engenheiro Brewster Kahle. Tem por objetivo documentar os conteúdos publicados na *web* mediante o arquivamento de cópias de páginas da *web*, gerando uma biblioteca digital de *sites* (INTERNET ARCHIVE, 2014).

Há que esclarecer que a Internet Archive, ao contrário do que se pensa, não arquivava todos os conteúdos *web*. Isto porque, de acordo com Cox (2017, p. 381), “[...] a natureza ou

---

<sup>27</sup> Consórcio de âmbito internacional que tem por finalidade desenvolver especificações, guias e ferramentas para *web* (BRASIL, 2010b).

vantagem da internet está em sua capacidade de produzir documentos com *links*<sup>28</sup> e formatos múltiplos, e é exatamente essa característica que torna difícil preservá-los.”

Entretanto, apesar dessa dificuldade de preservação, ainda foi possível recuperar parte do processo de evolução do *website* da FCRB. Para tanto, se utilizou o programa Wayback Machine, mencionado anteriormente, que permitiu a captura para a biblioteca digital da Internet Archive de 539 conteúdos do período compreendido entre 12 de dezembro de 1998 e 24 de fevereiro de 2018. Há de se ressaltar que, além da utilização do Wayback Machine, procedeu-se também a pesquisas realizadas no arquivo institucional da Fundação.

### 2.2.1 A criação do *website* da Fundação Casa de Rui Barbosa

A primeira arquitetura do *website* da FCRB, em 1997, foi desenvolvida pelos *designers* gráficos Rodolfo Capeto, Noni Geiger e Adriana Fuerth. As informações apresentadas no *site* eram fornecidas por diversos setores da Fundação sob a coordenação da pesquisadora Ana Pessoa. A composição do conteúdo escrito contava com a colaboração do professor Adriano da Gama Kury, já a digitalização de imagens ficava a cargo da tecnóloga Mariangela Chiarelli (INTERNET ARCHIVE, 2014).

O *site* possuía uma página principal<sup>29</sup> (Figura 6) de interface simples e conteúdo estático, com *links* direcionados para as páginas: FCRB@CASARUIBARBOSA.GOV.BR (endereço do correio eletrônico da instituição); INFORMAÇÕES SOBRE O *SITE*; CONSULTA À BASE DE DADOS E TEXTOS; RUI BARBOSA; A FUNDAÇÃO; AGENDA/SERVIÇOS e NOVIDADES. Ressalte-se que a página CONSULTA À BASE DE DADOS E TEXTOS não se tratava de uma página direcionada para a base de dados dos acervos sob a custódia da Fundação, mas sim de trabalhos desenvolvidos pelo Centro de Pesquisa. Devido à dificuldade da preservação dos *websites*, a figura 6 apresenta perdas de informações.

---

<sup>28</sup> Para internet, “ligação entre partes diferentes de um hipertexto ou entre um hipertexto e outro. Um caminho que o usuário pode seguir para conectar documentos e páginas da *web*” (SAWAYA, 1999).

<sup>29</sup> Também denominada por página inicial, página de entrada e *homepage*.

Figura 6 - Página principal da primeira interface do *website* da FCRB, 1998.



Fonte: Internet Archive (2014).

Essa interface permaneceu *on-line* por oito anos, quando a FCRB sentiu necessidade de atualizá-la, incorporando novos conteúdos.

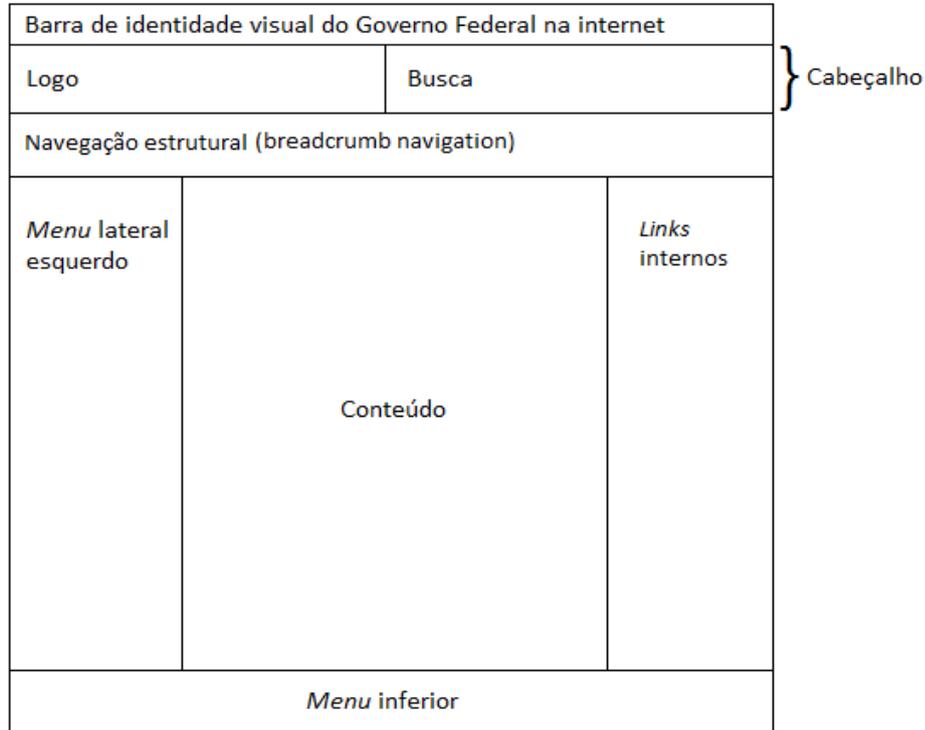
### 2.2.2 A mudança de status de *website* para portal

No ano de 2003, com a finalidade de melhorar a interface do seu *site*, divulgar as bases de dados dos acervos sob sua custódia (antes consultados presencialmente) e promover suas novas atividades, a Fundação formulou um novo projeto de arquitetura do seu *website*<sup>30</sup> (Figura 7). Esse novo projeto, de interface mais complexa, resultou numa mudança de *status* de *website* para Portal, o qual pode ser entendido como “[...] um *site* complexo que possui um

<sup>30</sup> Informações extraídas do Arquivo Histórico e Institucional da FCRB: Processo 01550.000434-2003-05 – serviço de redesenho do *site* da FCRB.

grande conjunto de informações, órgãos e departamentos diferentes, muitos serviços e outros *sites* agregados a ele.” (BRASIL, 2012, p. 8).

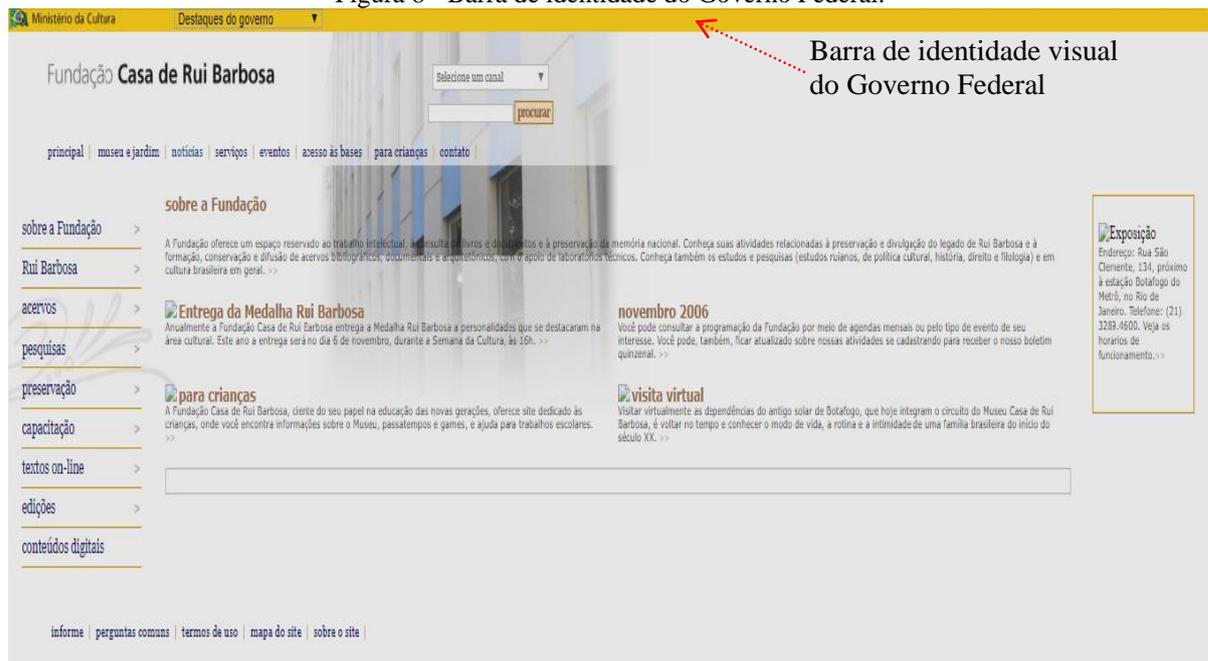
Figura 7 - Layout da arquitetura atual do *site* da FCRB



Fonte: A autora (2019).

O novo projeto foi finalizado no ano de 2005 e lançado em 2006, agora com uma arquitetura mais complexa e em conformidade com seus novos objetivos e requisitos, incluindo a barra de identidade visual do Governo Federal na internet (Figura 8). Essa nova estrutura perdura até os dias atuais.

Figura 8 - Barra de identidade do Governo Federal.



Fonte: Internet Archive (2014).

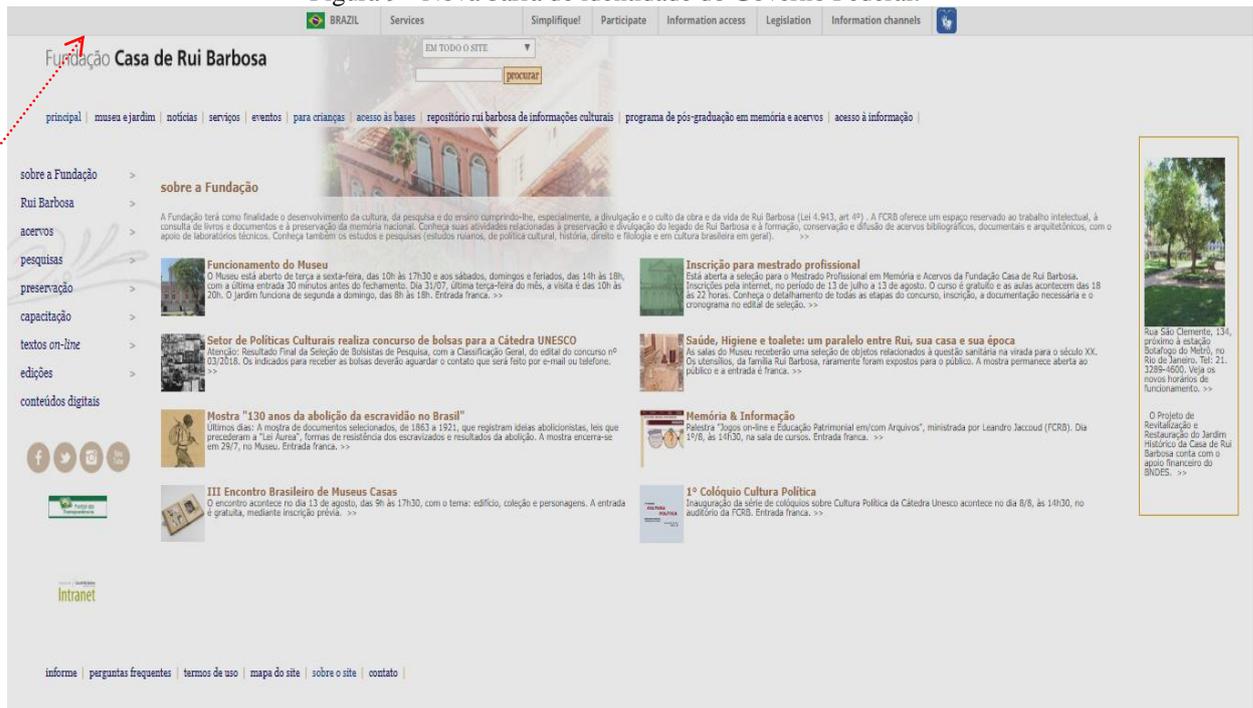
O novo *status* gerou alterações também no quadro da equipe técnica de desenvolvimento e gestão, que permaneceu sob a coordenação da servidora Ana Pessoa, na época diretora do CMI, porém agora contando com a *webdesigner* Claudia Duarte e a equipe técnica: Rafael Burity e Roger Christian, no suporte técnico; Ana Ligia Medeiros, Claudia Altschüller, Elizabeth Fonseca, Heloísa Ribeiro, Maria Clara Boardman, Maria Inês Duque Estrada, Rachel Teixeira Valença, na redação, produção e revisão dos textos; e outros. (INTERNET ARCHIVE, 2014).

No ano de 2014, o *site* passou por uma leve modificação na barra de identidade visual do Governo Federal (Figura 9) recomendada pelo governo com o “[...] objetivo de padronizar a codificação e garantir a aderência às normas da Administração Pública.” A nova barra foi criada com a finalidade de identificar e integrar os *sites* e portais do Governo Federal, assim como proporcionar o acesso direto ao Portal Brasil (BRASIL, [2014]).<sup>31</sup>

<sup>31</sup> Plataforma *web* do Estado Brasileiro que visa ampliar os canais de interação com os usuários e outros sistemas (BRASIL, 2015).

Figura 9 - Nova barra de identidade do Governo Federal.

Nova barra de identidade visual do Governo Federal



Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa, ([2006]).

O novo *status* ampliou a visibilidade dos acervos arquivísticos do AMLB, uma vez que permitiu que os mesmos fossem consultados remotamente.

### 2.3 O espaço do AMLB no site da FCRB

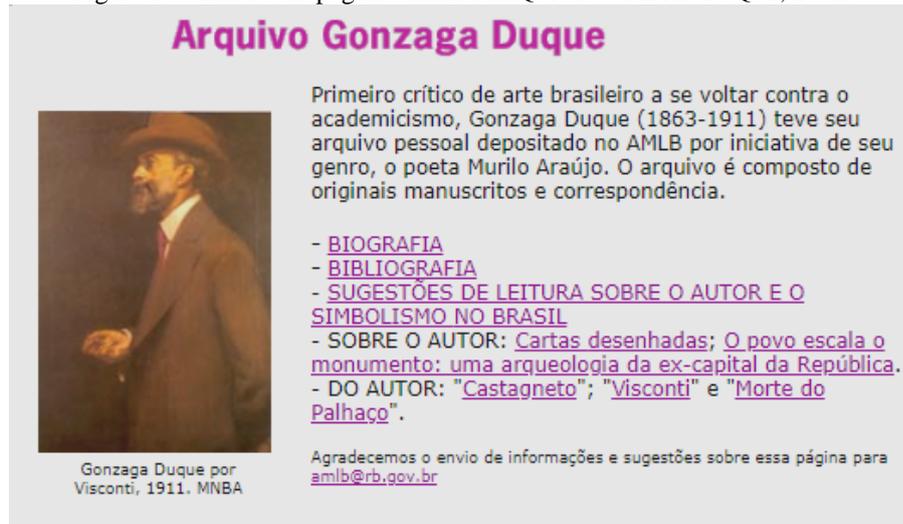
O primeiro conteúdo sobre o AMLB no *site* inaugural da Fundação teve início na página AGENDA/SERVIÇO e vinha acompanhado de outras informações referentes a agendamentos e serviços prestados pelos setores: Arquivo Histórico e Institucional, Biblioteca (coleção Rui Barbosa, coleções Biblioteca São Clemente e Biblioteca Infante-juvenil) e o Museu Casa de Rui Barbosa.

Na época, as informações sobre o AMLB limitavam-se ao horário de atendimento, às orientações sobre o serviço de cópias e à consulta presencial aos acervos, não constando, porém, nenhuma referência quanto ao total de acervos e seus titulares. A menção ao setor se restringia ao seguinte texto:

Arquivo-Museu de Literatura Brasileira – AMLB. Serviços de cópias eletrostáticas, fotográficas e de microfilmagem, autorizados mediante avaliação técnica do estado de conservação dos documentos. Horário de funcionamento: de 2ª a 6ª feira, das 9 às 12h, e das 13 às 17h. Informações: 537-0036, r. 116 (INTERNET ARCHIVE, 2014).

Em maio de 2001, foi incluída uma página de destaque<sup>32</sup> por intermédio de um *link* na página principal do *website* intitulado VISITE O ARQUIVO GONZAGA DUQUE (Figura 10). O referido *link* direcionava o usuário a uma página *web* que continha informações biográficas e bibliográficas sobre o escritor e seu acervo salvaguardado no AMLB. Essa página ficou disponível no *site* por, aproximadamente, um ano.

Figura 10 - Extrato da página VISITE O ARQUIVO GONZAGA DUQUE, 2001.



Fonte: Internet Archive (2014).

No ano de 2002, o AMLB ganha destaque mais uma vez na página principal do *site*, agora com o *link* VENHA VER A EXPOSIÇÃO DRUMMOND: UMA VISITA. Tratava-se de uma homenagem ao centenário de nascimento do poeta. Porém, conforme citado anteriormente, o programa Wayback Machine não é capaz de capturar todas as informações contidas num *website*. Foi o que aconteceu com a referida exposição sobre a qual não se tem nenhum registro. O *link* em questão permaneceu *on-line* por cinco meses.

É somente no ano de 2003 que o Arquivo-Museu ganha uma página individual (Figura 11) no *website* da Fundação por meio de um *link* na página AGENDA/SERVIÇO. Essa primeira página apresentava um breve histórico sobre a criação do setor, sua metodologia de organização dos acervos arquivísticos, informações relacionadas aos serviços prestados e uma lista nominal dos titulares dos acervos doados até então. Alguns desses nomes possuíam *links* para outras páginas individuais conforme a figura 12. Essas páginas contavam com o título do arquivo doado, um *menu* superior e uma área para o conteúdo textual, que continha as seguintes informações: galeria de fotos, ficha técnica, biografia, homenagens e textos de e

<sup>32</sup> “Página criada com a finalidade de divulgação de mensagens institucionais, de utilidade pública e para ampliar a divulgação de um tema ou evento de caráter temporário.” (BRASIL, 2014b)

sobre o titular. Os titulares contemplados na página do AMLB eram: Augusto Meyer, Clarice Lispector, Gonzaga Duque, Manuel Bandeira, Nestor Victor, Ribeiro Couto e Thiers Martins Moreira. As páginas referentes a cada titular contavam com a mesma arquitetura e permaneceram *on-line* até a mudança de *status* do *website*, em 2006.

Figura 11 - Primeira página do AMLB no *website* da FCRB, 2003.

Rui Barbosa A Fundação Agenda/Serviços Novidades

## Arquivo-Museu de Literatura Brasileira

Criado em 1972, por inspiração de Carlos Drummond de Andrade e tendo à frente o bibliófilo Plínio Doyle, o AMLB reúne hoje dezenas de arquivos privados de escritores brasileiros. Em permanente crescimento, os constitui importante fonte de consulta para pesquisas e estudos literários. Para a divulgação do acervo são editados inventários e organizadas exposições dos documentos. Os arquivos são organizados segundo 9 séries básicas: correspondência pessoal; correspondência de terceiros; correspondência familiar; produção intelectual do titular; produção intelectual de terceiros; documentos pessoais; diversos; documentos complementares; recortes.

O AMLB está aberto à consulta das 9:00 às 12:00h e das 13:00 às 17:00h, de 2ª a 6ª, e possui serviços de cópias eletrostáticas, fotográficas e de microfilmagem, autorizados mediante avaliação técnica do estado de conservação dos documentos.

Abgar Renault  
Afonso Pena Júnior  
Alberto Faria  
Andrade Murici  
Antônio Carlos Villaça  
Antônio Fraga  
Aprígio dos Anjos  
Ari Quintela

Lúcio de Mendonça  
Luís Camilo de Oliveira Pena  
Luís Martins



[August Meyer](#)

Barreto Leite Filho  
Bastos Tigre  
Bezerra de Menezes  
Cacaso  
Caio Fernando de Abreu.



Carlos Drummond de Andrade  
Ciro dos Anjos



[Clarice Lispector](#)

Corina Coaracy  
Cornélio Pena  
Cruz e Sousa  
Francisco Inácio Peixoto  
Genolino Amado  
Gilberto Amado



[Gonzaga Duque](#)

Graça Aranha  
Hélio Pelegrino  
Homero Homem  
Joaquim Inojosa  
José de Alencar  
José Galante de Sousa  
José Geraldo Vieira  
José Olímpio  
José Vieira  
Judith Grossman  
Julietta de Godói Ladeira  
Leme Lopes  
Leon Eliachar  
Leopoldo Aires



[Lúcio Cardoso](#)



[Manuel Bandeira](#)

Maria Isabel Ferreira  
Maria José de Queirós  
Marques Rebelo  
Melo Nóbrega  
Mendes Fradique  
Murilo Araújo  
Murilo Miranda  
[Nestor Vitor](#)  
Nilo Bruzzi  
Olga Savary  
Osman Lins  
Oto Maria Carpeaux  
Paula Freitas



Pedro Nava  
Peregrino Júnior  
Péricles Madureira de Pinho  
Plínio Doyle  
Povina Cavalcanti  
Prudente de Moraes Neto  
Raimundo Magalhães Jr.  
Raul Lima  
Renato Almeida  
[Ribeiro Couto](#)  
Rodrigo Otávio Filho  
Salvador de Mendonça  
San Tiago Dantas  
Sérgio Porto  
Silveira Neto  
Sílvio Miraglia  
Simões Lopes Neto  
Tasso da Silveira  
Tetrá de Tefé



[Thiers Martins Moreira](#)

Valdemar Cavalcanti  
Valmir Ayala  
Válter Benevides  
Vinicius de Moraes  
Visconti Coaraci  
Wilson Martins

Fonte: Internet Archive (2014).

Figura 12 - Extrato da página individual do titular Ribeiro Couto, 2003.



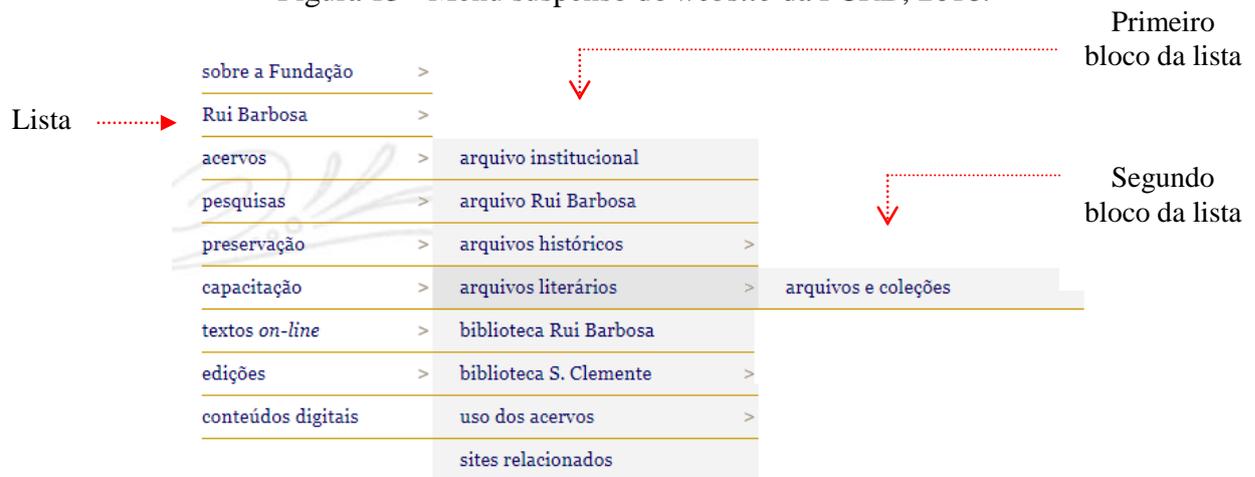
The screenshot shows a website page titled "Arquivo Ribeiro Couto". At the top, there is a navigation menu with four items: "Rui Barbosa", "A Fundação", "Agenda/Serviços", and "Novidades". Below the menu, the title "Arquivo Ribeiro Couto" is displayed in a pink font. To the left of the main text is a black and white portrait of Rui Ribeiro Couto, a man with glasses wearing a suit. To the right of the portrait, there is a biographical paragraph in Portuguese, followed by a list of links: "- BIOGRAFIA", "- BIBLIOGRAFIA", "- SOBRE O AUTOR", "- DO AUTOR", and "- LINKS".

Fonte: Internet Archive (2014).

Atualmente, o AMLB dispõe de quatro páginas *web* no Portal da Fundação. Essas páginas, além de disponibilizar informações sobre o setor, seus acervos e serviços, agora dão acesso remoto aos inventários por intermédio de *links* direcionados para os arquivos de textos (em formato *Portable Document File* (PDF)) e para as plataformas *web* SophiA e DocReader.<sup>33</sup>

A primeira página, que é intitulada ARQUIVOS LITERÁRIOS, será identificada para fins deste trabalho como página principal do AMLB, uma vez que é a primeira na ordem de entrada do *menu* do *site*. Entretanto, esse modelo de *menu* não é simples. Trata-se do *menu drop-down* ou *menu suspenso*, o qual dispõe de uma estrutura similar a uma lista dinâmica, isto é, ao acessar um item do *menu*, este abre um bloco de listas na vertical e assim por diante. Quando o *menu* não é ativado, ele esconde as listas verticais (Figura 13).

<sup>33</sup> DocReader é o *software* utilizado pela FCRB para a consulta aos documentos digitalizados de domínio público dos acervos arquivísticos sob sua custódia.

Figura 13 - Menu suspenso do *website* da FCRB, 2018.

Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa, ([2006]).

Como vemos na figura acima, o acesso à página principal do AMLB, ARQUIVOS LITERÁRIOS, se dá por meio de um *menu* suspenso após um clique sobre o item “acervos” da lista, e, sequencialmente, “arquivos literários”, que se apresenta no primeiro bloco. O conteúdo dessa página (Figura 14) apresenta um texto, de teor informal, sobre o setor e três *links*: um direcionado para a página secundária, denominada CONSULTA AOS ARQUIVOS LITERÁRIOS (Figura 15), e os outros para os ícones: *Twitter* e opção de impressão. A página CONSULTA AOS ARQUIVOS LITERÁRIOS contém a mesma estrutura informacional da página inicial, porém com o conteúdo voltado para informações gerais sobre o Arquivo-Museu.

Figura 14 - Página ARQUIVOS LITERÁRIOS, 2018.

**Menu suspenso** →

**Título da página** → **Fundação Casa de Rui Barbosa**

**Conteúdo** →

**Links do conteúdo** →

principal > arquivos literários > arquivos literários

**arquivos literários**

Que leitor não gostaria de ver os manuscritos de seu escritor favorito... as cartas que ele recebeu ou enviou a amigos, quem sabe, talvez, de ler furtivamente o seu diário? Não por mera curiosidade, mas como um ato de amor, pois os escritores com que mais nos identificamos são, mesmo que tenham vivido em outra época, pessoas que nos aquecem o coração e nos elevam o espírito.

É o que o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), criado por inspiração de Carlos Drummond de Andrade, proporciona aos pesquisadores da literatura brasileira.

Foi numa crônica publicada em julho de 1972 que Drummond se referiu à sua "velha fantasia": um museu de literatura que reunisse não só papéis mas também objetos relacionados à criação e à vida dos escritores brasileiros.

Naquele mesmo ano, graças ao poeta e ao bibliófilo Plínio Doyle, nasce o AMLB, cujo acervo se enriqueceu com doações de diversos materiais pertencentes a dezenas de escritores.

Os que utilizam seus acervos para trabalhos acadêmicos ou em tarefas ligadas aos meios de comunicação descobrem possibilidades impensadas: os papéis fornecem pistas sobre os mistérios do ato da escrita e os objetos emocionam ao revelar sutilezas de personalidade do antigo dono.

Mas não se trata apenas de evocar o passado. O AMLB - como Drummond imaginava o seu museu literário - incita a fantasia e a criatividade dos usuários, que ali renovam as suas concepções sobre os movimentos estéticos, históricos e sobre os próprios autores, instaurando novos vínculos com o presente.

Para a divulgação do acervo são editados inventários, apresentadas exposições e site dos seus documentos. A divulgação é feita mediante disponibilização de informações e de alguns documentos on-line, publicação de inventários e organização de exposições, palestras e seminários.

O Arquivo-Museu de Literatura Brasileira - AMLB obteve o seu registro no Código de Entidades Custodiadoras de Acervos Arquivísticos - CODEIARQ, do Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ. Isso significa que a partir de agora o código de referência dos documentos arquivísticos do setor é oficialmente reconhecido como BR RJFCR01/MLB.

Veja também > [consulta aos arquivos literários](#)

19 pessoas curtiram isso. **Seja o primeiro de seus amigos.**

Twitter Facebook Compartilhar

informe | perguntas frequentes | termos de uso | mapa do site | sobre o site | contato

Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa, ([2006]).



No conteúdo da página CONSULTA AOS ARQUIVOS LITERÁRIOS, estão inclusos nove *links*: “agendamento”; “Guia de fundos e coleções”; “Arquivos pessoais de escritores brasileiros”; “Edições da Casa de Rui Barbosa”; “inventários e publicações sobre arquivos”; “como adquiri-los”; “edições *online*”; “arquivos literários” e *links* para as redes sociais (*Facebook* e *Twitter*); todos voltados para páginas internas do *site* da FCRB, sendo que algumas dessas páginas possuem outros títulos que não os descritos nos *links*.

As próximas figuras, 16 e 17, representam os conteúdos presentes nas outras páginas do AMLB (ARQUIVOS E COLEÇÕES A-L e ARQUIVOS E COLEÇÕES M-W), que dão acesso aos instrumentos de pesquisa e aos documentos digitalizados de alguns arquivos literários do setor. Para acessá-las, é preciso retornar ao *menu* suspenso do *site*, clicar sobre o item “acervos”, passar o cursor sobre o item “arquivos literários” e, por último, clicar em “arquivos e coleções”, item presente no segundo bloco da lista. Nessas páginas, ocorrem as consultas *on-line* de alguns dos acervos arquivísticos do Arquivo-Museu por intermédio de *links*, dispostos sobre e ao lado dos nomes dos titulares, direcionados aos inventários de arquivos de texto, à base de dados SophiA e aos documentos digitalizados (plataforma DocReader).

Além desses *links*, o conteúdo dessas páginas possui também os seguintes *links*: “Guia de Fundos e Coleções” e “Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros” (ambos direcionados à plataforma *web* SophiA) e para as redes sociais (*Facebook* e *Twitter*).

Figura 16 - Conteúdo da página ARQUIVOS E COLEÇÕES A-L

**arquivos e coleções A - L**

Os fundos de arquivos e coleções literários estão ordenados segundo o primeiro nome de seu titular. Fundos de arquivos são os conjuntos de documentos acumulados por uma pessoa física ou jurídica ao longo de sua existência, enquanto que coleções são conjuntos formados por documentos reunidos por vontade de um colecionador.

A lista abaixo descreve os conjuntos cujos nomes vão de A a L. Os que se iniciam de M em diante estão relacionados na página a seguinte.

Consulte a base [Guia de Fundos e Coleções](#) para obter informações gerais sobre cada conjunto documental, sendo que aqueles destacados podem ser também consultados, em detalhe, na base de dados [Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros](#).

**A**  
 :: Abgar Renault; Adalgisa Nery; Afonso Arinos de Melo Franco; Afonso Pena Jr; Agripino Grieco; [Alberto Faria](#); [Álvaro Moreyra](#) ([inventário analítico](#), pdf, 300 KB); [Andrade Muricy](#) ([inventário sumário](#), pdf, 325 KB); [Antônio Calado](#); [Antônio Carlos Vilaça](#); [Antônio Fraga](#); [Antônio Sales](#) ([inventário analítico](#), pdf, 448 KB); [Aprigio dos Anjos](#); [Ari Quintela](#); [Augusto Meyer](#)

**B**  
 :: Barreto Leite Filho; Bastos Tigre; Bezerra de Menezes; Bráulio Pedroso

**C**  
 :: [Cacaso](#) ([Antônio Carlos de Brito](#)) ([inventário analítico](#), pdf, 908 KB); [Caio Fernando Abreu](#); [Carlos Castelo Branco](#); [Carlos Drummond de Andrade](#); [Carlos Mundi](#); [Ciro dos Anjos](#); [Clarice Lispector](#); [Corina Coaracy](#) ([inventário analítico](#), pdf, 363 KB); [Cornélio Pena](#); [Cruz e Sousa](#) ([documentos digitalizados](#))

**D**  
 :: [Da Costa e Silva](#) ([inventário](#), pdf, 802 KB); [Dalcídio Jurandir](#); [Dunshee de Abranches](#)

**E**  
 :: [Edilberto Coutinho](#); [Eugênia Álvaro Moreyra](#) ([inventário analítico](#), pdf, 273 KB)

**F**  
 :: [Fausto Wolff](#); [Fernando Lobo](#); [Fernando Py](#); [Fernando Sabino](#); [Francisco Bittencourt](#); [Francisco Inácio Peixoto](#)

**G**  
 :: [Genolino Amado](#); [Gilberto Amado](#); [Gonzaga Duque](#) ([documentos digitalizados](#)); [Graça Aranha](#); [Guilherme Figueiredo](#)

**H**  
 :: [Heitor Modesto](#) ([inventário analítico](#), pdf, 112 KB) ([documentos digitalizados](#)); [Hélio Pelegrino](#); [Homero Homem](#)

**I**  
 :: [Isabel do Prado](#)

**J**  
 :: [João Cabral de Melo Neto](#); [João Lira Filho](#); [Joaquim Inojosa](#); [Joaquim Pedro de Andrade](#); [Jorge de Lima](#); [José de Araújo Vieira](#); [José de Alencar](#) ([inventário](#), pdf, 546 KB); [José Galante de Sousa](#); [José Geraldo Vieira](#); [Judite Grossmann](#); [Julieta de Godoy Ladeira](#)

**L**  
 :: [Leme Lopes](#); [Leon Eliachar](#) ([inventário](#), pdf, 535 KB); [Leopoldo Aires](#); [Livraria José Olympio Editora](#) ([inventário sumário](#), pdf, 168 KB); [Lúcio Cardoso](#); [Lúcio de Mendonça](#) ([documentos digitalizados](#)); [Luís Camilo de Oliveira Neto](#); [Luís Jardim](#); [Luís Martins](#) ([inventário](#), pdf, 549 KB); [Luís Viana Filho](#)

 **Plataforma DocReader**

 **Compartilhar** Uma pessoa curtiu isso. Cadastre-se para ver do que seus amigos gostam.

**Plataforma Sophia**

**Arquivos de texto**

Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa, ([2006]).

Figura 17 - Conteúdo da página ARQUIVOS E COLEÇÕES M-W

**arquivos e coleções M - W**

Os arquivos e coleções literários estão ordenados segundo o primeiro nome de seu titular. A lista abaixo descreve os conjuntos cujos nomes vão de M a W. Os que se iniciam de A a L estão relacionados na página a seguinte.

Consulte a base [Guia de Fundos e Coleções](#) para obter informações gerais sobre cada conjunto documental, sendo que aqueles destacados podem ser também consultados em detalhe na base de dados [Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros](#).

**M**  
 :: Machado de Assis ([documentos digitalizados](#)); [Manuel Bandeira](#); [Maria Helena Cardoso](#); [Maria Clara Machado](#); [Maria Isabel Ferreira](#); [Maria Jacinta](#); [Maria José de Queirós](#); [Maria Julieta Drummond de Andrade](#); [Marly Medalha](#); [Marques Rebelo](#); [Melo Nóbrega](#); [Mendes Fradique](#); [Moacyr Félix](#); [Murilo Araújo](#); [Murilo Mendes](#); [Murilo Miranda](#)

**N**  
 :: [Nestor Vitor](#) ([documentos digitalizados](#)); [Nilo Bruzzi](#)

**O**  
 :: [Olga Savary](#); [Olimpio Monat](#); [Osman Lins](#); [Otto Maria Carpeaux](#)

**P**  
 :: [Paula Freitas](#); [Paulo Rangel](#); [Pedro Nava](#); [Peregrino Júnior](#); [Péricles Madureira de Pinho](#); [Plínio Doyle](#); [Povina Cavalcanti](#); [Prudente de Moraes Neto](#)

**R**  
 :: [Raimundo Magalhães Jr](#); [Raul Lima](#); [Ribeiro Couto](#); [Rodrigo Melo Franco](#); [Rodrigo Otávio Filho](#); [Rodrigo de Souza Leão](#); [Rosário Fusco](#); [Rubem Braga](#) ([documentos digitalizados](#))

**S**  
 :: [Salvador de Mendonça](#) ([documentos digitalizados](#)); [Sérgio Porto](#); [Silveira Neto](#); [Sílvia Meira](#); [Sílvia Miraglia](#); [Simões Lopes Neto](#); [Stella Leonardos](#)

**T**  
 :: [Tânia Serra](#); [Tasso da Silveira](#); [Tetrá de Tefé](#); [Thiers Martins Moreira](#); [Tite de Lemos](#); [Trudi Landau](#)

**V**  
 :: [Vasco Maris](#); [Vicente de Azevedo](#); [Vinícius de Moraes](#); [Visconti Coaracy](#) ([inventário](#), pdf, 237 KB)

**W**  
 :: [Waldemar Cavalcanti](#); [Walmir Ayala](#); [Walter Benevides](#); [Wilson Martins](#)

**Z**  
 :: [Zora Seljan](#)

 Cadastre-se para ver do que seus amigos gostam. 

Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa, ([2006]).

A análise da evolução do *website* da FCRB ora apresentada demonstra uma busca por parte da instituição pelo aperfeiçoamento desse novo meio de comunicação. Entretanto, essa busca tem se limitado a aspectos visuais e tecnológicos, deixando de lado o aspecto linguístico, ou seja, a elaboração de um texto com uma linguagem precisa.

Trata-se de uma lacuna importante já que a capacidade de processar e transmitir informações em excesso com um clique dificulta a absorção e reflexão dos usuários em decodificar os códigos de leitura de um texto em ambiente *web*. Esse novo tipo de leitura possibilita aos usuários “[...] usos, manuseios e intervenções [...]” infinitos e livres (CHARTIER, 1999, p. 88). Trata-se de um tipo de leitura realizada por meio da “[...] inscrição do texto na tela [...]”, criando “[...] uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor [...]” do texto impresso (CHARTIER, 1999, p. 12).

Num entendimento geral de construção de *websites*, “[...] cada página de um sítio deve ser vista como um capítulo de novela: sua informação precisa atender às expectativas do cidadão e provocar seu interesse em continuar a navegação. Ela é a peça de um todo, que é o próprio sítio.” (BRASIL, 2010b, p. 20).

Por isso, constatamos a importância da linguagem verbal precisa nos conteúdos textuais produzidos na *web*, uma vez que estes são os motivos pelos quais as páginas são concebidas no *site*. Há de se apontar também, nesse processo construtivo, as infinitas variedades de conexões que o conteúdo de uma página pode promover com outros conteúdos por intermédio dos *hyperlinks*. Essa multilinearidade com que os conteúdos escritos são apresentados aos usuários é que os torna complexos em relação a sua leitura, exigindo uma escrita que conjugue a função social para o qual foram criados, assim como uma organização estrutural. É o que nos propomos a abordar no próximo capítulo.

### 3 AS PRÁTICAS DISCURSIVAS NA WEB

Conforme apresentado no capítulo anterior, o surgimento da internet e da *web* ampliaram e intensificaram a comunicação humana. Tal feito levou à transformação da linguagem e ao aparecimento de novas práticas discursivas que aumentaram a capacidade específica do ser humano em se comunicar com o propósito de “[...] adquirir, processar, produzir e transmitir conhecimento.” (FRADE; VAL; BREGUNCI, 2014).

Para fins desta pesquisa, trabalharemos com o conceito de linguagem a partir da abordagem do Círculo de Bakhtin. Trata-se de um grupo formado por intelectuais russos, em sua maioria jovens, que se reunia nas primeiras décadas do século XX. Esse grupo era composto pelo biólogo Ivan I. Kanaev, a pianista Maria V. Yudina, os estudiosos de literatura Lev. V. Pumpianski e Pavel N. Medvedev, o linguista Valentin N. Voloshinov e pelos filósofos Matvei I. Kagan e Mikhail M. Bakhtin (FARACO, 2009).

Os estudos dos integrantes do Círculo de Bakhtin viam a linguagem para além da formalidade, da representação, considerando também o contexto sociocultural e sociointerativo que a envolvia. Assim, para esses pensadores, a linguagem era entendida como “[...] a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da Linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso.” (BAKHTIN, 2002, p. 181).

Nessa perspectiva, a linguagem é vista como “[...] um conjunto de práticas socioculturais – que têm formatos relativamente estáveis [...]”, que se materializam em diferentes gêneros do discurso. (FARACO, 2009, p. 120).

De acordo com Bakhtin (2016), gêneros do discurso<sup>34</sup> são tipos de enunciados relativamente estáveis presentes em cada área do saber. Compreende-se por enunciado o produto oral/escrito de uma enunciação, isto é, de uma “[...] atividade social e interacional por meio da qual a língua é colocada em funcionamento por um enunciador [...]”, falante/autor, para um enunciatário, ouvinte/leitor (FRADE; VAL; BREGUNCI, 2014). Os enunciados refletem as manifestações comunicativas específicas de cada área do conhecimento. São compostos por três elementos: 1) o **tema**: o assunto principal do discurso, o motivo pelo qual

---

<sup>34</sup> De acordo com Rojo e Barbosa (2015), a utilização dos termos gêneros discursivos ou gêneros textuais deve-se à linha teórica seguida pelos estudiosos da linguagem. Os que seguem Bakhtin utilizam-se da expressão gênero discursivo e os demais fazem uso do termo gênero textual. Assim, para fins desta pesquisa, utilizaremos as expressões gêneros discursivos ou gêneros do discurso.

foi gerado. É individual e ideológico<sup>35</sup> porque é concebido de acordo com o parecer do enunciador no momento de sua elaboração; 2) o **estilo da linguagem**: as escolhas linguísticas, isto é, a “[...] seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua [...]” (BAKHTIN, 2016, p. 12) realizada durante o processo de produção do discurso; 3) a **forma composicional**: a organização e o acabamento dado àquele determinado discurso, isto é, seus aspectos textuais e formais. A forma “Está relacionada ao que a teoria textual chama de ‘(macro/super) estrutura’ do texto, à progressão temática, à coerência e coesão do texto.” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 94). Cada área do saber, de acordo com suas atividades sociocomunicativas, elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, isto é, de gêneros discursivos.

Assim é que, com base em Bakhtin, a comunicação verbal se dá por meio de gêneros:

[...] tudo o que ouvimos e falamos diariamente se acomoda a gêneros discursivos (preexistentes, assim como o que lemos e escrevemos). Nossas atividades que envolvem linguagem, desde as mais cotidianas – como a mais simples saudação – até as públicas (de trabalho, artísticas, científicas, jornalísticas etc.) se dão por meio da língua/ linguagem e dos gêneros que as organizam e estilizam, possibilitando que façam sentido para o outro. (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 18)

No que diz respeito à riqueza dos trabalhos do Círculo de Bakhtin, estes ficaram esquecidos por anos, sendo trazidos à tona no final da década de 1960 pelos profissionais de análise textual. Esses profissionais começaram a desenvolver um interesse pela teoria da leitura considerando que esta ia além das abordagens estruturalistas do texto. Assim, para eles, reduzi-lo a uma série de formas era inútil, especialmente no caso dos textos de cunho literário.

Era o início do resgate dos trabalhos do Círculo. Tal resgate, na verdade, toma por base a compreensão de que os gêneros se impõem e permanecem por intermédio de um público e que estes devem ser analisados a partir do impacto que causam na sociedade (JOUVE, 2002).

---

<sup>35</sup> Na visão do Círculo de Bakhtin “[...] o adjetivo ideológico aparece como um equivalente axiológico. [...] a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa sempre em posicionamento social valorativo. Desse modo, qualquer enunciado é na concepção do Círculo, sempre ideológico – para eles, não existe enunciado não ideológico. E ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias (i.e., no interior de uma das áreas da atividade intelectual humana) e expressa sempre uma posição avaliativa (i.e., não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica)” (FARACO, 2009, p. 47, grifo do autor).

Embora a teoria bakhtiniana incida sobre a questão da linguagem verbal e literária numa realidade não digital, sua base teórica vai se ajustar perfeitamente a essa nova tecnologia surgida a partir da segunda metade do século XX. É o que nos diz Faraco (2006), para quem a *web* abre caminho para a utilização de uma nova linguagem que não só a verbal (oral, escrito), mas também a não verbal (som, imagem), constituindo-se no chamado fenômeno multimodal. Nesse contexto, a abordagem do Círculo de Bakhtin se antecipa e se adapta à comunicação em rede.

Na *web*, os gêneros são inseridos nas páginas num processo evolutivo de contexto publicitário. Uma página é dotada de poder persuasivo construído por uma linguagem verbal e não verbal, sendo que nesta última age como estratégia capaz de despertar as emoções dos usuários por intermédio de interfaces coloridas, providas de sons e imagens.

Para entendermos as novas práticas discursivas que vêm surgindo a partir da comunicação em rede, precisamos compreender como se dá seu processo comunicativo. O enunciador e o enunciatário devem conhecer o contexto no qual o enunciado é produzido e o suporte no qual será disseminado, isto é, o meio físico (convencional ou digital) que servirá de base para sua inserção. “Isto porque o sentido não é intrínseco ao texto, sua relação com o contexto que o circunda e com o suporte em que é veiculado é determinante no processamento textual quer na leitura, quer na produção.” (FRADE; VAL; BREGUNCI, 2014).

Assim é que o aparecimento da *web* impacta as práticas discursivas na medida em que lhes confere um dinamismo que reforça ainda mais a importância do contexto sociocultural no qual se inserem.

### **3.1 Breve histórico da *web***

A *web* é uma tecnologia digital voltada para a comunicação em rede, baseada em uma estrutura hipertextual, que tem por finalidade interligar documentos de conteúdos escritos, sonoros e imagéticos. Foi idealizada pelo cientista da computação Tim Berners-Lee a partir do programa Enquire, *software* que realizava tarefas similares a uma base de dados com a finalidade de registrar as conexões entre pesquisadores assim como seus trabalhos. Desse modo, o Enquire ia além dos programas de base de dados existentes que o cientista considerava rígidos. Na verdade, Berners-Lee criou um *playground* colaborativo de conteúdos textuais relacionados entre si, no qual os usuários podiam acessar e publicar diferentes tipos de documentos, “[...] tais como os trabalhos técnicos de um pesquisador, o manual de

diferentes módulos de *software*, atas das reuniões, notas rabiscadas às pressas e assim por diante.” (ISAACSON, 2014, p. 424).

Com base nessa experiência, Berners-Lee percebeu o potencial do Enquire caso fosse inserido à internet. O cientista acreditava que “[...] um sistema desse tipo conectaria pessoas distantes de tal modo que elas poderiam completar as frases umas das outras e acrescentar ingredientes úteis a suas noções formadas pela metade.” (ISAACSON, 2014, p. 423). Assim é que, no final da década de 1980, Berners-Lee, juntamente com uma equipe de pesquisadores da Center Européen pour Recherche Nucleaire (CERN), apoiado pelo engenheiro da CERN, Robert Cailliau, desenvolveu o Projeto *World Wide Web*, que tinha por objetivo interligar documentos na internet e promover a inserção dos usuários na rede. Estava criada a *web*.

A criação da *web* gerou e uniu três tecnologias: 1) *Uniform Resource Locator* (URL) ou *Uniform Resource Identifier* (URI), em português, localizador uniformizado de recursos, que diz respeito ao formato padronizado de endereço eletrônico; 2) *Hypertext Transfer Protocol* (HTTP), em português, protocolo de transferência de hipertexto, que se refere a procedimentos que permitem a transmissão e recuperação de dados na *web* com a finalidade de orientar a comunicação entre navegadores e servidores; 3) *Hypertext Markup Language* (HTML), em português, linguagem de marcação de hipertexto, que compreende uma linguagem computacional que se utiliza de ferramentas de formatação (*tags*) para definir os elementos (título, subtítulo etc.) de um documento, sendo “[...] legível [...], o que significa que os arquivos de marcação contêm palavras padrão, em vez de sintaxe típica de programação.” (CHRISTENSSON, 2017). O HTML trata-se de uma adaptação digital dos elementos utilizados pelos revisores de textos impressos.

A primeira geração da *web*, conhecida por *web* 1.0, lançada em 1991, é caracterizada pela formação de conjuntos de páginas estáticas; que permite a alteração dos conteúdos somente pelos seus administradores. É vista como um espaço destinado à publicação de conteúdos textuais,<sup>36</sup> em rede, que possibilita aos usuários apenas a sua leitura.<sup>37</sup> Tal característica gerou um tipo de comunicação unidirecional (de um para muitos). A *web* 1.0 fazia

[...] exatamente a mesma coisa que a mídia impressa já fazia há séculos. O grande erro dos desenvolvedores de *sites* dessa época incorreu no fato de que

---

<sup>36</sup> Nesse momento, imagem e som eram utilizados apenas para fins ilustrativos.

<sup>37</sup> Há de se esclarecer que, embora a *web* ainda não dispusesse de ferramentas capazes de gerar uma comunicação direta entre usuários, a internet, sim. Como exemplo temos o correio eletrônico e os *softwares* de mensagens instantâneas (ICQ, Messenger).

eles não perceberam que a *web* permitia muito mais recursos de gerenciamento de informações que uma revista ou livro. (PATRIOTA; PIMENTA, 2008, p. 1)

Assim é que, logo após o lançamento dessa primeira geração de *web*, Berners-Lee ficou consternado com o fato de utilizarem sua invenção para transformar “[...] os usuários em consumidores passivos do conteúdo publicado.” (ISAACSON, 2014, p. 447), isto porque sua intenção nunca foi essa. A ideia era transformar a rede em um espaço colaborativo no qual todos pudessem editar seu conteúdo textual. Para satisfação do inventor, não tardou muito para que essa limitação fosse superada pela ascensão dos *blogs*<sup>38</sup> e do *WikiWikiWeb*, conhecidos por *wikis*.<sup>39</sup> Tais recursos incentivavam os usuários a participar da rede de forma ativa, gerando seus próprios conteúdos. Nascia a *web 2.0*.

Essa segunda geração da *web*, denominada *web social*,<sup>40</sup> é reconhecida pela sociabilidade em rede, isto é, pelo conjunto de ferramentas capazes de promover a criação e colaboração de conteúdos multimídias entre usuários, além de armazenar suas informações pessoais.

Dentre os fatores que contribuíram para o seu desenvolvimento, podemos citar: 1) plataformas digitais ou virtuais,<sup>41</sup> utilizadas para fins de comércio, serviços, sociabilidade e imprensa; 2) banda larga, transmissão de dados em alta velocidade por meio de redes telefônicas; 3) tecnologia *Wireless*, comunicação em rede sem fio; 4) criação de aplicativos<sup>42</sup> móveis.

As plataformas sociais levaram essa segunda geração ao ápice. Seu dinamismo e interatividade permitiram aos usuários a participação, organização, edição e compartilhamento de conteúdos na rede. Com isso, deixaram de ser observadores para se tornarem participantes, exatamente como queria Berners-Lee. Como exemplo deste tipo de plataforma, temos hoje *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *Linkedin*.

Se por um lado as redes sociais popularizavam-se na internet enquanto um espaço voltado para a sociabilidade entre usuários, por outro, apresentavam-se como instrumento de

---

<sup>38</sup> Páginas *web* voltadas para a edição de conteúdo de caráter pessoal e informal. O precursor do *web log*, conhecido popularmente por *blog*, foi Justin Hall, no ano de 1993.

<sup>39</sup> *Software* de gerenciamento de conteúdos que permite aos usuários a edição e contribuição de conteúdos em uma página *web* (ISAACSON, 2014).

<sup>40</sup> Termo criado pela *designer* Darcy DiNucci, no ano de 1999, e popularizado por Tim O'Reilly e Dale Dougherty, em 2004.

<sup>41</sup> Padrão de arquitetura de processamento de dados que permite ao usuário a execução de vários serviços, como a manipulação de escritos, imagens e sons.

<sup>42</sup> *Software* aplicativo ou aplicativo é o programa de computador que tem por objetivo realizar tarefas específicas similares a um processamento de dados.

publicidade. De acordo com Patriota e Pimenta (2008, p. 4), as agências publicitárias se apropriaram das redes sociais para seu próprio benefício. Disfarçavam-se de indivíduos, interagindo e criando perfis com conteúdos publicitários, isto é, apropriavam-se das “[...] ferramentas de construção de conteúdo individual para propor conteúdos institucionais.” Com isso, a fronteira entre o pessoal e o institucional ficava cada vez mais frágil, levantando questionamentos sobre as tendências e implicações dessa segunda geração.

Em suma, a *web* social levou ao desenvolvimento de ambientes colaborativos capazes de dar autonomia aos usuários na criação, edição e compartilhamento de conteúdos. Surgia, assim, um novo fluxo de comunicação, agora, multidirecional (de muitos para muitos), em que o usuário passou a ser o produtor do conteúdo. Não se distinguiam mais produtores de leitores. Os papéis passaram a ser exercidos simultaneamente (ROJO; BARBOSA, 2015).

A *web* 2.0 é marcada por páginas com interfaces atrativas, dinâmicas e interacionais, possibilitadas pela tecnologia de plataformas digitais que permitem a comunicação em massa. Essa nova geração da *web* disponibiliza ferramentas que servem de base para os usuários construírem “[...] seus próprios sistemas de comunicação [...]” (CASTELLS, 2016, p. 20). É o caso da comunicação multimodal, que se apresenta sob a forma de linguagem escrita, oral e visual. De acordo com a jornalista Raquel Recuero (2014), essa nova forma de se comunicar é dependente das limitações impostas pelas ferramentas tecnológicas. No entanto, ao mesmo tempo em que é limitada, é adaptada pelos atores sociais. Segundo a jornalista, as idiossincrasias da comunicação humana na *web* são determinadas pelo uso que a sociedade faz dela, e a compreensão dessas práticas é a chave para entendermos seu impacto no mundo contemporâneo.

No ano de 2015, nasce a terceira geração da *web*, conhecida também por *web* inteligente e por *web* semântica. Essa geração 3.0 é caracterizada pelo aperfeiçoamento de aplicativos e de publicidade direcionada,<sup>43</sup> em um ambiente no qual os dados são interpretados pelas máquinas e encaminhados aos usuários. Parte desta nova tecnologia baseia-se na ideia, de Berners-Lee, apresentada em 2001, de criar uma estrutura capaz de organizar todo o conteúdo da rede de modo inteligível por intermédio de conexões semânticas. Essa versão muda o foco no usuário, próprio da *web* 2.0, para se concentrar na tecnologia por ele utilizada (PATRIOTA; PIMENTA, 2008).

---

<sup>43</sup> Trata-se de “[...] conteúdo publicitário direcionado de maneira seletiva e inteligente, baseado em informações armazenadas sobre os perfis sócio-democrático e comportamental, além de dados acerca dos assuntos e dos produtos de interesses e da localização geográfica do usuário, essa última possível pela integração de sistemas GPS à internet.” (PATRIOTA; PIMENTA, 2008, p. 10)

Ao analisarmos o processo evolutivo da *web*, vemos que este sempre gira em torno do conteúdo. Bill Gates já previra que a internet transformaria o conteúdo em algo mais amplo do que o fornecimento de informações e que isso seria a fonte de lucro da rede. A rede se transformaria em um mercado de conteúdos criados e publicados por qualquer pessoa com acesso a um computador (BAILEY, 2010).

Há de se registrar que, diferentemente do que muitos pensam, nenhuma geração da *web* exclui a outra. O que ocorre de fato é o convívio concomitante ou não de versões na internet.

Dá-se, pois, que a invenção de Berners-Lee alcançou um nível de desenvolvimento que transformou e democratizou a internet na sociedade contemporânea. Essa nova tecnologia possibilitou a organização de conteúdos em rede ao mesmo tempo em que gerou um ambiente capaz de inserir textos interligados, aliar a linguagem verbal à não verbal e criar uma linguagem própria, que implica novos hábitos de leitura e escrita.

### 3.2 As novas práticas discursivas pós-*web*

A possibilidade de processos não lineares e interativos de leitura e de escrita, a junção simultânea de linguagens (verbal e não verbal), a produção de neologismos lexicais<sup>44</sup> e a criação de uma linguagem própria, permitidos pela *web*, provocaram “[...] mudanças significativas nas maneiras de ler, de produzir e de fazer circular textos nas sociedades.” (FRADE; VAL; BREGUNCI, 2014). Tais mudanças desencadearam novos letramentos. Compreende-se por letramento

[...] o desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares em que precisamos ou queremos ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos, em diferentes suportes, para diferentes objetivos, em interação com diferentes interlocutores, para diferentes funções. (FRADE; VAL; BREGUNCI, 2014)

Trata-se de um conceito que se adéqua perfeitamente à realidade digital, em especial à *web*. Essa nova realidade tem sido alvo de estudos na área da Linguística por diferentes autores, entre os quais destacamos os que se seguem.

---

<sup>44</sup> Compreende-se por neologismo lexical a criação de novos termos para definição de novos conceitos. A tecnologia digital possibilitou um ambiente propício à globalização de novos termos, que por surgirem num contexto cibernético, em sua maioria, são de origem inglesa (GALLI, 2010). Como exemplos: *twitter*, *hashtag*, *emoticon*, *chat*, *fanpage* etc.

Santaella (2008) analisou o fenômeno da hibridização, isto é, a fusão entre texto, imagem e som, gerando a chamada hipermídia.<sup>45</sup> A autora apresenta o histórico da evolução do hipertexto para hipermídia, descrevendo suas características e seu potencial de modo a avaliar as transformações “[...] em relação às tradicionais formas de texto escrito, [...] e as mudanças nos processos interativos de leitura e de cognição [...]” (SANTAELLA, 2008, p. 48).

Shepherd e Saliés (2013) observaram sobre a linguagem própria das redes sociais, o internetês. Entende-se por internetês a linguagem utilizada, em sua maioria por jovens, que se baseia em abreviações de palavras, normalmente de duas a cinco letras, formando expressões a partir da fonética. Acrescenta-se como parte integrante dessa linguagem os *emoticons* (caracteres tipográficos que representam expressões faciais humanas), o *emoji* (pictogramas), as imagens animadas em formato *Graphics Interchange Format* (GIF), e os *stickers* (figurinhas), que se popularizaram nos aplicativos de mensagens instantâneas, como o *WhatsApp* e o *Messenger*.

Rojo e Barbosa (2015, p. 121) trataram da questão da superficialidade nos discursos veiculados pelas redes sociais. Para ambas,

A superficialidade se estabelece como corolário: curtir/comentar nas redes sociais, sem refletir sobre o que se lê, apenas para não perder a oportunidade de se posicionar, na verdade, de aparecer ou de se satisfazer (o reino da opinião pessoal no lugar de uma posição ou projeto político mais consistente). [...] Não há mesmo tempo para reflexões: o *feed* de notícias ‘anda’ e empurra as publicações para o buraco negro (a resistência à superficialidade ainda faz com que alguns admitam adesões equivocadas, motivadas pela pressa, e se retratem, publicamente).

Em consonância com Rojo e Barbosa (2015), fora do âmbito linguístico, mas ainda no contexto da superficialidade do discurso motivado pela pressa, o sociólogo Castells (2016) comparou a questão do tempo na era da internet com a da era industrial. Para o autor,

O tempo do relógio da era industrial está sendo gradualmente substituído pelo [...] *tempo atemporal*: o tipo de tempo que acontece quando há uma perturbação sistêmica na ordem sequencial das práticas sociais desempenhadas no âmbito de um determinado contexto, como a sociedade em rede. (CASTELLS, 2016, p. 32, grifo do autor)

---

<sup>45</sup> Termo cunhado por Theodor Nelson, na década de 1960, logo após ter formulado o conceito de hipertexto.

Nesse sentido, Castells (2016, p. 33) considera que o novo veículo de comunicação leva as pessoas a uma

[...] prática social cujo objetivo é negar a sequência para nos instalar na simultaneidade perene e na ubiquidade simultânea. [...] a disponibilidade de novas tecnologias de comunicação e transporte as estimula a correr atrás da miragem da transcendência do tempo.

Finalmente, destacamos os linguistas Marcuschi e Xavier (2010), que se voltaram especificamente para a questão do hipertexto, abordando sua característica não linear e multimodal, bem como sua capacidade de interligar vários gêneros textuais numa mesma página *web*.

### **3.3 Hipertexto: ler e escrever na atualidade**

Hipertexto é o termo utilizado para se referir a um texto que agrega outros em ambiente digital por meio de “[...] vínculos não lineares entre fragmentos textuais associativos, [...] que remetem, ao clicar de um botão, de um percurso de leitura a outro, em qualquer ponto da informação ou para diversas mensagens, em cascatas simultâneas e interconectadas.” (SANTAELLA, 2008, p. 47).

Até o surgimento da *web*, o modo de leitura mais corrente caracterizava-se pela

[...] linearidade, representada por um movimento uniforme dos olhos, consumindo o texto da esquerda para a direita e de cima para baixo [...], sem recuos e sem saltos para frente. [...] Ler [era] basicamente decodificar, palavra que na teoria da leitura significa passar do código escrito para o código oral. Uma vez feita essa decodificação, chega-se supostamente sem problemas ao conteúdo. (LEFFA, 1999, p. 19)

A partir da *web*, a leitura linear foi impactada pela possibilidade de mudança no seu percurso, possibilidade essa permitida pelo hipertexto. Foi o que observou Marcuschi (1999 *apud* GALLI, 2010, p. 153) ao considerar essa estrutura textual “[...] como algo totalmente inovador [...], que proporciona a integração de elementos (notas, citações, referências etc.) que aparecem no texto impresso [...]”.

O hipertexto<sup>46</sup> teve sua origem na década de 1960, no Projeto Xanadu, desenvolvido pelo filósofo, sociólogo e tecnólogo Theodor Holm Nelson.<sup>47</sup> O projeto consistia na criação de um *software* que, além da edição de textos, executava tarefas de localização de fontes referenciais no corpo destes. A ideia era, pois, interligar textos referenciados a um texto principal.

Segundo Nelson, o hipertexto auxiliaria os leitores na compreensão de um texto ao permitir interações com outros textos dentro de um mesmo documento. Neste contexto, o leitor organizaria sua leitura de maneira a mudar, ou não, seu percurso por meio de associações pré-estabelecidas pelo autor. O foco de Nelson não era a leitura não linear, mas uma complementação da leitura do texto principal (SANTAELLA, 2008).

O hipertexto de Nelson serviu de base para que Berners-Lee e a equipe da CERN criassem a estrutura da *web*. Berners-Lee encontrou nessa estrutura a lógica para interligar documentos na rede, promovendo tal união por meio de *hyperlinks*. Nascia assim a leitura não linear.

Compreende-se por *hyperlink*, ou *link*, a conexão dentro de um documento em formato HTML que o conduz para outra parte do mesmo documento ou para outro documento, pertencente ou não ao mesmo *website*. Esta conexão é feita por meio de uma imagem e/ou expressão ou palavra, podendo esta última ser ou não destacada do resto do documento. Esse novo recurso tecnológico foi recebido pela sociedade em rede de modo positivo e passou a ser incluso também nos documentos digitais, fora do ambiente *web*.

Segundo Isaacson (2014), Nelson criticou Berners-Lee por não utilizar o elemento essencial contido no Projeto Xanadu, ou seja, associações que permitissem, no máximo, bidirecionamentos. Para Nelson,

[...] uma rede de hipertextos deveria ter *links* bidirecionados, o que exigiria a aprovação tanto da pessoa que criava a ligação como da pessoa cuja página era o objeto de ligação. [...] ‘O HTML é precisamente o que estávamos tentando evitar – o constante rompimento de *links*, *links* apenas para fora, citações que não se pode seguir até suas origens, nenhum gerenciamento de versão, nenhuma gestão de direitos’. (ISAACSON, 2014, p. 432)

---

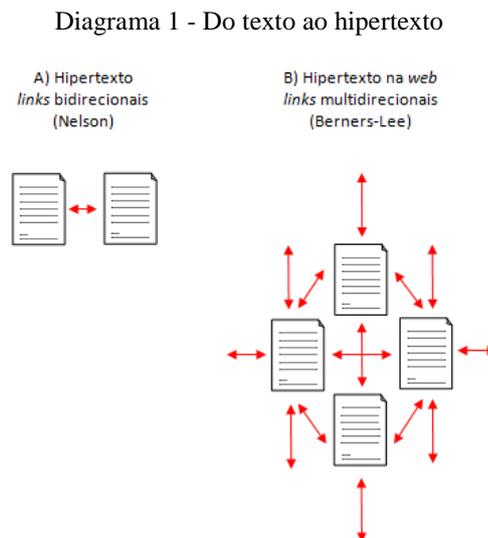
<sup>46</sup> A invenção de Nelson teve como influência a lógica utilizada pelo cientista Vannevar Bush na criação da máquina Memex (neologismo da palavra *memory* + *index*: memória indexada), na década de 1940. Tratava-se de uma engenhoca mecânica capaz de “[...] armazenar documentos de forma associativa, associando os documentos por palavras-chave (pistas).” (CARBOL, 2005)

<sup>47</sup> Trata-se de uma primeira versão do Projeto Xanadu, que não chegou a ser implementada. O projeto foi reapresentado em 2014, agora, com o nome de OpenXanadu. Disponível em: <http://xanadu.com/xanademos/MoeJusteOrigins.html>. Acesso em: 29 mar. 2019.

Isaacson (2014) considera que Nelson foi mais ambicioso que Berners-Lee ao permitir uma forma de edição de textos em que os *links* não quebravam a leitura linear, mas possibilitavam apenas o direcionamento dos usuários a outras referências, podendo voltar ao texto de origem, a fim de concluírem a leitura.

No nosso entender, a ideia de Nelson era, na verdade, o que Gerárd Genette chamou, vinte anos mais tarde, de “paratexto”, só que adaptado à realidade digital. Entende-se por “paratexto” dispositivos verbais e visuais<sup>48</sup> que acompanham o texto com a finalidade de estabelecer uma ligação com a estrutura que o envolve de modo a tomar forma e produzir sentidos para o leitor. Um exemplo seriam as notas de rodapé e/ou explicativas existentes em textos impressos.

Apresentamos a seguir as propostas de Nelson e de Berners-Lee devidamente representadas no diagrama.



Fonte: A autora (2019).

O diagrama 1 demonstra os caminhos realizados pelos usuários em relação a sua leitura. No item A, o leitor estabelece uma relação entre o texto principal e os textos referenciais de modo bidirecional. Apesar da possibilidade de associações determinadas pelo autor, cabe ao leitor a mudança no percurso. Nesse caso, a leitura principal ainda é do texto de origem de forma linear. No item B, o leitor estabelece associações entre textos e documentos de forma não linear, o que caracteriza a hipertextualidade na *web*.

---

<sup>48</sup> “Título, subtítulos, intertítulos; prefácios, preâmbulos, apresentações, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim; epígrafes; ilustrações; dedicatórias, tira, jaqueta [cobertura], e vários outros tipos de sinais acessórios, [...], que propiciam ao texto um encontro (variável) e às vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor mais purista e o menos inclinado à erudição externa nem sempre pode dispor tão facilmente quanto ele gostaria e pretende.” (GENETTE, 1982 *apud* ARAUJO, 2010, p. 2)

Para os estudiosos da linguagem Marcuschi e Xavier (2010), o hipertexto não está ligado apenas à questão não linear, mas também à teia de significados formada por uma linguagem que engloba a reunião de diversos gêneros discursivos. Os autores, em conformidade com Nelson, destacam o lado negativo da hipertextualidade na rede: as sobrecargas de interconexões causadas devido à multiplicidade de possibilidades de caminhos. Ocorre, porém, que esse novo recurso tecnológico se impôs, revolucionando a comunicação verbal e não verbal na sociedade contemporânea.

### **3.4 O papel da linguagem verbal escrita na *web***

Como já apontado na introdução deste capítulo, os gêneros desempenham um papel comunicativo nas diferentes áreas do saber. Quando “[...] enunciemos e materializamos nossos textos orais, escritos [...]” (FRADE; VAL; BREGUNCI, 2014), criamos formas estáveis de comunicação verbal em nossa sociedade. Inconscientemente, a sociedade reconhece os gêneros que circulam por meio de anúncios, artigos, relatórios, ofícios, processos, bilhetes, cartas, livros, enfim, de documentos do cotidiano profissional e pessoal. Na verdade, “Os gêneros discursivos permeiam nossa vida diária e organizam nossa comunicação.” (ROXO; BARBOSA, 2015, p. 17).

O que acontece nos dias de hoje é que os textos são produzidos em ambiente digital e, por isso, agregam especificidades dessa tecnologia. Todo documento digital engloba um sistema computacional, composto de *hardware* e *software*. Este último, por sua vez, engloba um sistema operacional formado por um conjunto de elementos que visam a instruir o usuário no cumprimento de uma determinada tarefa. Uma página *web* envolve um sistema computacional cujo sistema operacional é constituído por uma interface composta pelos seguintes elementos: barra de identificação, sistema de busca, navegação, *menus*, *links* internos e/ou externos, conteúdo e rodapé.

Como vimos anteriormente, a página *web* é um documento HTML, pertencente a um *website*, que propicia um ambiente capaz de associar linguagens verbais e não verbais, “[...] que vão desde cores, ilustrações, forma de apresentação até a linguagem utilizada pelo locutor” (GALLI, 2010, p. 154), com a finalidade de gerar uma situação comunicativa.

O trabalho dos profissionais da *web* (*designers*, *webdesigners*, *designers* de interface, arquitetos da informação, ergonomistas, programadores e analistas de sistemas) baseia-se em estudos comportamentais realizados com usuários em resposta à interface gráfica do sistema operacional da página. A preocupação desses profissionais, assim como de qualquer

programador, está em saber se essa interface atende aos usuários. Talvez por esse motivo, ocupam-se mais com a parte funcional e visual do sistema.

De acordo com a *Cartilha de redação web*, a criação de uma página equivale à simples tarefa “[...] de aliar texto, *design* e tecnologia [...]” (BRASIL, 2010b, p. 8), partindo do princípio de que escrever textos é natural, se aprende na escola e que qualquer pessoa pode fazê-lo, bastando estar atualizado com as regras ortográficas.

Segundo Nielsen e Loranger (2007, p. 254), uma boa interface ajuda o usuário a se comunicar com o sistema, mas um texto mal escrito e desorganizado dificulta a execução de tarefas básicas, como escolher um produto ou seguir um caminho.

Não podemos ignorar o processo comunicativo da página em relação à sua interface, mas também não podemos limitar o texto a um sistema de representação gráfica da escrita, sem um propósito sociocomunicativo. “Um conjunto aleatório de palavras e mesmo de frases não constitui um texto. [...] para que algum material linguístico possa ser reconhecido como texto e possa funcionar comunicativamente, são necessários certos critérios de organização desse material.”, de modo a produzir sentido a partir do processo de interação com o leitor e o contexto (FRADE; VAL; BREGUNCI, 2014).

Essa visão limitada de texto ostentada pelos padrões *web* pode estar prejudicando a comunicação verbal na rede. Isto porque, na *web*, o texto é visto como uma simples representação gráfica que vem perdendo espaço para a linguagem não verbal. Tal percepção se contrapõe ao entendimento dos linguistas para os quais o texto carrega uma ação comunicativa que precisa ser trabalhada sob seus aspectos linguísticos e discursivos.

A não percepção do texto como gênero pelos profissionais de *web* leva à produção do que Frade, Val e Bregunci (2014), mencionados anteriormente, chamam de conjunto aleatório de palavras e frases, o que dificulta a identificação do usuário com o conteúdo da página. Entretanto, a inserção dos gêneros nos conteúdos da rede, mesmo que inconscientemente, exerce uma influência contrária, isto é, atrai o usuário para leitura. Nesse contexto, Krug (2008), Nielsen e Loranjer (2007) consideram que, num primeiro momento, os usuários realizam uma varredura visual na página; caso se deparem com um texto mal elaborado, interrompem a ação; quando, porém, o gênero está claramente identificado (artigo, carta, relatório), iniciam a leitura.

Por tudo isso, constatamos que, embora a comunicação na *web* se utilize de uma linguagem verbal e não verbal, a segunda vem sendo privilegiada em detrimento da primeira.

Assim é que, com o intuito de ressaltar a importância da linguagem verbal escrita na rede, apresentaremos no próximo capítulo uma proposta de construção de conteúdo para as

páginas *web* do AMLB que leve em conta os gêneros discursivos segundo a teoria bakhtiniana. Com isso, pretende-se aperfeiçoar a comunicação verbal dessas páginas com seus usuários, conduzindo-os mais diretamente aos instrumentos de pesquisa disponíveis na rede.

## **4 PROPOSTA DE MODELO DE APLICAÇÃO DE GÊNEROS HIPERTEXTUAIS PARA OS CONTEÚDOS DAS PÁGINAS DO AMLB**

O presente produto constitui-se numa proposta de reformulação dos conteúdos textuais das páginas *web* do AMLB que vise uma comunicação mais precisa e concisa com seus usuários. Essa comunicação é fundamentada na teoria bakhtiniana que envolve a linguagem verbal como ação sociocomunicativa, materializada por meio dos gêneros do discurso. Assim é que nos propomos a inserir a teoria de Bakhtin no contexto da realidade digital, mais especificamente na estrutura hipertextual da *web*, a qual, por meio de *links*, permite a navegação entre conteúdos, os quais se traduzem em gêneros do discurso não percebidos por seus autores. Essa não percepção compromete os próprios conteúdos, uma vez que leva à construção de textos que, na verdade, não cumprem com a proposta sociocomunicativa de Bakhtin.

Para a elaboração dessa proposta, utilizamos o *software* Axure RP Pro, versão 9, por se tratar de uma ferramenta de prototipagem, que permite a navegação entre conteúdos e possibilita a visualização na rede.

Antes de apresentarmos o protótipo ancorado no aporte teórico dos capítulos desenvolvidos neste trabalho, analisamos os conteúdos textuais das páginas do Arquivo-Museu a fim de contextualizar nosso objeto.

### **4.1 Análise dos conteúdos textuais das páginas do AMLB**

Todas as páginas *web* são construídas por um *web designer* a partir da necessidade do seu cliente em disponibilizar certas informações aos seus usuários. Essas necessidades são identificadas pelo desenvolvedor das páginas por intermédio do *briefing*, isto é, documento elaborado pelos proprietários do *site* que contém todos os dados relevantes para a construção do *website*, no que se refere às informações que nele estarão expostas. De posse dessas informações, inicia-se o processo de desenvolvimento das páginas *web*.

Conforme citado no capítulo anterior, uma página *web* possui uma interface composta por elementos que auxiliam os usuários nas tarefas a serem realizadas dentro do seu sistema operacional. No que diz respeito ao escopo desta pesquisa, nos atemos apenas às discussões que giram em torno da linguagem verbal escrita na rede.

Assim sendo, damos sequência à análise dos conteúdos escritos das quatro páginas do AMLB pertencentes ao *website* da FCRB.

A página principal do Arquivo-Museu é denominada de ARQUIVOS LITERÁRIOS. Seu conteúdo textual parece pertencer ao gênero discursivo: Apresentação. Tal conteúdo possui um caráter poético. Entretanto, tal caráter não é relevante, no que tange à clareza com que as informações essenciais do setor são apresentadas no texto. Isto quer dizer que esse texto não deixa claro qual o objetivo proposto para essa página. Apesar de, em certo momento, sinalizar a presença de documentos e objetos no setor, não fica explícito que o Arquivo-Museu reúne acervos arquivísticos e museológicos e a Coleção AML.

Outra observação em relação ao conteúdo escrito dessa página é ausência de informação. Por exemplo, o texto exprime uma ideia de que o AMLB foi criado por iniciativa do poeta Carlos Drummond de Andrade e materializado por Plínio Doyle, quando, na verdade, sua criação foi possível graças a todos seus fundadores, incluindo o presidente da FCRB da época, Américo Jacobina Lacombe, conforme referido no item 1.1 deste trabalho. Tal texto, ainda, apresenta uma informação irrelevante ao usuário que a princípio só quer ter acesso aos instrumentos de pesquisa: um parágrafo noticiando o registro do Arquivo-Museu no Codearq.

Segue abaixo a transcrição do texto da página ARQUIVOS LITERÁRIOS.

Que leitor não gostaria de ver os manuscritos de seu escritor favorito, as cartas que ele recebeu ou enviou a amigos, quem sabe, talvez, de ler furtivamente o seu diário? Não por mera curiosidade, mas como um ato de amor, pois os escritores com que mais nos identificamos são, mesmo que tenham vivido em outra época, presenças que nos aquecem o coração e nos elevam o espírito.

É o que o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), criado por inspiração de Carlos Drummond de Andrade, proporciona aos pesquisadores da literatura brasileira.

Foi numa crônica publicada em julho de 1972 que Drummond se referiu à sua ‘velha fantasia’: um museu de literatura que reunisse não só papéis mas também objetos relacionados à criação e à vida dos escritores brasileiros.

Naquele mesmo ano, graças ao poeta e ao bibliófilo Plínio Doyle, nascia o AMLB, cujo acervo se enriqueceu com doações de diversos materiais pertencentes a dezenas de escritores.

Os que utilizam seus acervos para trabalhos acadêmicos ou em tarefas ligadas aos meios de comunicação descobrem possibilidades impensadas: os papéis fornecem pistas sobre os mistérios do ato da escrita e os objetos emocionam ao revelar sutilezas da personalidade do antigo dono.

Mas não se trata apenas de evocar o passado. O AMLB – como Drummond imaginava o seu museu literário – incita a fantasia e a criatividade dos usuários, que ali renovam as suas concepções sobre os movimentos estéticos,

históricos e sobre os próprios autores, instaurando novos vínculos com o presente.

Para a divulgação do acervo são editados inventários, apresentadas exposições e site dos seus documentos. A divulgação é feita mediante disponibilização de informações e de alguns documentos on-line, publicação de inventários e organização de exposições, palestras e seminários.

O Arquivo-Museu de Literatura Brasileira - AMLB obteve o seu registro no Código de Entidades Custodiadoras de Acervos Arquivísticos – CODEARQ, do Conselho Nacional de Arquivos – CONARQ. Isso significa que a partir de agora o código de referência dos documentos arquivísticos do setor é oficialmente reconhecido como BR RJFCRBAMLB. (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, [2006])

Ao final do conteúdo dessa página (ARQUIVOS LITERÁRIOS), conforme descrito no item 2.3, consta um *link* que dá acesso à próxima página a ser considerada: CONSULTA AOS ARQUIVOS LITERÁRIOS.

Em relação ao gênero discursivo dessa próxima página, notamos que esta se aproxima de uma Apresentação. Seu conteúdo textual expõe informações confusas no que se refere à consulta. O texto exhibe dois *links* “Guia de fundos e coleções” e “Arquivos pessoais de escritores brasileiros”, mas nenhum deles dá o acesso direto à base de dados, sendo que o segundo *hyperlink* trata-se de um *link* quebrado.<sup>49</sup> É importante registrar a ausência de informações sobre o acervo museológico que, em parte, encontra-se disponível para consulta remota na plataforma FotoWeb.

Com isso, notamos que as informações expostas nos conteúdos das páginas ARQUIVOS LITERÁRIOS e CONSULTA AOS ARQUIVOS LITERÁRIOS possuem objetivos semelhantes.

Segue abaixo a transcrição do texto da página CONSULTA AOS ARQUIVOS LITERÁRIOS.

Criado com o objetivo de preservar a memória literária de nosso país, o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) reúne hoje em seu acervo cerca de 130 arquivos privados de escritores brasileiros, além de uma coleção de documentos avulsos, coletados esparsamente ao longo desses anos.

Os documentos podem ser consultados na sede da Fundação, mediante **agendamento**. Informações sobre o conteúdo de cada arquivo podem ser obtidas na base de dados **Guia de fundos e coleções**.

Na base de dados **Arquivos pessoais de escritores brasileiros** estão sendo incluídas, paulatinamente, as referências sobre documentos e dossiês integrantes dos arquivos e coleções literários. Veja na seção à esquerda

---

<sup>49</sup> *Link* que encaminha o usuário a um documento escrito ou imagético que não existe mais devido a alguma configuração do servidor ou do *site*.

informações sobre os conjuntos documentais, ordenados segundo o primeiro nome de seu titulares, onde estão indicados aqueles já disponíveis para consulta online.

Está também disponível para consulta online a Coleção AML, formada por correspondência e textos manuscritos e datilografados, de diferentes escritores, doados isoladamente.

Os arquivos são organizados segundo nove séries básicas: correspondência pessoal, correspondência de terceiros, correspondência familiar, produção intelectual do titular, produção intelectual de terceiros, documentos pessoais, diversos, documentos complementares, e produção na imprensa.

Para facilitar o acesso às informações e o atendimento ao pesquisador, o AMLB iniciou em 1986 um processo de aprimoramento de seus serviços, elaborando inventários analíticos. Já estão publicados os inventários dos arquivos de:

- :: Antonio Sales
- :: Augusto Meyer
- :: Carlos Drummond de Andrade
- :: Clarice Lispector
- :: Lúcio Cardoso
- :: Manuel Bandeira
- :: Pedro Nava
- :: Thiers Martins Moreira
- :: Vinícius de Moraes

Veja no catálogo das **Edições da Casa de Rui Barbosa**, informações sobre os **inventários e publicações sobre arquivos** disponíveis, e de **como adquiri-los**. Veja em **edições online** os inventários disponíveis para download. (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, [2006])

Dando sequência à análise das páginas *web* do AMLB, examinamos seus próximos conteúdos que dão acesso aos instrumentos de pesquisa, ao banco de dados e aos documentos digitalizados, bem como dispõe em seu texto uma listagem contendo o título dos fundos arquivísticos do setor. Ressaltamos que essas páginas não fazem comunicação com as anteriormente mencionadas (ARQUIVOS LITERÁRIOS e CONSULTA AOS ARQUIVOS LITERÁRIOS), logo, seu acesso só é possível se retornarmos ao *menu* suspenso, conforme ilustrado na figura 13 deste trabalho.

A primeira dessas páginas é intitulada ARQUIVOS E COLEÇÕES A-L. Classificamos seu texto com o gênero discursivo Listagem, devido ao fato de este conter o nome de todos os titulares do acervo em forma de lista. É importante registrarmos que, embora o título da página seja “arquivos e coleções”, esta contempla em sua listagem o nome de todos os arquivos literários (desatualizado) e de apenas um dos 650 conjuntos documentais

pertencentes à Coleção AML. Tal realidade incorre na carência de informações sobre essas coleções que propomos a corrigir em nosso protótipo.

Segue abaixo a transcrição do texto da presente página ARQUIVOS E COLEÇÕES A-L.

Os fundos de arquivos e coleções literários estão ordenados segundo o primeiro nome de seu titular. Fundos de arquivos são os conjuntos de documentos acumulados por uma pessoa física ou jurídica ao longo de sua existência, enquanto que coleções são conjuntos formados por documentos reunidos por vontade de um colecionador.

A lista abaixo descreve os conjuntos cujos nomes vão de A a L. Os que se iniciam de M em diante estão relacionados na página a seguinte.

Consulte a base **Guia de Fundos e Coleções** para obter informações gerais sobre cada conjunto documental, sendo que aqueles destacados podem ser também consultados, em detalhe, na base de dados **Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros**.

A

:: Abgar Renault; Adalgisa Nery; Afonso Arinos de Melo Franco; Afonso Pena Jr; Agripino Grieco; **Alberto Faria**; Álvaro Moreyra (**inventário analítico**, pdf, 300 KB); Andrade Muricy (**inventário sumário**, pdf, 325 KB); **Antônio Calado**; Antônio Carlos Vilaça; Antônio Fraga; **Antônio Sales** (**inventário analítico**, pdf, 448 KB); Aprígio dos Anjos; Ari Quintela; **Augusto Meyer**

B

:: Barreto Leite Filho; Bastos Tigre; Bezerra de Menezes; Bráulio Pedrosa

C

:: Cacao (Antônio Carlos de Brito) (**inventário analítico**, pdf, 908 KB); Caio Fernando Abreu; **Carlos Castelo Branco**; **Carlos Drummond de Andrade**; Carlos Mundi; Ciro dos Anjos; **Clarice Lispector**; Corina Coaracy (**inventário analítico**, pdf, 363 KB); **Cornélio Pena**; **Cruz e Sousa** (**documentos digitalizados**)

D

:: Da Costa e Silva (**inventário**, pdf, 802 KB); Dalcídio Jurandir; Dunshee de Abranches

E

:: Edilberto Coutinho; Eugênia Álvaro Moreyra (**inventário analítico**, pdf, 273 KB)

F

:: Fausto Wolff; Fernando Lobo; Fernando Py; Fernando Sabino; Francisco Bittencourt; Francisco Inácio Peixoto

G

:: Genolino Amado; Gilberto Amado; Gonzaga Duque (**documentos digitalizados**); Graça Aranha; Guilherme Figueiredo

## H

:: Heitor Modesto (**inventário analítico**, pdf, 112 KB) (**documentos digitalizados**); **Hélio Pelegrino**; Homero Homem

## I

:: **Isabel do Prado**

## J

:: João Cabral de Melo Neto; João Lira Filho; Joaquim Inojosa; Joaquim Pedro de Andrade; **Jorge de Lima**; José de Araújo Vieira; José de Alencar (**inventário**, pdf, 546 KB); José Galante de Sousa; **José Geraldo Vieira**; Judite Grossmann; Julieta de Godoy Ladeira

## L

:: Leme Lopes; Leon Eliachar (**inventário**, pdf, 535 KB); Leopoldo Aires; Livraria José Olympio Editora (**inventário sumário**, pdf, 168 KB); **Lúcio Cardoso**; **Lúcio de Mendonça** (**documentos digitalizados**) **Luís Camilo de Oliveira Neto**; Luís Jardim; Luís Martins (**inventário**, pdf 549 KB) ; Luís Viana Filho. (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, [2006])

Vale registrar também a estrutura hipertextual do texto acima, que apresenta 34 *links*. Desses 34, 18 encaminham os usuários a mesma localidade, a base de dados SophiA (com nomenclaturas diferentes), e os demais, aos documentos digitalizados e aos inventários.

Dando sequência, analisamos a próxima página ARQUIVOS E COLEÇÕES M-W, que corresponde à continuação da página retratada acima (ARQUIVOS E COLEÇÕES A-L). Por se tratar da continuação, esta carrega a mesma forma composicional, logo, as mesmas reflexões, sendo que seu diferencial está na quantidade de inserção de *links*. Dos 21 *links* disponíveis, 14 direcionam os usuários para plataforma SophiA com diferentes nomenclaturas.

Abaixo, apresentamos o textual da página ARQUIVOS E COLEÇÕES M-W.

Os arquivos e coleções literários estão ordenados segundo o primeiro nome de seu titular. A lista abaixo descreve os conjuntos cujos nomes vão de M a W. Os que se iniciam de A a L estão relacionados na página a seguinte.

Consulte a base **Guia de Fundos e Coleções** para obter informações gerais sobre cada conjunto documental, sendo que aqueles destacados podem ser também consultados em detalhe na base de dados **Arquivos Pessoais de Escritores Brasileiros**.

## M

:: Machado de Assis (**documentos digitalizados**); **Manuel Bandeira**; Maria Helena Cardoso; **Maria Clara Machado**; Maria Isabel Ferreira; Maria Jacinta; Maria José de Queirós; Maria Julieta Drummond de Andrade; Marly Medalha; Marques Rebelo; Melo Nóbrega; Mendes Fradique; Moacyr Félix; Murilo Araújo; Murilo Mendes; Murilo Miranda

## N

:: Nestor Vítor (**documentos digitalizados**); **Nilo Bruzzi**

## O

:: Olga Savary; Olímpio Monat; Osman Lins; **Otto Maria Carpeaux**

## P

:: **Paula Freitas**; Paulo Rangel; **Pedro Nava**; Peregrino Júnior; Péricles Madureira de Pinho; Plínio Doyle; Povina Cavalcanti; Prudente de Moraes Neto

## R

:: Raimundo Magalhães Jr; Raul Lima; **Ribeiro Couto**; Rodrigo Melo Franco; **Rodrigo Otávio Filho**; Rodrigo de Souza Leão; Rosário Fusco; Rubem Braga (**documentos digitalizados**)

## S

:: **Salvador de Mendonça (documentos digitalizados)**; **Sérgio Porto**; Silveira Neto; Sílvio Meira; Sílvio Miraglia; Simões Lopes Neto; Stella Leonardos

## T

:: Tânia Serra; Tasso da Silveira; Tetrá de Tefé; **Thiers Martins Moreira**; **Tite de Lemos**; Trudi Landau

## V

:: Vasco Maris, **Vicente de Azevedo**; **Vinícius de Moraes**; Visconti Coaracy (**inventário**, pdf, 237 KB)

## W

:: Waldemar Cavalcanti; Walmir Ayala; Walter Benevides; Wilson Martins

## Z

:: Zora Seljan. (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, [2006])

A partir das análises acima, percebemos o quão imprecisa é a comunicação escrita das páginas do Arquivo-Museu. Tal percepção se dá pela ausência de uma linguagem verbal concisa, precisa e eficiente, que resulta em carência, redundância e dispersão de informações.

Com isso, propomos a reformulação dos conteúdos textuais das páginas do AMLB, conforme a descrição do item a seguir.

## 4.2 Protótipo

O primeiro passo para a construção do protótipo consistiu na identificação do objetivo das páginas do AMLB, bem como do perfil do seu público-alvo.

As páginas do Arquivo-Museu têm por objetivo dar acesso aos instrumentos de pesquisa (guias, inventários, repertórios), aos documentos digitalizados e à base de dados, sendo seu público-alvo os pesquisadores de literatura brasileira.

O segundo passo foi a seleção dos gêneros discursivos que constituíram os conteúdos textuais das páginas do presente protótipo, tendo por critério aqueles que melhor cumpriram a ação comunicativa para as quais as páginas foram criadas.

Já o terceiro e último passo consistiu na reformulação dos textos das páginas do AMLB e na criação deste protótipo.

O presente protótipo encontra-se disponível em: <https://n2k1ng.axshare.com>. Sugerimos que a leitura dos próximos itens seja realizada paralelamente ao acompanhamento do mesmo, acessível no *link* acima.

#### 4.2.1 Página principal: APRESENTAÇÃO

O primeiro gênero incorporado neste protótipo foi Apresentação, que transmiti uma mensagem escrita breve revelando o conteúdo do tema. Esse gênero se insere na página principal do AMLB e segue os padrões hipertextuais da *web*, já que possui *links* que encaminham os usuários a outros gêneros do discurso presentes nos arquivos de textos e nas outras páginas que fazem parte deste protótipo.

A seguir, apresentamos a página principal deste protótipo (Figura 18).

Figura 18 - Protótipo da página principal APRESENTAÇÃO

O Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), criado em 1972, na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), por iniciativa do poeta Carlos Drummond de Andrade, do bibliófilo Plínio Doyle e do historiador Américo Jacobina Lacombe, presidente da Fundação à época, é um espaço destinado à preservação da memória literária do país.

Atualmente, o AMLB reúne 147 arquivos literários, a Coleção AML e mais de 1.200 peças museológicas.

Os arquivos literários são constituídos por conjuntos documentais relativos à vida pessoal e profissional dos titulares. Esses arquivos contam com a publicação [Guia do acervo](#), que contém informações gerais sobre cada um deles.

A [Coleção AML](#) é formada por aproximadamente 650 conjuntos de documentos avulsos de diversas proveniências. As descrições das coleções estão disponíveis na base de dados da FCRB para consulta *on-line*.

As peças museológicas são classificadas de acordo com o *Thesaurus para acervos museológicos*. Algumas dessas peças encontram-se disponíveis no [banco de imagens](#) da FCRB.

A consulta aos acervos do AMLB pode ser feita remotamente por meio de [inventários](#), da [base de dados](#) e diretamente aos [documentos digitalizados](#).

O AMLB está aberto à consulta, no horário de 9h a 17h, de 2ª a 6ª, mediante agendamento por meio do endereço eletrônico: [consulta.acervo@rb.gov.br](mailto:consulta.acervo@rb.gov.br) ou do telefone: (21) 3289-8666.

Fonte: A autora (2019).

A página APRESENTAÇÃO inclui 6 *hyperlinks* a saber:

1. “Guia do acervo”: acesso à publicação (em formato PDF) *Guia do acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira*.
2. “Coleção AML”:<sup>50</sup> acesso ao arquivo de texto (em formato PDF) *Listagem Coleção AML (APÊNDICE A)*.<sup>51</sup>
3. “banco de imagens”: acesso à plataforma FotoWeb.
4. “inventários”: página secundária deste protótipo que tem por objetivo dar acesso a consulta aos inventários de arquivos de textos (em formato PDF) do AMLB.
5. “base de dados”: acesso à plataforma SophiA.
6. “documentos digitalizados”: página secundária deste protótipo que tem por objetivo dar acesso a consulta aos documentos digitalizados do AMLB.

Nessa página, constam ainda informações sobre como proceder à consulta aos acervos do Arquivo-Museu. Com isso, no nosso protótipo, eliminamos a página CONSULTA AOS ARQUIVOS LITERÁRIOS pelo fato de esta apresentar informações redundantes em relação à sua página anterior (ARQUIVOS LITERÁRIOS).

Em nosso protótipo, conforme citado anteriormente, a página principal dá acesso a duas páginas secundárias INVENTÁRIOS e DOCUMENTOS DIGITALIZADOS. Para a comunicação verbal dessas páginas, utilizamos o gênero Listagem, que já vinha sendo utilizado pelas páginas atuais do AMLB. A permanência desse gênero se deu pelo fato do texto expor seu conteúdo de modo a relacionar o nome dos titulares dos arquivos seguindo uma ordem sequencial alfabética. Por se tratar de páginas secundárias, seus conteúdos são ligados à página principal por intermédio do *link* “voltar”. Tal ação reporta à ideia de Theodor Nelson na criação de *links* bidirecionais, isto é, *links* que permitem que os textos secundários se associem ao principal, conforme citado no item 3.3 deste trabalho.

Dando sequência, apresentamos o texto da página INVENTÁRIOS deste protótipo.

---

<sup>50</sup> A quantidade de dossiês levou-nos a preferir a criação de arquivo de texto em formato PDF ao invés de desenvolver uma nova página secundária como pretendíamos.

<sup>51</sup> A *Listagem Coleção AML* foi produzida com base em documentos internos do AMLB.

#### 4.2.2 Página secundária: INVENTÁRIOS

A listagem contida no conteúdo da página INVENTÁRIOS disponibiliza, por intermédio de 16 *links*, a consulta aos inventários de arquivos de texto (em formato PDF) e a base de dados (Figura 19).

Figura 19 - Protótipo da página secundária INVENTÁRIOS

Para consulta aos inventários, basta clicar sobre os *links* abaixo. Os itens assinados com asteriscos encontram-se disponíveis na *base de dados*. Para os demais itens, a consulta será presencial.

##### A

Abgar Renault; Adalgisa Nery; Adolfo Justo Bezerra de Menezes; Afonso Arinos de Melo Franco; Afonso Pena Junior; Agripino Grieco; Alberto Faria\*; [Alvaro Moreyra\\*](#); [Andrade Muricy](#); Antônio Callado\*; Antonio Carlos de Brito (Cacaso); Antônio Carlos Villaça; Antônio Fraga; [Antônio Sales](#); Aprigio dos Anjos; Ary Quintella; Augusto Ferreira dos Santos; Augusto Meyer\*;

##### B-D

Barreto Leite Filho; Bastos Tigre; Benjamin Costallat; Bráulio Pedroso; Caio Fernando Abreu; Carlos Alberto Passos; Carlos Castello Branco\*; [Carlos Drummond de Andrade\\*](#); Carlos de Laet; Carlos Mundi; Cyro dos Anjos; Clárcio Lispector\*; Clóvis Monteiro; [Corina Coaracy](#); Cornélio Penna\*; Cruz e Sousa; [Da Costa e Silva](#); Dalcídio Jurandir; Dunshee de Abranches

##### E-J

Edilberto Coutinho; Enrique de Resende; [Eugênia Alvaro Moreyra](#); Fausto Wolff; Fernando Lobo; Fernando Py; Fernando Sabino; Flávio Moreira da Costa; Foed Castro Chamma; Francisco Bittencourt; Francisco Inácio Peixoto; Genolino Amado; Gilberto Amado; Gonzaga Duque\*; Graça Aranha; Guilherme Figueiredo; Heitor Modesto\*; Hélio Pellegrino\*; Homero Homem; Isabel do Prado\*; João Cabral de Melo Neto; João Lyra Filho; Joaquim Inojosa; Joaquim Pedro de Andrade; [Jorge de Lima](#); José Vieira; [José de Alencar](#); José Galante de Sousa; José Geraldo Vieira\*; Judith Grossmann; Julieta de Godoy Ladeira

##### L-M

[Leon Eliachar](#); Leonardo Mota; Livraria José Olympio Editora; Lúcio Cardoso\*; Lúcio de Mendonça\*; Luís Jardim; [Luís Martins](#); Luis Paulafreitas\*; Luís Miana Filho; Luíz Camillo de Oliveira Netto\*; Manuel Bandeira\*; Maria Helena Cardoso; Maria Clara Machado\*; Maria Isabel; Maria Jacinta; Maria José de Queirós; Maria Julieta Drummond de Andrade; Mário da Silva Brito; Marly Medalha; Marques Rebelo; Mello Nobrega; Mendes Fradique; Moacyr Félix; Murilo Araujo; Murilo Mendes; Murilo Miranda

##### N-R

Nestor Vitor\*; Nilo Bruzzi\*; Olga Savary; Olympio Monat; Osman Lins; Otto Maria Carpeaux\*; Paulo Gomide; Paulo Rangel; [Pedro Nava\\*](#); Peregrino Júnior; Pericles Madureira de Pinho; [Plínio Doyle](#); Povina Cavalcanti; Prudente de Moraes Neto; Raimundo Magalhães Júnior; Raul Lima; Renard Perez; Ribeiro Couto; Roberto Seljan-Braga; [Rodrigo de Souza Leão](#); Rodrigo Melo Franco de Andrade; Rodrigo Octavio Filho\*; Rosário Fusco; Rubem Braga\*

##### S-Z

Sabadoye; Salvador de Mendonça\*; Samuel Rawet; Sebastião Uchoa Leite; Sérgio Porto\*; Silveira Netto; Sílvio Meira; Simões Lopes Neto; Stella Leonardos; Sylvio Leitão da Cunha; Sylvio Miraglia; Tânia Rebelo da Costa Serra; Tasso da Silveira; Tetrá de Tefé; Thiers Martins Moreira\*; Tite de Lemos\*; Trudi Landau; Vasco Mariz; Vicente de Paulo Vicente de Azevedo\*; Victor Giudice; [Vnicius de Moraes\\*](#); [Visconti Coaracy](#); Waldemar Cavalcanti; Walmir Ayala; Walter Benevides; Wilson Martins; Zora Seljan

[voltar](#)

A seguir, apresentamos o processo de construção do conteúdo textual da página secundária: DOCUMENTOS DIGITALIZADOS, que, conforme citado no início deste capítulo, são os documentos digitalizados acessados por intermédio de programas de gestão de documentos digitais.

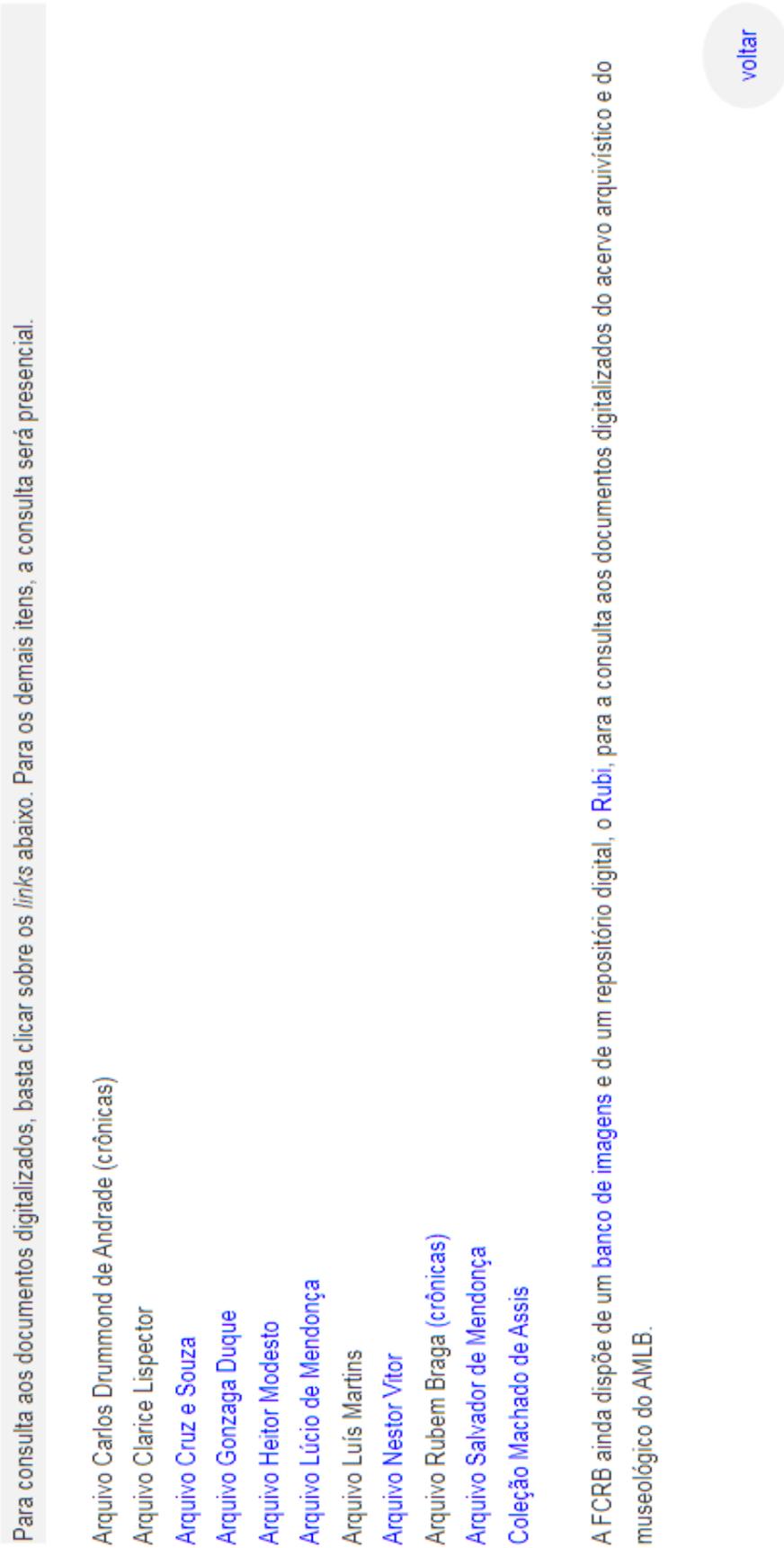
#### 4.2.3 Página secundária: DOCUMENTOS DIGITALIZADOS

O texto da página secundária DOCUMENTOS DIGITALIZADOS dá acesso, por intermédio de 11 *links*, aos documentos digitalizados do *software* DocReader e às plataformas Dspace<sup>52</sup> e FotoWeb. Esses programas dão acesso à consulta *on-line* dos documentos arquivísticos e museológicos do Arquivo-Museu. Sua construção se justifica pelo fato de, hoje, os documentos digitalizados do AMLB se encontrarem dispersos dentro do *site* da Fundação. A seguir, o protótipo da presente página (Figura 20):

---

<sup>52</sup> *Software* livre que tem por finalidade fornecer ferramentas para o gerenciamento e armazenamento de documentos digitais. Esse *software* foi implantado na FCRB no ano de 2016 e disponibilizado aos usuários com a denominação de Rubi - Repositório Rui Barbosa de Informações Culturais.

Figura 20 - Protótipo da página secundária DOCUMENTOS DIGITALIZADOS



Fonte: A autora (2019)

Assim é que o presente item ora apresentado representa a metodologia de construção de um modelo empírico que complementa a presente pesquisa. Esse modelo se traduz num protótipo de navegação de conteúdos textuais na rede, elaborado a partir do arcabouço teórico da linguagem verbal sob a perspectiva do Círculo de Bakhtin. Por meio desse protótipo, acreditamos haver demonstrado a possibilidade de identificação dos gêneros discursivos na criação de páginas *web*, bem como a importância dos mesmos no aprimoramento da comunicação verbal escrita com os usuários.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fato que a internet, veículo de comunicação do século XX derivado da tecnologia digital, conquistou a sociedade contemporânea gerando novos hábitos sociais. Tais hábitos mudaram nossa percepção de tempo/espaço, de leitura e escrita, bem como da utilização da nossa linguagem. Na verdade, tais mudanças só foram possíveis graças à invenção e à evolução da *web* com sua estrutura hipertextual. Dentro desse processo evolutivo, as ferramentas digitais possibilitaram uma linguagem própria na rede, bem como a mesclagem de linguagens verbais e não verbais que acabaram por contribuir para a “[...] construção de uma nova cultura baseada na comunicação multimodal [...]” (CASTELLS, 2016, p. 11).

Essa nova cultura levou à supervalorização da tecnologia digital em detrimento de uma linguagem verbal escrita que respeite os modernos estudos textuais da área do discurso. Diante dessa realidade, constatamos a necessidade de entendermos o que é texto no ambiente *web* e como se dá sua função sociocomunicativa a partir dos princípios linguísticos. Isso porque, do ponto de vista tecnológico, a visão de texto é limitada pelos padrões *web*, que partem do pressuposto de que o texto é uma simples representação gráfica e desconsideram sua função sociocomunicativa. Tal visão faz com que, tanto os usuários quanto os desenvolvedores de *website*, acabem por privilegiar a linguagem não verbal (imagens, som) em detrimento da verbal (escrita, oral). Dentro desses princípios, escolhemos a teoria bakhtiniana, com sua abordagem sobre os gêneros do discurso, para o desenvolvimento deste trabalho.

De acordo com Bakhtin, a linguagem verbal é mais do que simples formalidade, uma vez que é permeada por um contexto sociocultural e sociointerativo. Essa linguagem é materializada em formatos relativamente estáveis, isto é, em gêneros discursivos que se traduzem em produtos resultantes de atividades das diversas áreas dos saberes.

Com base no referencial teórico de Bakhtin, conseguimos, com dificuldade, reconhecer, em algumas páginas do AMLB, os gêneros discursivos Apresentação e Listagem. Essa dificuldade se dá pelo fato de os textos ali contidos não revelarem as manifestações comunicativas para as quais foram criados. Entendemos que essa lacuna dificulta o pleno acesso dos usuários aos acervos do AMLB, uma vez que os confunde com uma linguagem verbal incoerente, informações redundantes e excesso de número de páginas.

Assim sendo, e sempre a partir de Bakhtin, nos propusemos a elaborar um protótipo de navegação de conteúdos hipertextuais para as páginas do Arquivo-Museu apresentado no capítulo quatro deste trabalho. Por esse protótipo será possível formar de maneira consciente e

coerente uma cadeia de gêneros discursivos identificáveis, a saber: Apresentação, Listagem, Inventário e Guia de fundos.

Há que ressaltar os limites próprios de todo modelo. Afinal, como observa Wurman (1991, p. 110), “A responsabilidade pela comunicação não termina quando se faz a coisa certa ou quando se descobre o caminho que se supõe o melhor. [...] Não existe forma certa; há várias formas possíveis.”

No que diz respeito ao caráter experimental do protótipo ora apresentado, consideramos ter alcançado os objetivos propostos neste trabalho, os quais se resumem na construção de conteúdos de páginas *web* que estabeleçam uma ação comunicativa precisa entre o AMLB e seu público-alvo a partir da identificação dos gêneros discursivos de Bakhtin.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Jorge Phelipe Lira de. *Existir em bits: gênese e processamento do arquivo nato digital de Rodrigo de Souza Leão e seus desafios à teoria arquivística*. 2017. 161 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Documentos e Arquivos) – Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017. Disponível: <http://www.unirio.br/ppgarq/tccs/turma-2015.2>. Acesso em: 27 maio 2019.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Em São Clemente, 134. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jan. 1973. Caderno B, p. 5.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Museu: fantasia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 jul. 1972. Caderno B, p. 5.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Rui acolhe escritores. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 jun. 1974. Caderno B, p. 5.
- ARAÚJO, Rodrigo da Costa. De texto e de paratextos. *Palimpsesto*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 10, p. 1-5, 2010. Resenha da obra: GENETTE, Gérard. Paratextos Editoriais. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/35183>. Acesso em: 18 junho 2019.
- ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- ARTIÈRE, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>. Acesso em: 24 out. 2017.
- BAILEY, Craig. Content is King by Bill Gates. In: BAILEY, Craig. *Personal Blog*. [S. l.], 2010. Disponível em: <https://www.craigbailey.net/content-is-king-by-bill-gates/>. Acesso em: 28 maio 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- BRASIL. Decreto s/n, de 18 out. 2000. Cria no âmbito do Conselho de Governo, o Comitê Executivo do Governo Eletrônico e dá outras providencias. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 19 out. 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/DNN/DNN9067.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/DNN/DNN9067.htm). Acesso em: 2 jun. 2018.
- BRASIL. Decreto-lei nº. 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 6 dez. 1937. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/Del0025.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0025.htm). Acesso em: 2 nov. 2017.

BRASIL. Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação. *eMAG: modelo de acessibilidade em governo eletrônico*. Brasília, DF: MP, SLTI, 2014a. Disponível em: <http://emag.governoeletronico.gov.br/>. Acesso em: 12 jun. 2018.

BRASIL. Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação. *Padrões web em governo eletrônico: cartilha de codificação*. Brasília, DF: MP, SLTI, 2010a. Disponível em: <https://www.governoeletronico.gov.br/eixos-de-atuacao/governo/epwg-padroes-web-em-governo-eletronico>. Acesso em: 12 jun. 2018.

BRASIL. Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação. *Padrões web em governo eletrônico: cartilha de redação web*. Brasília: MP, SLTI, 2010b. Disponível em: <https://www.governoeletronico.gov.br/eixos-de-atuacao/governo/epwg-padroes-web-em-governo-eletronico>. Acesso em: 16 jun. 2017.

BRASIL. Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação. *Padrões web em governo eletrônico: cartilha de usabilidade*. Brasília, DF: MP, SLTI, 2010c. Disponível em: <https://www.governoeletronico.gov.br/eixos-de-atuacao/governo/epwg-padroes-web-em-governo-eletronico>. Acesso em: 16 jun. 2017.

BRASIL. Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação. *Padrões web em governo eletrônico: guia de administração de sítios. versão 1.4*. Brasília, DF: MP, SLTI, 2012. Disponível em: <http://epwg.governoeletronico.gov.br/guia-administracao>. Acesso em: 29 maio 2018.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. *Identidade visual do Governo Federal na internet*, [2014]. Disponível em: <http://barra.governoeletronico.gov.br/>. Acesso em: 27 maio 2018.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Instrução Normativa SECOM-PR nº 8, de 19 de dezembro de 2014. Disciplina a implantação e a gestão da Identidade Padrão de Comunicação Digital das propriedades digitais dos órgãos e entidades do Poder Executivo Federal e dá outras providências. Diário Oficial na União: seção 1, Brasília, DF, p. 6, 23 dez. 2014b. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/acesso-a-informacao/institucional/legislacao/arquivos-de-instrucoes-normativas/2014in08-comunicacao-digital.pdf>. Acesso: em 27 maio 2018.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos não falam. In: OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de; VASCONCELLOS, Eliane (org.). *Arquivos pessoais e cultura: uma abordagem interdisciplinar*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015. p. 11-13.

CARBOL, Augusto. Memex. In: CARBOL, Augusto. *Carblog*. [S. l.], 13 mar. 2005. Disponível em: <http://carbol.blogspot.com/2005/03/memex.html>. Acesso em: 9 abr. 2019. Carblog

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. *Metodologia de organização de arquivos pessoais: experiência do CPDOC*. 4 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

CHRISTENSSON, Per. *The Tech Terms Computer Dictionary*. [S.l.]: Sharpened Productions, 2017. Disponível em: <https://techterms.com/>. Acesso em: 10 out. 2017.

CÔRTEZ, Adelaide Ramos *et al.* Automatização de bibliotecas e centros de documentação: o processo de avaliação e seleção de *softwares*. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 28, n. 3, p. 241-256, 1999. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/issue/view/66/showToc>. Acesso em: 27 mar. 2018.

COX, Richard J. A rede de documentos: a internet, os arquivistas e o arquivo pessoal. In: COX, Richard J. *Arquivos pessoais: um novo campo profissional: leituras, reflexões e reconsiderações*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017. p. 365-431.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Córdélia Robalinho de Oliveira. *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia*. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DINIZ, Eduardo Henrique *et at.* O governo eletrônico no Brasil: perspectiva histórica a partir de um modelo estruturado de análise. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 23-48, jan./fev. 2009.

DOYLE, Plínio. *Uma vida: Plínio Doyle*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

FARACO, Carlos Alberto. Gêneros textuais na Língua Portuguesa. [Entrevista cedida a] Suyanne Tolentino. *Programa Nós da Educação*, parte 2, Paraná, 2006. Disponível em: <http://www.portugues.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=8619#>. Acesso em: 23 abr. 2019.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FERRANDO, Ellen Marianne Röpke. *O acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira: desafios para a preservação de um conjunto artístico em arquivos e coleções literárias do século XX*. 2018. 194 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Memória e Acervos) – Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2018.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (org.). *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/prefacio>. Acesso em: 11 dez. 2018.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Fundação Casa de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro, [2006]. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/>. Acesso em: 17 mar. 2018.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Portaria n. 5, de 18 de outubro de 1972. Resolve expedir o anexo Regimento interno da Fundação Casa de Rui Barbosa e Revogar a Portaria n. 3, de 15 de maio de 1968 e o Regimento interno da Fundação Casa de Rui Barbosa, pela

mesma Portaria expedido. Dossiê de portarias da Fundação Casa de Rui Barbosa. Documento interno.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Relatório do gestor no exercício de 2004*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005. Disponível em: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/relatorios/FCRB\\_Relatorio\\_de\\_Gestao\\_2004.pdf](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/relatorios/FCRB_Relatorio_de_Gestao_2004.pdf). Acesso em: 27 mar. 2018.

GALLI, Fernanda Correa Silveira. Linguagem na internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 147-164.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. Pesquisa em acervos literários. *Mosaico*, Belo Horizonte, v.1, p. 22-31, fev. 2002. Disponível em: <http://hdl.handle.net/fcrb/235>. Acesso em: 9 jul. 2018.

GOMES, Ana Laura. *XHTML/CSS: criação de páginas web*. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2010.

INTERNET ARCHIVE. *Wayback Machine*. [S. l.], 2014. Disponível em: <http://web.archive.org>. Acesso em: 17 mar. 2018.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (BRASIL). *1970 a 2000: surge o conceito mais abrangente de bem cultural*. Brasília: Iphan, 2016. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/80anos/noticias/detalhes/3581/iphan-de-1970-a-2000-%E2%80%93-fase-%E2%80%9Cmodernista%E2%80%9D>. Acesso em: 15 fev. 2019.

ISAACSON, Walter. *Os inovadores: uma biografia da revolução digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

JOUBE, Vicente. *A leitura*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

KRUG, Steve. *Não me faça pensar: uma abordagem de bom senso à usabilidade na web*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2008.

LEFFA, Vilson J. Perspectivas no estudo da leitura: texto, leitor e interação social. In: LEFFA, Vilson J.; PEREIRA, Aracy, E. (org.) *O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação*. Pelotas: Educat, 1999. p. 13-37. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/perspec.pdf>. Acesso em: 13 maio 2018.

LIMA, Márcia Edlene Mauriz. A origem da crítica genética. *Interfaces: ensino, educação e tecnologia*, Teresina, v. 1, n. 1, 2014. Disponível em: <http://interfacesnead.uespi.br/revistas/index.php/ed1/issue/view/4/showToc>. Acesso em: 28 maio 2018.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. Inspeção de Monumentos Nacionais (1934-1937). In: REZENDE, Maria Beatriz *et al* (org.). *Dicionário Iphan de Patrimônio Cultural*. Brasília, DF: Iphan, 2015. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/29/inspecao-de-monumentos-nacionais-1934-1937>. Acesso em: 7 fev. 2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARQUES, Reinaldo. *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2015.

MARQUES, Reinaldo. O arquivamento do escritor. In: SOUZA, Eneida Maria; MIRANDA, Wander Melo. *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 141-156.

MEMÓRIA, Felipe. *Design para internet: projetando a experiência perfeita*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MIKI, Hiroyuki. Micro-ISIS: uma ferramenta para o gerenciamento de base de dados bibliográficas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 18, n. 1, p. 3-14, 1989. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/issue/view/36/showToc>. Acesso em: 27 mar. 2018.

NIELSEN, Jakob; LORANJER, Hoa. *Usabilidade na web: projetando websites com qualidade*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. *Descrição e pesquisa: reflexões em torno dos arquivos pessoais*. Rio de Janeiro: Móbile, 2012.

OLIVEIRA, Luiz Antônio Chaves de. O patrimônio para além da pedra e cal: um estudo sobre usos e apropriações da cidade. 2007. 186 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: [https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/811/1/arquivo4349\\_1.pdf](https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/811/1/arquivo4349_1.pdf). Acesso em: 18 maio 2019.

PARANHOS, Ananda Borges. *Arquivo Jorge de Lima: um testemunho das múltiplas facetas do escritor*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017. Não publicado.

PATRIOTA, Karla Regina Macena P.; PIMENTA, Rodrigo Duguay da Hora. Da mídia 2.0 para a mídia 3.0: perspectivas da próxima onda na web. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31. 2008, Natal. *Anais [...]*. Natal: Intercom, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/r3-1902-1.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2019.

PESSOA, Ana. A Casa de Rui Barbosa e sua contribuição à preservação e acesso da memória no Brasil. *Manuscrita: revista de crítica genética*, São Paulo, n. 24, p.87-91, 2013. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/manuscrita/issue/view/127>. Acesso em: 17 jun. 2018.

PETRY, André. A revolução do pós-papel. *Veja*, Rio de Janeiro, ano 45, n. 51, p. 151-164, dez. 2012.

RANGEL, Rosângela Florido. *Sabadoyle: uma academia literária alternativa?*. 2008. 140 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação

em História, Política e Bens Culturais, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/2150>. Acesso em: 11 jun. 2018.

RECUERO, Raquel. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

RONDINELLI, Rosely Curi; PARANHOS, Ananda Borges; ABREU, Jorge Phelipe Lira de (org.). *Manual de padronização dos procedimentos de arranjo e descrição dos documentos arquivísticos e das coleções do AMLB*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017. Documento de circulação interna.

SANTAELLA, Lucia. O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia. In: SIGNORINI, Inês (org.). *[Re] discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola Ed., 2008. p. 47-72.

SAWAYA, Márcia Regina. *Dicionário de informática e internet*. São Paulo: Nobel, 1999.

SENNA, Homero. *História de uma confraria literária: o Sabadoye*. Rio de Janeiro: Xerox, 1985.

SCHELLENBERG, Theodore R. Serviço de referência. In: SCHELLENBERG, Theodore R. *Arquivos modernos: princípios e técnicas*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006. p. 345-359.

SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. (org.). *Linguística da internet*. São Paulo: Contexto, 2013.

TAKAHASHI, Tadao. *Sociedade da informação no Brasil: livro verde*. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. *Iniciação à linguística: fundamentos essenciais*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2019.

VASCONCELLOS, Eliane. *O Arquivo Museu de Literatura Brasileira: um sonho drummondiano*. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, [2005].

VASCONCELLOS, Eliane. Patrimônio literário: formação, preservação e pesquisa. In: VASCONCELLOS, Eliane; SANTOS, Marcelo (org.). *Arquivo, manuscrito e pesquisa*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014. p. 83-96.

VASCONCELLOS, Eliane; XAVIER, Laura Regina. *Guia do acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012.

VILLAÇA, Antonio Carlos. O museu milionário da Rua São Clemente. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jun. 1974. Caderno B, p. 8.

WILLIANS, Daryle. Memória e preservação. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, p. 373-379, 1997. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2047>. Acesso em: 31 out. 2017.

WURMAN, Richard Saul. *Ansiedade da informação*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1991.

## APÊNDICE A - LISTAGEM COLEÇÃO AML

**COLEÇÃO AML**

FUNDAÇÃO  Casa de Rui Barbosa  
Arquivo-Museu de Literatura Brasileira

2019

## **Apresentação**

A presente listagem é mais um instrumento de pesquisa oferecido aos pesquisadores da área de Literatura. Esse instrumento visa disponibilizar, em ordem alfabética, os conjuntos documentais presentes na Coleção AML.

A Coleção AML é composta por aproximadamente 650 conjuntos de documentos esparsos, que se constituem em dossiês, de diversas proveniências. Essa coleção inclui documentos fotográficos, audiovisuais, sonoros, textuais e museológicos, reunidos intencionalmente no formato de coleções sobre escritores brasileiros.

**A**

Abeillard Barreto; Abgar Renault; Abílio Barreto; Abraão Ribeiro; Adalgisa Nery; Adelina Lopes Vieira; Adelino Fontoura; Adelino Magalhães; Aderaldo Cego; Aderbal de Carvalho; Afonso Arinos; Afonso Arinos de Melo Franco; Afonso de Araújo e Almeida; Afonso de Taunay; Afonso Pena Júnior; Afonso Romano Santana; Afrânio Coutinho; Afrânio Peixoto; Afrânio Zuccolotto; Agenor Soares dos Santos; Agripino Grieco; Alberto de Almeida Cavalcanti; Alberto de Oliveira; Alberto Diniz; Alberto I (Rei da Bélgica); Alberto Rangel; Alberto Serpa; Alcântara de Machado; Alceu Amoroso Lima (pseudônimo Tristão de Athayde); Alcides Gentil; Alcides Maia; Alcindo Guanabara; Aldemar Tavares; Aldo Mário Azevedo; Alexandre Eulálio; Alfonso Reyes; Alfredo Pimenta; Alfredo Pujol; Alfredo Taunay; Alphonsus de Guimaraens; Alphonsus de Guimaraens Filho; Aluísio Azevedo; Aluísio Castro; Álvares de Azevedo; Álvaro Alberto; Álvaro Lins; Álvaro Moreira; Amadeu Amaral; Américo Facó; Américo Jacobina Lacombe; Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça; Ana Arruda Calado; Anastácio Viana; André Figueiredo; André Maurois; André Rebouças; Angel de La Plasa; Ângelo Osvaldo; Aníbal Freire; Aníbal Machado; Anibal Teófilo; Anísio Teixeira; Antonio Austregésilo; Antônio Boto; Antonio Carlos [?]; Antonio Carlos Ribeiro de Andrada; Antônio Carlos Vilaça; Antônio Chediak; Antônio D'Elia; Antônio da Silva Mello; Antônio Fernando de Bulhões; Antônio José Gonçalves Guimarães; Antônio Luís Von Honnholtz; Antônio Olinto; Antônio Prado; Antônio Rangel Bandeira; Antônio Sérgio; Antônio Torres; Aprígio dos Anjos; Aquiles Varejão; Araújo Porto-Alegre; Ari Vasconcelos; Ariano Suassuna; Aristide Briand; Armando Erse de Figueiro (pseudônimo João Luso); Armando Fontes; Armando Freitas Filhos; Arnaldo Magalhães; Artur Azevedo; Artur Bernardes; Artur Goulart; Artur Orlando; Ascendino Leite; Ascenso Ferreira; Assis Chateaubriand; Astrojildo Pereira; Ataulfo de Paiva; Athos Damasceno Ferreira; Augusto de Lima; Augusto Frederico Schmidt; Augusto Magne; Augusto Meira; Augusto Meyer; Autran Dourado; Aureliano Brandão; Aurélio de Tavares; Aurélio Pires; B. Lopes;

**B-D**

Bandeira Duarte; Barão de Tefé; Barão do Rio Branco; Bastos Portela; Batista Pereira; Belmiro Braga; Benedito Nunes; Bernardo Élis; Bernardo Guimarães; Bitencout Sampaio; Brasília Itiberê; Breno Acioli; Brito Broca; Bruno Seabra; Brutus Pedreira; Brutus Pedreira; C. Batista de Castro; Cacilda Becker; Café Filho; Caio Fabrício; Camilo Castelo Branco; Campos de Carvalho; Cândido Jucá Filho; Cândido Mota Filho; Cândido Portinari; Capistrano de Abreu; Cardeal Mota; Carlos Alberto Passos; Carlos de Laet; Carlos Dias

Fernandes; Carlos Drummond de Andrade; Carlos Gomes; Carlos Heitor Cony; Carlos Lacerda; Carlos Luz; Carlos Maul; Carlos Sussekind de Mendonça; Carlos Teschauer; Carolina Maria de Jesus; Carolina Nabuco; Carolina Vasconcelos; Cassiano Nunes; Cassiano Ricardo; Castro Alves; Catulo da Paixão Cearense; Cavalcanti Proença; Cécile Sorel; Cecília Meireles; Cesário Alvim; Charles Richet; Cid Castro Prado; Ciro de Azevedo; Clarice Lispector; Cláudio Brandão; Cláudio de Sousa; Clóvis Beviláqua; Clóvis Moura; Clóvis Salgado; Coelho Netto; Condessa de Barral; Conego Mello Lula; Cossette Alencar; Cristóvão Camargo; Cyro dos Anjos; Dalton Trevisan; Daniel de Carvalho; Dantas Mota; Dante Milano; Delso Renault; Deolindo Couto; Dídimo Agapito da Veiga Junior; Dionísio Cerqueira; Domício da Gama; Domingos Silva; E. Roquette-Pinto; Edmundo Lins; Eduardo Canabrava Barreiros; Eduardo Frieiro; Eduardo Guimarães; Eduardo Portela; Elisa Werber Bandeira; Elmano Cardim; Elysio de Carvalho; Emanuel Sodré; Emil de Castro; Emílio de Menezes; Emílio Moura; Eneida [?]; Enrique de [?]; Epitácio Pessoa; Érico Veríssimo; Ernesto de Moraes Leme; Ernesto Feder; Ernesto Guilherme Young; Escragolle Doria; Esmeraldino Bandeira; Estala Sezefreda; Estevam de Almeida; Euclides da Cunha; Eugênio Gomes; Eugênio Gudin; Eurico Gaspar Dutra

## **F-J**

Fábio Luz; Fagundes Varela; Fausto Wolf; Felício dos Santos; Félix Pacheco; Fernandes Pinheiro; Fernando de Azevedo; Fernando de Melo Viana; Fernando Góes; Fernando Magalhães; Fernando Mendes de Almeida; Fernando Mendes Viana; Fernando Sabino; Fernão de Ornelas; Ferreira da Rosa; Ferreira de Castro; Ferreira Viana; Fialho d' Almeida; Fidelino Figueiredo; Figueiredo Pimentel; Filho Lobão; Filinto de Almeida; Flávio de Andrade; Flávio de Andrade; Fontoura Xavier; Francisca Júlia da Silva; Francisco Campos; Francisco Correia Vasques; Francisco de Aquino Correia; Francisco de Assis Barbosa; Francisco de Castro; Francisco de Paula Brito; Francisco de Paula Rodrigues; Francisco Glicério; Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo (Barão); Francisco Julião; Francisco Peixoto; Francisco Otaviano; Frederico Susseking; Gabriel Hanotaux; Gago Coutinho; Galeão Coutinho; Garcia Redondo; Gaspar da Silva; Gastão Cruis; Genesino Braga; Genolino Amado; Georges Bernanos; Georges Raeders; Geraldo A. Lima; Geraldo Dias da Cruz; Geraldo França de Lima; Geraldo Rodrigues; Gibelt Close; Gilberto Freire; Gilberto Mendonça Teles; Gladstone Melo; Gonçalo Telha; Gonçalves de Magalhães; Gonçalves Dias; Gonzaga Duque; Goran Bjorkman; Goulart de Andrade; Graça Aranha; Graciliano Ramos; Guerra Junqueiro; Guilherme de Almeida; Guilherme de Figueiredo; Guimarães Rosa;

Gustavo Barroso; Gustavo Corção; Hebe Machado Brasil; Heitor de Moraes; Heitor Martins; Hélio Lobão; Hélio Viana; Heloísa Alberto Torres; Hélvia Machado Brasil de Lopes; Henrique de Araújo Mesquita; Henriqueta Lisboa; Herber Moses; Hermano Ribeiro; Hermes de Lima; Hermes Fontes; Hermilo Borba Filho; Hermógenes Silva; Hernani Cidade; Homero Silveira; Horácio de Carvalho; Ideval Paccola; Ieda Schmidt; Inglês de Sousa; Irineu Machado; Irmão Irineu; Isabel de Sá; Camelo Lampia; Isolda Pederneiras Flores; Ivan Lins; J. J Pires de Carvalho Albuquerque; J. Santos Stockler; J.J. Seabra; J.R. Amaral Lapa; Jacques Raimundo; Jaime Adour da Câmara; Jaime Balão Junior; Jaime Cortesão; Jayme de Altavila; Jaime Ovale; Jesus Domingues Bordona; João Alphonsus; João Antônio Pereira Barreto; João Cabral de Melo Neto; João Dornas Filho; João Fernandes Valdez; João Neves Fontoura; João Pinto da Silva; João Ribeiro; Joaquim de Sales; Joaquim Manuel de Macedo; Joaquim Nabuco; Joaquim Pimenta; Joel Pontes; John Samson; Joaquim Norberto; Joraci Camargo; Jorge Amado; Jorge de Lima; Jorge Lacerda; José Américo de Almeida; José Antônio Melo; José Bonifácio; José Candido de Carvalho; José de Alencar; José de Mendonça; José de Novais; José do Patrocínio; José do Patrocínio Filho; José Feliciano de Castilho; José Fernando Carneiro; José Freitas Vale; José Lins do Rego; José Mauro Vasconcelos; José Oiticica; José Pereira de Sampaio; José Pinto Dantas; José Romão de Castro; José Severiano de Resendo; José Tavares Bastos; José Veríssimo; José Vieira; Josué de Castro; Josué Montello; Juarez Távola; Juju Campbel Pena; Júlia Lopes de Almeida; Julieta de Godoy Ladeira; Júlio César de Melo e Sousa (pseudônimo Tahan Malba); Júlio Dantas; Júlio de Freitas Júnior; Júlio Mesquita; Júlio Ribeiro; Júlio Salusse; Junqueira Freire; Jurandir Ferreira; Juscelino Kubitscheck; Lafayette Rodrigues Pereira; Lafayette Silva; Lais Correa Araújo; Lasinha Luís Carlos; Laudelino Freire; Laudo de Camargo; Laura Margarida Queirós; Laurindo Rabelo; Lauro Escorel; Lauro Muller; Lauro Sodré; Lausimar Laus

## **L-M**

Ledo Ivo; Leite Carneiro; Lélia Coelho Frota; Leocádio Pereira da Costa; Leonardo Mota; Leonel Franca; Levi Carneiro; Lia Correia Dutra; Lígia Teles; Lima Barreto; Lima Braga; Lindolfo Gomes; Lindolfo Xavier; Lourdes Cassiano Ricardo; Lourenço Filho; Lourival Gomes Machado; Lucas Nogueira Garcês; Lúcia Miguel Pereira; Lúcio Costa; Lúcio de Mendonça; Luis Carlos [?]; Luís Castro; Luís Cosme [?]; Luís da Câmara Cascudo; Luis de Matos Souza Bandeira; Luis de Orleans Bragança; Luís Delfino; Luís Gama; Luís Guimarães Filho; Luís Guimarães Júnior; Luís Martins; Luís Otávio Teixeira; Luís Peixoto; Luis Viana Filho; Machado de Assis; Magalhães de Azevedo; Manoelito Ornelas; Manuel Bandeira;

Manuel Coelho Batista de Lima; Manuel de Sousa Pinto; Manuel Grana Etcheeverry; Manuel Paulo Filho; Marcantonio Vilaça; Márcio Tavares d' Amaral; Marcos José Konder Reis; Marcos Vinícius Vilaça; Maria Alice Barroso; Maria de Lourdes Belchior Pontes; Maria Eugênia Celso; Maria José Dupré; Maria Martins; Maria Ribas; Mariângela de Andrade Paraizo; Mário Barreto; Mário Cesarini; Mário da Silva Brito; Mário de Alencar; Mário de Andrade; Mário Martos [?]; Mário Palmério; Marli de Oliveira; Marquês de Maricá; Marques Rebelo; Martins Oliveira; Maximiano de Silva; Maximino de Araújo Maciel; Medeiros e Albuquerque; Melo Moraes; Melo Moraes Filho; Mendes dos Remédios; Mendes Pimentel; Menotti Del Picchia; Mercedes Maria Moreira Lopes; Michel Rigolet; Miguel de Carvalho; Miguel de Novais; Miguel Osório Almeida; Miguel Reale; Milton Campos; Milton Marques; Moacir Félix; Moacir Lobo da Costa; Moreira de Azevedo; Múcio Teixeira; Murilo Mendes; Murilo Miranda

#### **N-R**

Nair Mesquita; Nelson de Faria; Nelson Hungria; Nelson Rodrigues; Nelson Sodré; Nestor Rangel Pestana; Nestor Vitor; Neves Sobrinho; Newton Braga; Newton Freitas; Nilo Peçanha; Noronha Santos Cruz e Souza; Odilo Costa Filho; Olavo Bilac; Olegário Mariano; Olga Savary; Olímpio de Carvalho; Olímpio Monat; Oliveira de Lima; Onestaldo de Pennaforte; Oneyda Alvarega; Orestes Barbosa; Orígenes Lessa; Orozimbo Nonato; Órris Soares; Oscar Lopes; Oscar Mendes; Oscar Tenório; Osório Duque Estrada; Oswaldo Cruz; Oswaldo de Andrade; Oswaldo Orico; Otávio de Faria; Otávio Melo Alvarenga; Otávio Tarquínio de Sousa; Ovídio de Abreu; Paranhos de Siqueira; Passos Guimarães; Paul Inglês de Sousa; Paula Nei; Paulo Barreto; Paulo Berger; Paulo de Frontin; Paulo Emílio; Paulo Hecker Filho; Paulo Mendes; Paulo Mendes de Almeida; Paulo Ronai; Paulo Setubal; Pedro Aleixo; Pedro Calmon; Pedro da Cunha Pedrosa; Pedro da Cunha Pedrosa; Pedro Moacyr; Pedro Nava; Pedro Sinzig (Frei); Peregrino Júnior; Pereira da Silva; Pereira de Lima; Perilo Gomes; Pinheiro Machado; Pires de Almeida; Plínio Doyle; Plínio Ribeiro; Pontes de Miranda; Prudente de Moraes; Prudente de Moraes Neto; Quintino Bocaiúva; Raimundo Correia; Raimundo de Meneses; Ramalho Ortigão; Ramiz Glavão; Ranulfo Bocaiúva Cunha; Raquel de Queirós; Raquel Jardim; Raul Bopp; Raul de Leoni; Raul Fernandes; Raul Pederneiras; Raul Pila; Raul Pompéia; Raul Soares; Raymond Poincaré; Regueira Costa; Reinaldo Ponchal; Reinaldo Porchat; Ribeiro Couto; Roberto Gomes; Rocha Pombo; Rodolfo Garcia; Rodrigo Melo Franco de Andrade; Rodrigo Otávio; Rodrigo Otavio Filho; Rodrigues

Crespo; Rodrigues de Abreu; Roger Bastide; Ronald de Carvalho; Rosa Tripoli; Rosário Fusco; Rosendo Moniz; Rubens Borba de Moraes; Rubens Figueiredo; Rui Barbosa

## **S-W**

Salvador de Mendonça; Sampaio Freire; San Tiago Dantas; Sérgio Armando Frazão; Sérgio Buarque de Holanda; Sérgio Pachá; Silva Melo; Silva Ramos; Silveira Martins; Silveira Neto; Silvério Gomes Pimenta; Silvio da Cunha; Sílvio Meira; Sílvio Rabello; Silvio Romero; Sobral Pinto; Sosígenes Costa; Sousa Bandeira; Souza de Silveira; Tarsíla Amaral; Tasso da Silveira; Tasso Fragoso; Teodoro Sampaio; Teresa Di Prospéro [?]; Teresa Pinto; Thiers Martins Moreira; Thomas Cochrane; Tobias Monteiro; Tomás Delfino; Tomás Ribeiro Colaço; Tristão de Alencar Araripe Júnior; Valdemar Cavalcanti; Valdermar Pequeno; Valentim Magalhães; Veiga Miranda; Venceslau Brás; Veríssimo de Melo; Vicente de Azevedo; Vicente de Carvalho; Vicente Licínio Cardoso; Vieira da Cunha; Vieira Souto; Vigário Pedrosa; Vigário Pedrosa; Vinícius de Moraes; Visconde de Ouro Preto; Vitor Margueritte; Vitor Meireles; Vitrúvio Marcondes; Vivaldo Coaraci; Waldemar Ferreira; Walmos Chagas; Washington Garcia; Washington Luís; Washington Pires; Wilson Castelo Branco; Wilson Martins; Wilson Martins; Wlademar Falcão; Xavier Marques; Xavier Placer; Yan de Almeida Prado (pseudônimo); Zilá Correa de Araújo; Zulmiro Vieira